



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Programa em Família na Sociedade Contemporânea

**JOANA D'ARC SILVA SANTOS**

**RELACIONAMENTO FRATERO EM FASE ADULTA: DINÂMICA  
E SIGNIFICADO**

**Salvador  
2022**

**JOANA D'ARC SILVA SANTOS**

**RELACIONAMENTO FRATERO EM FASE ADULTA: DINÂMICA  
E SIGNIFICADO**

Tese Doutoral apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador- UCSAL como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor.  
Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elaine Pedreira Rabinovich.  
Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos.

**Salvador  
2022**



Bibliotecas

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de

S237 Santos, Joana D’Arc Silva

Relacionamento fraterno em fase adulta: dinâmica e significado/ Joana D’Arc Silva Santos. – Salvador, 2022.

160 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos.

## TERMO DE APROVAÇÃO

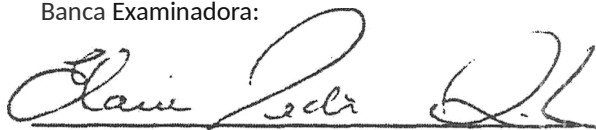
Joana D'Arc Silva Santos

### RELACIONAMENTO FRATERO EM FASE ADULTA: DINÂMICA E SIGNIFICADO

Tese apresentada como requisito parcial para o grau de Doutor em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 29 de março de 2022.

Banca Examinadora:

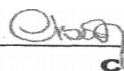


Prof.º Doutor Elaine Pedreira Rabinovich - Orientador(a) - UCSAL

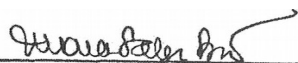
Prof.ª Doutora Ana Cecília de Sousa Bltencourt Bastos - Coorientador(a) - UCSAL



**Prof.ª Doutora Wanderlene Cardozo Ferreira Reis - SEC**



Prof.ª Doutora Cinthia Barreto Santos Souza - UNIFACEMP



Prof. Doutora Eliana Sales Bri to - UCSAL



**Prof.ª Doutora S** umaia **Midi** e J Pimentel Sá-UCSAL

## DEDICATÓRIA

A meus filhos Isaac e Esther,  
inspiradores deste trabalho.

Ao meu pai Sebastião Silva (*in  
memoriam*).

Aos meus queridos e amados irmãos  
Valdirene e Geovane.

Ao meu esposo Ivan e seus irmãos:  
Sônia (*in memoriam*), Osmar, Maria,  
Lenice, Lúcio, Dulce e Nilder.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por sua maravilhosa intervenção ao longo de todo o processo, muito obrigada.

Aos meus filhotes amados, Isaac e Esther, verdadeiras pérolas em minha vida.

Ao meu esposo Ivan, companheiro, amigo e incentivador.

Às queridas professoras e orientadora Elaine e coorientadora Ana Cecília, sem vocês este trabalho não se concretizaria, obrigada pelo carinho, amizade, atenção e torcida.

Aos meus colegas de trabalho do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães pela força e incentivo.

A minha mãe pela torcida.

Aos meus irmãos Valdirene e Geovane por estarem sempre presente em minha vida, mesmo distante.

Ao grupo de pesquisa FABEP, de modo particular a minha querida amiga Wanderlene.

Aos professores, coordenadores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL.

A minha colega de turma Geovanea.

Ao ex-diretor do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães Gilson Macedo.

Finalmente, aos meus entrevistados que gentilmente se propuseram a colaborar com meu trabalho, narrando suas narrativas.

*” Irmão, meu querido amigo! Está tudo resolvido! Fui sentenciado a quatro anos de trabalho numa fortaleza e depois servirei numa tropa. (...) Pedi para te ver. Mas disseram que seria impossível; posso apenas te escrever esta carta. (...) Irmão! Juro que não perderei a esperança e manterei a pureza de alma e de coração. Vou renascer para melhor”.*

*(Fiódor Dostoiévsky)*

SANTOS, Joana D’Arc Silva. **Relacionamento fraterno em fase adulta: dinâmica e significado**. Orientadora: Elaine Pedreira Rabinovich. 153 f. il. Tese (Doutorado em Família) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2022.

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar a dinâmica e o significado das relações entre irmãos em fase adulta mediana. Participaram da pesquisa 18 irmãos divididos em gênero e posição na fratria a saber: três primogênitos e três primogênicas; três irmãos do meio e três irmãs do meio; três caçulas homens e três caçulas mulheres com idades variando entre 40 e 57 anos. A partir das narrativas de vida dos irmãos buscou-se inferir sobre o que torna essa relação mais ou menos intensa, tendo em vista fatores que a facilitam ou a inibem. O referencial teórico utilizado para a embasar a análise dos dados foi o fenomenológico; sendo subsidiado por vários autores dentre eles: Adler, Zittoun, Lévinas, Cerveny Sharp, Conti e outros. A metodologia utilizada foi a qualitativa com a técnica narrativa de vida. Os resultados indicam dois sentimentos que permeiam a dinâmica do relacionamento entre os irmãos em fase adulta mediana: proximidade ou distanciamento emocional. Destacaram-se três núcleos facilitadores da relação: primeiro o cuidado entre os irmãos como resultado de uma obediência a um mandato parental; segundo a casa da mãe como local agregador para reuniões e festas em família; terceiro a utilização de recurso tecnológico (aplicativo para mensagens e chamada de voz) como mediador para a aproximação entre os irmãos. Dentre os fatores que dificultam o relacionamento entre os irmãos foram observados: pensamento e opiniões divergentes sobre assuntos diversos; ausência de contato pessoal ou comunicação via recurso tecnológico; diminuição dos encontros familiares. Os fatores que facilitam ou dificultam esse dinamismo emocional corroboram com a intensidade desses sentimentos; sugerindo que acolher o outro (irmão) vai além da obediência ao mandato parental: é livre escolha que cada um faz para exercer o cuidado e o respeito. Esses sentimentos não são exclusivos e podem ambos permear o relacionamento entre os irmãos. Num movimento sutil que, às vezes, os fazem oscilar entre sentimentos de proximidade e distanciamento emocional, a relação entre os irmãos vai sendo tecida. Foi observado também que as recordações do convívio dos irmãos na infância, de certo modo, funcionam como um recurso para aproximá-los subjetivamente em fase adulta. Elas minimizam a percepção de distanciamento emocional entre eles. Ao presentificar sentimentos e emoções vivenciadas na infância os irmãos podem, em certa medida, fortalecer suas relações em fase adulta mediana, ressignificando o que lhes transmite mais sentido sobre relacionar-se com um irmão: o companheirismo e a amizade.

**Palavras-chave:** Relações fraternas. Dinâmica familiar. Adultos. Irmãos.

SANTOS, Joana D'Arc Silva. **Fraternal relationships in adulthood: dynamics and meaning**. Advisor: Elaine Pedreira Rabinovich. 153 f. il. Thesis (Doctorate in Family) – Postgraduate Program in Family in Contemporary Society, Catholic University of Salvador, Salvador, 2022.

### ABSTRACT

This study aimed to analyze the dynamics and meaning of relationships between siblings in mid-adulthood. Participated in the research 18 brothers divided by gender and position in the phratry, namely: three firstborn and three firstborn; three middle brothers and three middle sisters; three youngest men and three youngest women aged between 40 and 57 years. Based on the brothers' life narratives, we sought to infer what makes this relationship more or less intense, considering factors that facilitate or inhibit it. The theoretical framework used to support the data analysis was the phenomenological one; being subsidized by several authors, among them: Adler, Zittoun, Lévinas, Cervený, Sharp, Conti and others. The methodology used was qualitative with the narrative of life technique. The results indicate two feelings that permeate the dynamics of the relationship between siblings in mid-adulthood: closeness or emotional distance. Three facilitating nuclei of the relationship stood out: first, care between siblings as a result of obedience to a parental mandate; according to the mother's house as a gathering place for family meetings and parties; third, the use of a technological resource (application for messages and voice calls) as a mediator for the approximation between the brothers. Among the factors that make the relationship between the brothers difficult were observed: divergent thoughts and opinions on different subjects; absence of personal contact or communication via technological resource; decrease in family gatherings. The factors that facilitate or hinder this emotional dynamism corroborate the intensity of these feelings; suggesting that welcoming the other (sibling) goes beyond obedience to the parental mandate: it is a free choice that each one makes to exercise care and respect. These feelings are not exclusive and can both permeate the relationship between siblings. In a subtle movement that sometimes makes them oscillate between feelings of closeness and emotional distance, the relationship between the brothers is woven. It was also observed that the memories of the siblings' coexistence in childhood, in a way, work as a resource to subjectively bring them closer in adulthood. They minimize the perception of emotional distance between them. By presenting feelings and emotions experienced in childhood, siblings can, to a certain extent, strengthen their relationships in mid-adulthood, giving new meaning to what gives them more meaning about relating to a sibling: companionship and friendship.

**Keywords:** Fraternal relationships. Familiar dynamics. Adults. Siblings.

SANTOS, Joana D'Arc Silva. **Les relations fraternelles à l'âge adulte: dynamique et sens.** Conseillère: Elaine Pedreira Rabinovich. 153 s. il. Thèse (Doctorat en famille) – Programme de troisième cycle en famille dans la société contemporaine, Université catholique de Salvador, Salvador, 2022.

### RESUMEN

Cette étude visait à analyser la dynamique et le sens des relations entre frères et sœurs au milieu de l'âge adulte. Ont participé à la recherche 18 frères répartis par sexe et position dans la fratrie, à savoir: trois premiers-nés et trois premiers-nés; trois frères moyens et trois sœurs moyennes; trois hommes les plus jeunes et trois femmes les plus jeunes âgés entre 40 et 57 ans. Depuis des récits de vie des frères, nous avons cherché à déduire ce qui rend cette relation plus ou moins intense, compte tenu des facteurs qui la facilitent ou l'inhibent. Le cadre théorique utilisé pour soutenir l'analyse des données était le cadre phénoménologique; étant subventionné par plusieurs auteurs, parmi lesquels: Adler, Zittoun, Lévinas, Cervený, Sharp, Conti et autres. La méthodologie utilisée était qualitative avec la technique du récit de vie. Les résultats indiquent deux sentiments qui imprègnent la dynamique de la relation entre frères et sœurs à l'âge adulte: la proximité ou la distance émotionnelle. Trois noyaux facilitateurs de la relation se sont démarqués: premièrement, l'attention entre frères et sœurs résultant de l'obéissance à un mandat parental; selon la maison de la mère comme lieu de rassemblement pour les réunions de famille et les fêtes; troisièmement, l'utilisation d'une ressource technologique (application pour les messages et les appels vocaux) comme médiateur pour le rapprochement entre les frères. Parmi les facteurs qui rendent la relation entre les frères difficile, on a observé: des pensées et des opinions divergentes sur différents sujets; absence de contact personnel ou de communication via des ressources technologiques; diminution des réunions de famille. Les facteurs qui facilitent ou entravent ce dynamisme émotionnel corroborent l'intensité de ces sentiments; suggérant que l'accueil de l'autre (frère) va au-delà de l'obéissance au mandat parental: c'est un choix libre que chacun fait d'exercer soin et respect. Ces sentiments ne sont pas exclusifs et peuvent tous deux imprégner la relation entre frères et sœurs. Dans un mouvement subtil qui les fait parfois osciller entre sentiments de proximité et distance affective, la relation entre les frères se tisse. Il a également été observé que les souvenirs de la convivialité de la fratrie dans l'enfance, en quelque sorte, fonctionnent comme une ressource pour les rapprocher subjectivement à l'âge adulte. Ils minimisent la perception de la distance émotionnelle entre eux. En présentant des sentiments et des émotions vécus dans l'enfance, les frères et sœurs peuvent, dans une certaine mesure, renforcer leurs relations au milieu de l'âge adulte, donnant un nouveau sens à ce qui leur donne plus de sens dans la relation à un frère: la camaraderie et l'amitié.

**Mots-clés:** Relations fraternelles. Dynamique famille. Adultes. Fratrie.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>FAMÍLIA: CONCEITO PLURAL</b>	<b>26</b>
<b>2.1</b>	<b>Origem e significado vocabular</b>	<b>27</b>
<b>2.2</b>	<b>Ambiente de desenvolvimento e socialização</b>	<b>32</b>
<b>2.3</b>	<b>Família Mundo Simbólico</b>	<b>34</b>
<b>2.4</b>	<b>Por uma definição de Família</b>	<b>35</b>
<b>3</b>	<b>O RELACIONAMENTO FRATERO</b>	<b>37</b>
<b>3.1</b>	<b>Irmão: o vínculo</b>	<b>37</b>
<b>3.2</b>	<b>Irmãos: uma relação de parentesco</b>	<b>39</b>
<b>3.3</b>	<b>Irmãos: o outro que chega</b>	<b>42</b>
<b>3.4</b>	<b>Irmãos: ordem de nascimento</b>	<b>46</b>
<b>3.5</b>	<b>Irmãos: gênero</b>	<b>51</b>
<b>3.6</b>	<b>Irmãos: Idade cronológica</b>	<b>55</b>
<b>3.7</b>	<b>Irmãos: rivalidade</b>	<b>57</b>
<b>4</b>	<b>RELACIONAMENTO FRATERO EM FASE ADULTA</b>	<b>61</b>
<b>4.1</b>	<b>Relacionamento em fase adulta: pesquisas sobre o tema</b>	<b>61</b>
<b>5</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b>	<b>76</b>
<b>5.1</b>	<b>Contexto de Investigação</b>	<b>79</b>
<b>5.2</b>	<b>Interpretação dos dados</b>	<b>82</b>
<b>5.3</b>	<b>Plano de Análise</b>	<b>83</b>
<b>5.4</b>	<b>Aspectos éticos</b>	<b>84</b>

<b>6</b>	<b>AS ANÁLISES INTERPRETATIVAS DAS NARRATIVAS</b>	<b>85</b>
<b>6.1</b>	<b>Envolvimento Emocional sentimento de proximidade</b>	<b>87</b>
<b>6.1.1</b>	<b>A mãe: figura que agrega</b>	<b>93</b>
<b>6.1.2</b>	<b>A casa da mãe: ambiente que agrega</b>	<b>97</b>
<b>6.1.3</b>	<b>Contato entre os irmãos mediado por aplicativo de mensagens</b>	<b>102</b>
<b>6.2</b>	<b>Distanciamento Emocional sentimento de afastamento</b>	<b>106</b>
<b>6.2.1</b>	<b>Afastamento, conflitos e cuidados com a mãe</b>	<b>106</b>
<b>6.2.2</b>	<b>Ausência de comunicação frequente e reuniões familiares</b>	<b>109</b>
<b>6.2.3</b>	<b>A presença dos agregados</b>	<b>112</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>118</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>125</b>
	<b>APÊNDICES</b>	
	Apêndice A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	
	Apêndice B - Formulário para coleta de dados sociodemográficos	
	Apêndice C - Tópico norteador para a narração	
	<b>ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Esta tese insere-se na área de estudo sobre família e suas relações. Surge de uma inquietação pessoal semeada nos encontros do grupo de pesquisa Família (Auto) Biografia e Poética (FABEP), ao longo da experiência de seis anos com a autoetnografia colaborativa que naquele momento estava em curso. Os participantes do grupo debruçavam-se sobre a seguinte temática: as memórias sobre relacionamento fraterno. Mergulhei e descortinei alguns questionamentos que me auxiliaram no esboço deste trabalho.

Nesse percurso investigativo sobre os irmãos pude, aos poucos, ir adentrando de modo mais profundo na temática fraterna. As lembranças partilhadas pelos membros do grupo sobre o relacionamento fraterno de cada um despertaram-me para que aprofundasse mais nessa temática a fim de desnudar sua dinâmica. Nesse processo, as lembranças dos relacionamentos de cada um, ora nos aproximavam, ora nos distanciavam em nossas impressões e sentimentos sobre nossos relacionamentos fraternos.

Supõe-se que exista em cada um de nós um *imprinting* relacional que nos faz interagir com os outros a partir da lembrança de experiências compartilhadas. Nossas lembranças sobre nosso relacionamento familiar orientam nossa percepção e tomada de decisões sobre como nos relacionar com as pessoas ao longo de nossa existência. A verbalização dessas lembranças promove um momento reflexivo sobre o modo como nos relacionamos dentro e fora de casa. Nesse contexto narrativo nossas experiências relacionais podem ser resignificadas, repetidas ou ignoradas. O que promovia nosso desenvolvimento pessoal, e ao mesmo tempo, nossa empatia e comprometimento com as demandas subjetivas do outro. A pesquisa promove o desenvolvimento e o comprometimento existencial do pesquisador (CASTRO, Gilliano; COSTA, Márcio, 2018). Assim, comprometi-me com a pesquisa sobre o relacionamento fraterno em fase adulta de modo mais profundo a fim de descortinar suas nuances e significados.

Associada a essa primeira inquietação soma-se também minha experiência de mais de vinte anos de docência em uma escola Pública de Ensino Médio em Camaçari-BA com cerca de 2000 alunos. Pude nesse ambiente, de modo empírico, observar o relacionamento fraterno de colegas de trabalho que possuíam um irmão no mesmo local laboral, de alunos com seus respectivos irmãos, na mesma série, em séries diferentes ou turnos distintos. Nessas observações o que chamava minha atenção era o modo como

meus colegas de trabalho se relacionavam com seus irmãos. Havia um apoio e uma cumplicidade com relação à educação dos filhos daqueles que já os tinham. Muito interessante o afeto que demonstravam e a preocupação quando sabiam que um dos irmãos estava com algum problema; a divisão de cuidados quando um dos pais estava doente ou mesmo outro familiar.

Tive acesso a essas informações na sala de professores, onde no intervalo, colegas de trabalho que eram irmãos, conversavam sobre seus dilemas pessoais e profissionais.

Com os alunos que tinham irmãos não era diferente. Com eles meu olhar além de observá-los, no modo como se relacionavam, também se direcionava para seus responsáveis. Observava a preocupação que eles tinham ao matricular seus filhos e o desejo de que ficassem na mesma sala, saíssem juntos e principalmente, caso necessário numa eventual desavença com algum colega, que os irmãos se defendessem. Percebi nas entrelinhas de alguns pais que, prezavam que seus filhos estivessem no mesmo turno e sala, um desejo para que fossem unidos. Havia um forte apelo que, de modo velado e indireto, revelava o que realmente almejavam, ou seja, a segurança dos filhos. A escola, às vezes, pode tornar-se um ambiente violento e hostil para os alunos; tendo em vista possíveis brigas entre eles. E os pais não podem intervir a favor de seus filhos, nesse ambiente, do modo como desejariam. Logo, quando os irmãos acolhem o apelo dos responsáveis para que se ajudem e se protejam, eles estão cumprindo um apelo que de certo modo, diminui a ansiedade e a preocupação dos responsáveis com relação a segurança e integridade de seus filhos.

Meu convívio fraterno com uma irmã e um irmão e com os irmãos e irmãs de meu esposo de certo modo fizeram-me também pensar que há belezas e percalços nesse relacionamento. Belezas e revesses que se escondem em nossas impressões ao longo do tempo. O convívio com um irmão é entrecortado por conflitos, rivalidades, tensões e alegrias. É esse mar de contradições de sentimentos e impressões que nos ajudam em nossa constituição como sujeitos. Para Davies (2015) o relacionamento fraterno pode ser fundamental no modo como o *self* de cada um é formado.

Destaco, também, a relação fraterna de meus dois filhos: o primogênito com 21 anos e a caçula com 18. Desde pequenos o modo como cada um se colocava no relacionamento fraterno sempre encantava meu olhar observador. Os sentidos direcionam nosso olhar para a realidade que nos cerca e começar a pensar sobre ela e sua razão de ser é o começo do fazer científico.

Vejo, também, como um ponto a destacar a expectativa de vida da população mundial isso fará com que grupos ou díades de irmãos vivam por mais tempo. E talvez o irmão seja uma das poucas pessoas com as quais um adulto ou idoso possa contar para se relacionar nessa fase da vida.

Segundo Milevsky et al. (2013) 90% dos ocidentais têm pelo menos um irmão (biólogico, meio-irmão, adotivo). A importância do relacionamento fraterno vai além do desenvolvimento humano, encontrando eco no processo de mudança na estrutura da família; ou seja, os irmãos são os responsáveis diretos pela dinâmica do ciclo familiar colateral (GUERRA et col., 2016).

Essa dinâmica do ciclo familiar se faz pela existência dos tios e primos, naquelas famílias onde haja a presença de irmãos. Ela pode estar ameaçada pela diminuição da taxa de fecundidade da mulher brasileira. A tendência da redução acelerada populacional já está presente em nosso meio (CAMARANO, 2014), o que significa um impacto sobre a disponibilidade de irmãos nas famílias em território nacional, como já se configura em alguns países europeus pela opção cada vez mais recorrente de se ter um filho único ou nenhum filho. Por isso, a importância atribuída aos irmãos é determinante na decisão de ter filhos (GUERRA, 2016).

Outro aspecto são as diferenças culturais e étnicas. Elas também devem ser levadas em conta para que o entendimento sobre o relacionamento fraterno em fase adulta e velhice possa ser cada vez mais esclarecido. A proximidade ou o distanciamento de um irmão pode não ser apenas falta de comunicação ou ressentimento, mas um componente cultural que leva o indivíduo a ter um comportamento menos caloroso com seu irmão sem o perceber. Há necessidade de uma mútua aceitação entre os irmãos (ALBERT, Erdmute, COE, Cati; THELEN, Tatjana, 2013) que pode ser influenciada por componentes culturais que a intensifiquem.

Dessa forma investigar o modo como os irmãos se relacionam e como se mantêm unidos é também desvendar o padrão cultural que, de certo modo, rege o grupo de irmãos, sua família e o contexto social maior onde eles estão inseridos. É objetivamente procurar entender sob quais recursos materiais e simbólicos a relação fraterna em fase adulta se impõe; a fim de mapeá-lo tendo em vista o que reverbera sobre ele tornando-o mais ou menos intenso.

Sendo assim, contando com leituras sobre essa temática percebi que a subjetividade e sua relação com a alteridade era um aspecto importante do relacionamento entre os irmãos. De modo específico quando a subjetividade está contextualizada no âmbito das relações familiares ela vai sendo mediada pela cultura como sua constituinte a partir de uma interconexão dentro de um mesmo todo (BASTOS, 2019). A família abriga a subjetividade de cada membro que é inviesada pela cultura do ambiente social onde se encontra. Ao mesmo tempo em seu dinamismo relacional é capaz de ressignificar essa mesma cultura e por conseguinte a subjetividade de seus membros. No relacionamento fraterno cada irmão é influenciado em sua subjetividade pela cultura do meio social onde vive, e pela leitura que a família faz dessa mesma cultura. Os pais repassam os códigos culturais do meio onde vivem, adaptando-os, quando necessário, às suas crenças e valores. Essa leitura feita incide sobre o modo como cada irmão se relaciona consigo e com seu par, demais parentes e demais pessoas. Por isso, colocar o relacionamento fraterno no centro, permite, também, melhor clareza sobre outras relações de parentesco ao longo do tempo, no tocante à sua continuação e rompimento conforme esclarecem Alber, Coe, Thelen (2013). Como o modo mais adequado para se manter conectado com pessoas fora do ambiente familiar.

Investigar quais fatores interferem nessa dinâmica de proximidade e distanciamento no parentesco, a partir dos irmãos torna-se mais significativo quando o olhar do pesquisador pousa sobre a cultura familiar. Ela sedimenta essas relações a partir da utilização de recursos materiais e simbólicos que fortalecem ou mesmo enfraquecem o relacionamento entre os irmãos.

Cabe ressaltar que neste trabalho entende-se cultura como parte inerente das funções psicológicas humanas: como processos subjetivos que permitem às pessoas se relacionarem e modificarem seus “mundos sociais” e concomitantemente serem modificadas por eles, sendo responsáveis pelo dinamismo do nosso existir, presente em nossas ações e pensamentos (VALSINER, 2007). Por isso, a transmissão intergeracional da cultura garante às gerações a continuidade da sociedade (VALSINER, 2012).

Essa transmissão se dá em um tempo e lugar específicos, condições intrínsecas às experiências dos seres humanos para externalizar a cultura que internalizaram por meio da linguagem. Em termos teóricos e metodológicos a cultura funciona como um sistema semiótico de regulação pessoal e social (VALSINER, 2000). E o modo como os

significados sobre nós e o mundo à nossa volta são construídos, segundo Bruner (1997), parece ser uma das maiores contribuições da Psicologia.

O ser humano constrói significados sobre suas ações e o mundo à sua volta num processo constante e dinâmico que envolve cognição, imaginação, emoção e afeto (ZITTOUN, 2006). A construção de significados, essencial para o desenvolvimento humano, como salientam Perret-Clermont & Zittoun (2002) é entrecortada e mediada por unidades semióticas, quais sejam: linguística, comportamental e visual dentre outras disponíveis na cultura na qual o indivíduo se encontra. O resultado desse processo é uma transformação qualitativa nas habilidades de pensamento e ação sobre o mundo e sobre si mesmo, o que de fato é determinante para o desenvolvimento humano ao longo do tempo.

Por isso, investigar o relacionamento fraterno em fase adulta, implica reconhecê-lo como construído a partir de experiências cotidianas, logo um processo semiótico que em sua dinâmica pode promover novos olhares de significação sobre o si mesmo e o outro. Dessa forma, por esse viés, podemos dizer que o ambiente familiar é por excelência um espaço sociocultural, um todo, constituído por fragmentos que se interconectam por meio das diferentes relações que nele se instalam ao longo do tempo.

A família é tecida no nós dos pais e no emaranhado da fratria. A ideologia individualista não permite ser e estar em família (PIERRON, 2009)<sup>1</sup> porque inaugura no indivíduo um processo de dessensibilização em relação ao seu semelhante e ao seu próprio meio social, diminuindo sensivelmente sua apreensão sobre limites e compartilhamento a favor do outro. O modo como a convivência familiar se faz no ordinário da vida possibilita a seus membros o conhecimento de si, a reconhecer-se e narrar-se a partir de sua identidade familiar (PIERRON, 2009).

Havendo mudanças no meio social no qual a família está imersa, a subjetividade dos membros familiares será afetada (MINUCHIN, 1982) o que influencia o dinamismo das relações familiares. Neste caso, a convivência familiar pode de certo modo ser tensionada, quer seja de forma negativa ou positiva conforme cada membro decida como ser e estar em família.

Por outro lado, mesmo diante de influências externas, os membros familiares podem optar pela prática da solidariedade como um diferencial em suas relações. Neste

---

<sup>1</sup> Texto não publicado. Traduzido por Elaine Pedreira Rabinovich. Filósofo, autor de *One ne choisit pas ses parents*, Seuil, 2003; e *Le climat familial, une poétique de la famille*, Cerf, 2009. Faculté de philosophie, Université Jean Moulin, Lyon, France. Adresse : 9 rue brillat saverin, 21000 Dijon. Email : pierron.jp@laposte.net

caso, ela seria o ligamento que permitiria maior interação entre todos, possibilitando que a doação ao outro se torne efetiva: uma prática cotidiana, com destaque para o relacionamento entre os irmãos que, pela horizontalidade propiciada pela realação, podem estar abertos para a solidariedade e ajuda mútua.

Neste sentido, a qualidade do relacionamento parental no modo como soluciona conflitos e demonstra afeto influencia os irmãos na maneira como deverão relacionar-se e solucionar conflitos (MOSMANN, Clarice; COSTA, Cristofer; EINSFELD, Priscila, 2011). A qualidade do relacionamento parental possui relação direta com a qualidade da relação entre os irmãos (MACKINNON, 1989). Logo, pais que exercitam a solidariedade entre si estão conduzindo seus filhos numa maneira distinta de ser e relacionar-se. É por meio da interação social que as pessoas desenvolvem seus valores. A interação social também possibilita as pessoas a adaptação ao grupo de pertença. Ela as enquadra em padrões convergentes com o que esse grupo considera como valor desejável (SCHÖNPFLUG, 2001).

Por meio de valores e sentimentos positivos, presentes no ambiente familiar, pode-se possibilitar que o individualismo, como também o hedonismo, sejam bases sob as quais a família não configure sua dinâmica relacional. Os valores têm relação com construções envolvidas com conteúdo afetivo, segundo Valsiner (1997). Desse modo, a interdependência relacional, quando mediada por sentimentos e valores positivos torna-se uma base eficiente que possibilita aos membros familiares construir uma identidade que vai além da individual.

Nesse sentido a identidade torna-se estendida entre os membros caracterizando-os como grupo. Essa ideia foi proposta por Chaudhary (2009) como *self* familiar. Ou seja, um conceito ampliado que abrange qualquer dimensão de totalidade além da personalidade individual que concebe a família como um todo a partir da interação psicodinâmica de seus membros. O *self* familiar expressa a vivacidade familiar de modo cíclico e dinâmico como esclarece Byngton (2011).

Com os irmãos, a partir da ideia de *self* familiar, levanto o seguinte questionamento: haveria possibilidade de um *self* fraterno? Uma identidade estendida entre os irmãos caracterizada pela vivência recíproca de valores e sentimentos que perdurasse ao longo do tempo? O relacionamento fraterno possui por sustentáculo a franqueza, a cumplicidade, conflitos e rivalidades como destacam Silveira (2002) Mcgoldrick et al. (2011), e Osório (2002). Logo, uma identidade fraterna percebida e vivenciada pelos irmãos desde a infância, poderia facilitar aos irmãos, em fase adulta,

vencerem os momentos de conflitos com maior eficácia. Estar em contato com outro de modo efetivo, reconhecê-lo e respeitá-lo pode ser um processo mediado pelas crenças e valores que a família preza, vivencia e reproduz para as gerações mais jovens.

Em família, expostos às interações diárias com as pessoas com as quais convivemos, tomamos contato com um pano de fundo cultural que direciona o nosso agir. E a moldagem subjetiva que esse tecido nos fornece é a base sob a qual edificamos nossas interações com o outro.

É na convivência em meio às experiências relacionais que os vínculos são construídos. Eles são necessários para a sobrevivência e identidade humana. O estabelecimento de vínculos é uma condição inerente ao ser humano. Quando o ser humano está atado a alguém, vinculado, pertencente ao grupo, sente-se subjetivamente estruturado; porque os vínculos favorecem a construção da identidade, a significação do mundo à nossa volta; o bem-estar individual, e a capacidade de resiliência. Pertencer a uma família, a uma comunidade, a uma cultura fornece sentimento de segurança e, posteriormente o desenvolvimento da resiliência (RAMOS, 2004).

Segundo Ainsworth (1989) um vínculo afetivo é um laço relativamente durável onde o outro ao qual se está vinculado não pode ser trocado, havendo um desejo de proximidade com ele. Em família nas mais diversas relações, parentais, filiais e entre os irmãos o vínculo apresenta-se como uma liga que mantém os membros unidos e de certo modo, abrigados emocionalmente.

Por isso, o homem é compreendido a partir de suas relações e vínculos (AGUIAR, 2000). É por meio da ligação com o outro que o ser humano se faz, se constitui como sujeito num processo denominado por Sahlins (2011) de mutualidade do ser: o que define a qualidade dos modos de existência (JUNIOR, João Paulo; MARSHALL, Sahlins, 2016).

Dessa forma, é em contexto familiar, por meio das relações, que o homem é compreendido. Seu sentido e significado de ser e estar no mundo é negociado constantemente através das interações estabelecidas entre os membros. Com os irmãos essa negociação ganha um contorno diferente por expor o outro como igual e diferente ao mesmo tempo. O outro desestabiliza o EU, e quando o tenciona, provoca sua instituição (CUNHA, 2007). Logo constatamos que é uma necessidade humana aprender a ser e relacionar-se com outros humanos com os quais estamos vinculados afetivamente, como também repassar esse aprendizado. Somos seres essencialmente relacionais, cujas relações devem ser mediadas pela escuta atenta do outro (DONATI,

2011); essa escuta atenta permite que o outro se desvele e se desnude sem receio de ser o que realmente é.

Quando em família, por meio das diferentes relações, essa possibilidade de ser ouvido de modo atento pode ser mais efetiva. Outros grupos ou círculos sociais dos quais se faça parte, talvez não nos ouçam de modo atento com a mesma eficácia e, porque não dizer, beleza.

Assim, pensar sobre o relacionamento entre os irmãos, é pensar sobre o outro que pode nos revelar e nos expor de modo desconcertante por meio de sua narrativa, e seu jeito de ser e agir. Este desafio de ser desnudo pelo outro se faz necessário para nosso desenvolvimento. Os irmãos desempenham um papel singular no desenvolvimento emocional, cognitivo e social uns dos outros (SÁ, 2015).

Desde a primeira, infância crianças com irmãos têm no relacionamento fraterno um laboratório para treinar essas habilidades. Um aprendizado que não está restrito à infância. Com o passar dos anos novas habilidades emocionais, cognitivas e sociais são requisitadas e se há convívio entre os irmãos haverá o desenvolvimento dessas habilidades de um modo mais efetivo.

A maioria das pessoas convive boa parte de sua vida com um ou mais irmãos; eles desempenham um papel significativo no desenvolvimento humano. Segundo Kosonen (1996), para crianças, os irmãos são a pessoa mais importante e valiosa da vida. O irmão é o companheiro constante e com ele se vivencia eventos positivos e negativos, como brincadeiras, desavenças, competições; o que favorece a maturação de habilidades emocionais como a empatia e o fortalecimento de competências sociais como o autocontrole (BRODY, 2003).

O outro como oposição, estranhamento e familiaridade, apoio e espanto é contingente para o nosso desenvolvimento (BASTOS, 2019). Encontrar-se com o outro e tocar sua realidade nos influencia e nos faz ao mesmo tempo influenciadores de sua existência também. Como afirma Lévinas (1997) o outro nos chama a uma responsabilidade. Por isso, a ética se fundamenta no outro e para ele. Ser só pode acontecer quando o outro é. Sem esta exigência ética, o eu se torna destituído de sentido, existência e humanidade (SANTOS, 2009).

Investigar a dinâmica relacional fraterna é a possibilidade de tocar essa realidade que norteia nosso desenvolvimento para descobrir seus encantos e seus percalços, analisar de que modo essa relação se constrói e se mantém ao longo do tempo e sob qual ou quais meios os irmãos se valem para manter seu relacionamento.

Assim, diante do exposto emergiu o seguinte questionamento norteador desta pesquisa: como se dá a dinâmica e o significado do relacionamento fraterno para adultos que tenha irmãos ao longo do tempo? Esse dinamismo relacional pode ser mediado por algum recurso quer seja de ordem simbólica ou material? Como seria a utilização de recursos materiais e simbólicos por adultos que tenham irmãos a fim de manter o dinamismo do relacionamento fraterno?

Salienta-se que o objeto científico é construído pelo pesquisador e não fornecido pela realidade que o cerca (BACHELARD, 1996). Logo, o investigador o constrói e ao mesmo tempo o desvela, num processo em que objeto e pesquisador se influenciam mutuamente para tornar palpável o conhecimento produzido. E o primeiro passo que conduz esse processo é a elaboração de um Projeto de Pesquisa que por mim fora feito no curso de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, na linha de pesquisa Contextos Familiares e Subjetividades.

O resultado é esta tese intitulada: Relacionamento fraterno em fase adulta: dinâmica e significado. Para organizar o processo de investigação escolhi objetivos que notassem minha pesquisa. Partí de um objetivo geral: investigar a dinâmica e o significado do relacionamento fraterno para adultos em idade mediana ao longo do tempo, a partir da utilização de recursos materiais e simbólicos. E por meio desse desdobrei outros objetivos específicos a fim de elucidar a temática a qual propus para este trabalho científico. Ou seja: investigar como adultos de meia idade concebem o relacionamento fraterno e vivenciam sua dinâmica ao longo do tempo; identificar os recursos materiais e simbólicos utilizados por indivíduos adultos no relacionamento fraterno ao longo do tempo; discutir sobre o modo e as estratégias para a utilização desses recursos e o impacto que exercem na dinâmica fraterna ao longo do tempo; analisar a disponibilidade diferenciada de recursos simbólicos e materiais, nos diferentes contextos de fratria e a maneira como são utilizados na prática do relacionamento fraterno.

Saliento que neste estudo investigo a família a partir de suas relações de parentesco e interdependência. Relações aqui entendidas como um fenômeno de coexistência interativa entre dois ou vários elementos conforme explicita Meynckens-Fourez (2000); podendo ser estabelecida tanto em plano horizontal, como as relações dos irmãos, como em plano vertical, como pais e filhos.

Parentesco, neste caso, parte das concepções de Sahlins (2011): um processo construído que não leva em conta apenas aspectos biológicos e que se sustenta numa

noção de *mutuality of being*. Essa noção estabelece os modos de conexão que as pessoas presentes na vida umas das outras mantêm (JUNIOR, João Paulo; MARSHALL, Sahlins, 2016).

É preponderante esclarecer também que a sociedade brasileira em suas matrizes indígena e africana possui uma identidade interdependente e relacional. Como esclarece Da Matta (1991) em nossa sociedade nós temos as relações e as pessoas. O fundamentado das relações em nosso meio ou seja: suas crenças, seus valores e práticas se fazem nos vínculos familiares ao longo do tempo; através da transmissão transgeracional. Por isso, ambos transmissão transgeracional e afeto são os ordenadores do comportamento dos indivíduos dentro e fora do ambiente familiar. Afeto aqui é concebido tanto como sentimento e afeição como impacto sobre o modo de ser do outro.

O caminho metodológico utilizado para a realização deste trabalho foi a qualitativa, denominada narrativa de vida. A partir dos relatos dos irmãos foi possível lançar um olhar sobre a dinâmica dos irmãos em fase adulta de meia idade com mais de um irmão e suas diferentes nuances, inclusive ao longo do tempo.

No que tange a estrutura do texto este estudo foi dividido em capítulos incluindo a introdução e as considerações finais. O primeiro capítulo consta desta introdução, onde há a justificativa para esta pesquisa delineando seus objetivos, as inquietações da pesquisadora sobre o tema, a descrição dos demais capítulos da tese.

No segundo capítulo discuto e apresento a família como um conceito plural. Destaco-a pelo viés social e apresento-a como ambiente de desenvolvimento e socialização. Traço também sua origem, significado vocabular e evolução ao longo do tempo. Apresento a dificuldade em se estabelecer uma definição sobre família e evidencio que o preponderante seja pensá-la por meio das relações de seus componentes, com destaque para as relações fraternas. Essas se dão de forma horizontal (de igualdade), diferente da relação dos irmãos com os pais (SINGLY, 2000). Os irmãos servem de modelo uns para os outros; por isso, há entre eles uma longa história de experiências compartilhadas em fase adulta (BEDFORD, 1989; BRUBAKER, 1990; CICIRELLI, 1991<sup>a</sup>, DEW, 2004). Por último discuto sobre a família e suas relações como mundo simbólico.

No terceiro capítulo abordo o relacionamento destacando-o em fase adulta abordando os seguintes aspectos: vínculo, parentesco, o irmão como o outro que chega, ordem de nascimento, gênero e idade cronológica.

No quarto capítulo apresento as pesquisas sobre esse tema. Há evidências de que o relacionamento fraterno foi negligenciado a favor dos relacionamentos entre pais e filhos e esposos, conforme relatam Bedford (2017); Fingerman e Hay (2002); Kluger (2012).

E quando era estudado grande parte das pesquisas sobre o relacionamento fraterno focavam na infância e adolescência como mostram os estudos de Mchale, Updegraff e Whiteman (2012); Whiteman, Mchale e Soli (2011).

Trabalhos mais recentes como os de Conger e Little (2010); Jensen, Whiterman e Fingerman (2018); Milevisky, Smoot e Ruppe (2005) examinam o relacionamento fraterno na transição para a fase adulta quando os irmãos passam a estabelecer suas vidas com relativa independência uns dos outros e dos pais. Percebe-se, a partir do exposto, que há escassez de estudos dentro e fora do Brasil sobre esse tema em fase adulta quer seja inicial, mediana ou na velhice.

O quinto capítulo traz o percurso metodológico utilizado para que os questionamentos feitos pela pesquisadora fossem respondidos. Descrevo a técnica de pesquisa qualitativa narrativa de vida. Narrar a própria história é apropriar-se da experiência vivenciada é resignificá-la, situando o discurso da própria vida num tempo menos acelerado, mais reflexivo.

Logo, diante do que foi exposto, necessário se faz olharmos para o relacionamento fraterno e suas características e como tem sido estudado em fase adulta; e a família como contexto de relações em que a convivência fraterna se faz.

## 2 FAMÍLIA: CONCEITO PLURAL

Definir família abrangendo suas especificidades de arranjos e de relações é uma tarefa delicada porque o ambiente familiar nos toca com sua realidade cotidiana, e ao mesmo tempo desafia nossas idealizações sobre ele. Uma visão idealista sobre vida familiar funciona como uma espécie de apego, suporte e refúgio para os indivíduos em nosso tempo, segundo Biroli (2014). E, desvencilhar-se dessa visão pode ser difícil porque ela envolve sentimentos, crenças e valores repassados ao longo do tempo por nossos familiares.

Hodkin *et. al* (1996) defendem que a dificuldade para definir família se deve à experiência individual de cada um com seus familiares, considerando os laços afetivos e de intimidade e não apenas a consanguinidade ou parentesco. A concepção subjetiva torna-se, assim, uma concepção individual sobre família que independe do arranjo familiar. Isto reflete, em certo sentido, que o modelo nuclear de família se torna insuficiente para a compreensão da realidade familiar.

Essa concepção subjetiva sobre família não está restrita ao indivíduo comum, mas a pesquisadores também. Afastar-se do objeto família, para melhor refletir e ao mesmo tempo está imerso em seu universo por meio de nossas relações familiares é desafiador. Esse movimento reflexivo nos coloca diante de duas realidades: o que sinto como família a partir de minha experiência com suas relações, e o que vejo que é família a partir da experiência familiar relacional do outro.

Por outro lado, a família como valor para a sociedade brasileira, segundo Duarte (1994) possui significados diferentes dependendo da camada social. A família com o significado de linhagem prevalece para a elite. Nesse sentido pessoas de uma mesma família sentem orgulho do patrimônio adquirido ao longo do tempo. Os laços familiares que mantêm essas famílias são mais corporativistas. Para a camada média o valor está na família nuclear.

A concepção de família nuclear vai de encontro à concepção sobre família presente na modernidade na qual existe a responsabilidade dos filhos apenas para os pais com certa diminuição da rede de apoio da família extensa. E para as camadas populares o valor da família se faz no cotidiano e na rede de ajuda mútua. Essa rede se

faz com os familiares consanguíneos da família nuclear e extensa, vizinhos e no compadrio. A pesquisadora Rapp (1992) indo numa linha investigativa que associava camada social e contexto familiar observou que para os norte-americanos brancos de camada média há uma tendência a eliminar-se os membros problemáticos da família extensa como: sobrinhos, primos, tios avós que sejam doentes, idosos, desempregados. do convívio nuclear para garantir a ascensão dos filhos profissionalmente. Por isso, cortar relações com membros que de algum modo ameace a estabilidade financeira para essas famílias é primordial.

Nas famílias pobres e negras norte-americanas acontece o contrário cria-se extensas redes de apoio para ajuda mútua. Há com essas famílias uma aproximação com as famílias populares brasileiras conforme os achados de Fonseca (2004). Nesses grupos familiares, que incluem primos, tios cunhados, ex-cunhados, sogros, sogras, avós, netos, compadres, os poucos recursos são divididos com a família extensa.

Sendo assim, talvez, pensar sobre família encontre sentido quando se pensa no que ela pode fazer pelos indivíduos como primeiro ambiente social com o qual ele tem contato a partir de suas percepções que vão sendo tecidas ao longo do tempo. E as consequências das marcas, positivas ou não, dos relacionamentos que vão sendo impressas em seus membros, lhes configurando um modo peculiar de ver e agir sobre o mundo a sua volta.

Nos tópicos seguintes elenco algumas características sobre família que considero oportunos para pensarmos sobre sua importância para os indivíduos e o relacionamento fraterno.

## **2.2 Origem, significado vocabular e evolução**

Aliança e sexualidade são a base para a formação da família como a conhecemos hoje. Para Lévi-Strauss (2012), a aliança era um recurso que o grupo tinha para intervir sobre bens considerados importantes e escassos para a sobrevivência. Logo, a origem do casamento baseia-se num sistema de trocas; o interdito sobre o incesto não era uma regra que proibia casar-se com mãe, irmã ou filha, mas, ao contrário era uma regra que cedia para o outro as mulheres.

A realização deste ato nutria, em si, uma esperança: em outro lugar, o mesmo ato deve estar sendo feito por outra pessoa. Ou seja: o mesmo “dom” está sendo praticado. O ato de reciprocidade, neste caso, canaliza forças para a coesão e não para a competição ou dispersão do grupo (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Vale lembrar que para Lévi-Strauss (2012), a família é um agente que garante a lei e a cultura, possibilitando a manutenção da sociedade humana a matriz do processo civilizatório.

Dessa forma, o surgimento da família como uma associação entre natureza e cultura possibilitou ao homem não ser privado de mulher, à mulher não ser apartada de sua prole, e à família a característica de ser uma instituição humana duplamente universal (ROUDINESCO, 2003). Ela está presente em todas as sociedades, com arranjos diversificados, e em todos os períodos históricos conhecidos.

Surge de maneira espontânea concomitante com a simplicidade do desenvolvimento da vida humana (LECLERCQ, 1968). Por isso, reflete um princípio básico e incontroverso: a ligação do ser humano de algum modo aos seus familiares a partir do momento em que nasce, possibilitando também nossa mediação com a sociedade. Assim, destaca-se como primeiro grupo social com o qual temos contato, e a mais próxima instituição da natureza do homem.

Mesmo interagindo com complexas tramas relacionais familiares é possível a seus membros significá-las como também às diferentes relações presentes na sociedade. Quer de um modo positivo ou negativo trazemos para fora de casa o jeito peculiar com o qual estamos acostumados a interagir em ambiente familiar. Acredita-se que relações sociais fora do ambiente familiar recebem influência daquelas estabelecidas em ambiente doméstico, segundo Fernandes (2000).

A complexa convivência em família expõe o ser humano diante de um drama: a adesão ou não às necessidades do outro com o qual se convive (PETRINI, 2012). E, a superação desse drama torna o homem apto para conviver com diferentes dramas relacionais em contextos sociais diversos, regulando seu modo de ver, significar e estar no mundo. Por isso, é através da família que se filtra o modo como o mundo deve ser visto e significado (SARTI, 2004), através da experiência e da convivência relacional em um grupo que caracteriza e identifica seus membros ao longo do tempo em diferentes gerações.

Neste sentido pode-se dizer que o contato intersubjetivo diário e o compartilhamento de emoções robustecem a família como grupo de identificação. Essa fundamental caracterização nos esclarece sobre quem somos, como também se

configura como fator significativo para nossa felicidade (CARVALHO, Ana Maria; BUSSAB, Vera; RABINOVICH, Elaine, 2013).

A superação da dramática realidade relacional intrafamiliar sedimenta, em muitas pessoas, não apenas a identificação com seu grupo familiar, como também sua razão de ser e estar no mundo seu bem-estar individual. A identidade familiar funciona como uma identidade de fundo, afiliativa que encontramos ao nascermos podendo ser mobilizada quando necessitamos (SANI *et al.*, 2012). Ou seja: em momentos de crise de identidade, a identidade familiar é preponderante para que situações subjetivas difíceis possam ser superadas.

Em sentido etimológico a origem da palavra família é latina: *famulus* que significa servo ou escravo, termo associado à situação física (casa) onde o grupo social residia (GIES, Frances; GIES, Joseph, 1987). Não existia antes do século XVIII, em língua europeia, uma palavra que designasse o agrupamento pai-mãe-filho.

Originalmente faziam parte da família todos os criados e escravos que pertenciam a um mesmo senhor. Partindo dessa análise etimológica, percebe-se que o termo traz em si um sentido de hierarquia e submissão entre pessoas e gerações que se firmava por vínculos sanguíneos ou pelo afeto.

Por outro lado, no Brasil, alguns escravos tinham uma família independente das relações afetivas e servis prestadas a seus senhores. Embora os primeiros estudos realizados sobre o tema sugeriam incompatibilidade entre família escrava e cativo por conta de relacionarem indivíduos da cor negra com inferioridade, promiscuidade e devassidão<sup>2</sup> (RODRIGUES, 1982; FREYRE, 1986). A família de escravos no Brasil era realidade, mesmo que para um grupo reduzido de indivíduos e se destacava por sua singular importância para os cativos da época. Segundo Freire (2012) ela possibilitava aos negros manter e redefinir suas raízes africanas, construir espaços de sociabilidade e solidariedade, como também extrapolar a unidade domiciliar por meio das relações entre cativos e pessoas livres, cativos e pessoas libertas. Porém, para que os escravos mantivessem suas famílias dependiam de um convívio estável por um tempo com os seus para que os vínculos pudessem ser estabelecidos e a transmissão da identidade familiar garantida. Como dependiam de seus senhores para sobreviver estavam

---

2 Os estudos citados são dos autores: RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional; Brasília: Editora da Universidade de Brasília. (Brasiliana, 9; Coleção temas brasileiros, 40), 1982.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Círculo do Livros, 1986.

atrelados à condição econômica e ciclo de vida de seus proprietários. Logo, o convívio familiar entre escravos poderia ser duramente abalado pela venda de cativos com laços de parentesco ou pela partilha de bens deixados em herança (GARAVAZO, 2016).

Por outro lado, o antropólogo Kopytoff (1977) destaca que há no negro africano uma memória genealógica que faz com que ele carregue consigo seus ancestrais independente do espaço geográfico. Em certo sentido, a memória genealógica poderia minimizar os impactos de uma separação entre familiares, e ao mesmo tempo, potencializar ações concretas que levassem a um possível reencontro.

A família que no passado era composta por senhor e empregados evoluiu depois para marido e mulher, pais e filhos. Essa dinâmica favorece o surgimento do mito da unidade familiar. Esse mito diz respeito aos valores e crenças que os membros têm sobre seus papéis e funções dentro da família, sendo repassado às gerações mais novas como um meio para atenuar possíveis crises de relacionamento familiar. O mito constitui-se como uma proteção para a família em momentos de crise (BUCHER, 2012).

O ser família, no entanto, com o passar do tempo sofreu modificações e uma delas diz respeito ao sentido do amor romântico. Antes havia a conveniência como razão para as uniões matrimoniais. O conceito de amor romântico, presente na sociedade ocidental a partir do sec. XVII, quebra esse paradigma; levando os casais a se unirem em matrimônio mais por amor que pela conveniência. Deste modo, a sociedade contemporânea passa a recusar uma união matrimonial isenta de amor, ou desejo elevando, assim, a dignidade do amor conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 1998). Logo, um grupo familiar coeso que prezava sua unidade pela interdependência de uns aos outros para a sobrevivência deste mesmo grupo, cede lugar a um grupo que valoriza a liberdade na escolha do cônjuge, satisfação individual e amorosa com restrições intencionais ao número de filhos.

Neste contexto, nasce um processo que sentimentaliza as relações familiares, cuja premissa são gratuidade e intencionalidade (CUNHA, 2007; ABOIM, 2006; SINGLY, 2000), num desdobramento condicionante no afeto dos pais para com seus filhos, segundo Ferry (2008). O ser família passa, então, a ser regido pelo simbolismo das relações que o permeiam mediadas pelo afeto, e não mais pela necessidade. A história sobre a família evidencia esse processo como descrito a seguir.

Singly (2000) descreve historicamente a família identificando três fases: tradicional, primeira fase da família moderna e segunda fase da família moderna, que também denomina como família contemporânea. Na fase tradicional, o interesse e

empenho da família é a manutenção e expansão do patrimônio material; na segunda fase é a valorização da relação entre esposo e esposa pelo viés do amor romântico, a divisão do trabalho entre os dois e a exigência moral para educar os filhos. Na terceira fase, a partir de meados dos anos 60, há mudanças cruciais que afetam a relação entre os esposos: a entrada da mulher no mercado de trabalho, a instituição do divórcio e o controle de natalidade.

Concomitante a essas mudanças houve também o reconhecimento da criança como ser que deve ter autonomia para desenvolver-se. Ela deve respeitar os pais, mas possui direito de negociar com eles também. Por este entendimento passou-se a considerar a possibilidade de que qualquer indivíduo deva ser considerado uma pessoa.

Por outro lado, esse ideal de casamento, e conseqüente base para a constituição familiar que prioriza o amor romântico, fragmenta-se na contemporaneidade na medida em que o dar e receber têm de ser equalizados (GIDDENS, 1993). O autor denomina esse amor de “confluyente”. Neste caso, o laço conjugal se mantém quando há satisfação mútua entre o casal. Anteriormente Simmel (1971) já apontava um esvaziamento do si mesmo devido ao aumento das expectativas mútua entre os casais.

Uma valorização excessiva e idealizada de si e profunda expectativa e exigência sobre o outro pode levar o casal ao rompimento, como também ao estremecimento de outras relações familiares.

Renovar ou não a adesão ao outro tem por norte a satisfação pessoal hedonista. Ela direciona o olhar sobre o outro que passa a ser percebido como um obstáculo que exige uma livre tomada de decisão: ele deve ou não ser anulado quando de algum modo ameaça o que suponho ser para mim fonte de prazer e alegria?

Anular os diferentes outros, que compõem o ambiente familiar, é anular a própria família e a possibilidade que possui de significar as diferentes dimensões da vida humana (DONATI, 2011). Sem as relações o ser humano se auto anula, passa a não ser porque não está em relação com. Conseqüentemente passa a não dar sentido a sua existência.

De certo modo o dar-e-receber como fundamento da vida social, como preconiza Mauss (2012), é o desafio que se impõe nesse cenário, pois supõe um dar sem esperar nada em troca. A busca apenas pela satisfação pessoal corrói a família no afeto e na escuta atenta ao outro e suas demandas. Dessa forma ela pode correr o risco de deixar de ser um porto seguro para seus membros. Por meio de relações hostis, pode provocar

uma sensação de estranhamento entre os membros. Há no ser humano a capacidade para escolher ou não optar pelo outro ou por si mesmo.

A liberdade humana está no centro do ser e é ela que nos diferencia dos demais animais (TILLICH, 2010). Exercê-la torna-se, por vezes, uma tarefa árdua. Porque demanda, por sua natureza, uma tomada de posicionamento com relação ao diferente do si mesmo. E ela se faz por meio do diálogo, do enfrentamento positivo, onde ceder em favor do outro não, necessariamente, significa perder.

O *self*, como instância dinâmica e não cristalizada não se constrói sem o encontro com o outro. O outro como oposição, confronto, não-familiaridade e ao mesmo tempo complementariedade e estranhamento é uma contingência para o desenvolvimento humano (BASTOS, 2019).

Sendo assim, a família com sua dinâmica relacional nos possibilita *ser* a partir das primeiras relações humanas com as quais temos contato. Nossa identidade é formatada em ambiente familiar. São as experiências vinculares afetivas e efetivas que nos moldam para nos despojarmos de nós mesmos e fora do ambiente doméstico também nos colocarmos para ser em relação com diferentes outros. E permitir que outros sejam em relação conosco. Diante do exposto, será que cabe uma definição para a família voltada para seu aspecto relacional? É o que trataremos no próximo tópico.

## **2.1 Ambiente de desenvolvimento e socialização**

O desenvolvimento humano se faz a partir de forte influência das relações às quais somos expostos, tanto aquelas estabelecidas com o meio físico como também com outros humanos. Como processo é contínuo e inconcluso com períodos de maior ou menor intensidade como explicita Stein (2002). E neste percurso desenvolvimental a partir do nascimento o ser humano vai se constituindo como sujeito, passando a significar e compreender o mundo no qual está imerso, iniciando a construção de sua identidade e personalidade.

Esse processo, em sua gênese, mostra-se paradoxal conforme explicita Winnicott (1994). Ele o denomina de processo maturacional ou emocional, cuja centralidade é o cuidado estabelecido com a relação mãe-bebê desde o ventre materno. Assim, uma relação de mutualidade e confiança vai sendo construída com o bebê reconhecendo o

calor e a voz da mãe e com a mãe desenvolvendo uma relação simbiótica com ele e uma comunicação não verbal. Ela é o primeiro ambiente sob o qual o bebê irá desenvolver-se emocionalmente; sendo possível assim a constituição de seu mundo interior, seu *self*.

Dessa maneira, percebe-se que a socialização humana é fundamental para a formação da identidade<sup>3</sup> sendo relevante pensar e destacar a família como importante meio inicial de socialização através das relações estabelecidas, e decisiva no processo de subjetivação do eu por meio dos sentidos e significados que seus membros atribuem (PESSOA, Camila; COSTA, Lúcia, 2014). Como espaço de convivência e rede relacional, a família destaca-se como fundamental para o desenvolvimento físico e psíquico de seus membros, como pontua Petrini (2003). Ela vincula seus membros numa história de vida comum fundamentada no cuidado e no afeto.

No entanto, há que se pontuar que para alguns indivíduos a família como espaço de convivência, cujas premissas sejam proteção e cuidado, pode tornar-se um ambiente hostil e perigoso através da violência. Atos violentos dentro do ambiente familiar evidenciam-se por manifestações físicas ou psíquicas com maior incidência sobre crianças, idosos e deficientes.

A violência familiar é considerada uma forma de violência social e seus danos podem ser permanentes, causando instabilidade familiar e prejuízo à integridade dos membros envolvidos. Entre os irmãos parece ser uma realidade frequente segundo Straus, Gelles, Steinmetz (1988), porém pouco investigada (LINARES, 2006), apesar de figurar-se como uma das formas mais ordinárias de violência familiar (ERIKSEN & JENSEN, 2009).

Há uma “negligência cultural”, que segundo, Castanho (2010), consensualiza que atos violentos entre os irmãos sejam normais e aceitos socialmente; principalmente entre irmãos mais jovens. Com o passar dos anos a tendência é que os conflitos diminuam e cedam lugar ao diálogo e a negociação entre os irmãos.

Porém, Relva e Fernandes (2012) esclarecem que há um significativo impacto emocional, relacional e comportamental em irmãos que sofreram violência que devam ser melhor investigados. Carvalho (2005) evidencia que os vínculos afetivos não estão atrelados a juízos de valor moral. Sua constituição pode ser por meio de afetos positivos ou negativos e mesmo que envolva violência sua função de mecanismo de identidade

---

3 Identidade aqui é entendida como concepção de si mesmo formada por valores, crenças e metas com os quais o indivíduo se compromete Erickson (1972).

permanece. Parece não haver, segundo a autora, nenhum contexto da vida humana com ausência total de vinculação. O ser humano se faz no e através do outro.

### **2.3 Por uma definição de família**

Para Donati (2011) é espinhoso definir família. No entanto, propõe que a consideremos sim a partir de relações de cooperação e reciprocidade, entre seus membros, de modo geracional e entre os sexos. É nas relações que as pessoas transcendem a si mesmas por meio de contatos sociais inter-humanos; por meio das relações podemos entender o que é do humano (DONATI, 2019).

Para esse autor o fundamento da família são as relações nela estabelecidas de modo concreto e simbólico. E, apesar de Donati não explicitar de modo direto as relações familiares horizontais, pode-se afirmar que os princípios de reciprocidade, cooperação são aplicáveis ao relacionamento entre os irmãos.

Deste modo, a família destaca-se para significar todas as dimensões da vida humana, principalmente nas sociedades complexas a partir das relações que nela são estabelecidas. A qualidade dessas relações é uma garantia de sua prevalência e efetiva sobrevivência diante dos diferentes eventos aos quais seus membros são expostos ao longo do tempo. O relacionamento fraterno é um significativo apoio para os irmãos diante de situações adversas. Os estudos de Goetting (1986) comprovam esse aspecto destacando que companheirismo e suporte emocional são importantes funções do relacionamento fraterno ao longo do ciclo vital; o que em certa medida também corrobora para o fortalecimento da família como um todo.

Apesar da aparente desordem da família em nosso tempo; por vezes mediada pelas esferas do público e do privado na intersubjetividade de suas relações, tornando-se um sujeito de interesses coletivos (DONATI, 2011); ela procura equilibrar-se. A família, na medida do possível, adequa-se para que seus membros tenham a percepção de estarem abrigados e possuírem uma identidade a partir das relações que nela se fazem.

Neste sentido, a família é um recurso. Ela enraíza a pessoa por meio de experiências que podem durar: maternidade, paternidade, filiação, fraternidade, convívio intergeracional, a realidade da vida e da morte. Ela educa a conviver,

cooperar, esclarecendo as novas gerações a respeito da honestidade, respeito à lei, e identificação do certo do errado (PETRINI; ALCÂNTARA, 2015).

Pelo olhar de Freud (1969), a família é um lugar de pertença no qual o indivíduo é gerado, herdando condições naturais de identidade; e onde o indivíduo se desenvolve psicologicamente ao receber proteção, afeto, cuidado e reconhecimento. De modo a se reinventar, frente aos desafios que enfrenta, a família se mantém como uma instituição insubstituível para a nossa constituição como sujeitos humanos como afirma Roudinesco (2003).

Nesse processo, os eventuais conflitos, entre os membros, podem servir para robustecer as relações e configurar a identidade de cada um por meio das trocas entre esposo e esposa; pais e filhos (LITO, 2012; PEREIRA; LIRA; PEDROSA, 2011; PIERRON, 2009; ABOIM, 2006). Mesmo que em família as relações sejam, por vezes, ou quase sempre, norteadas pela disputa de poder, percebe-se um processo de barganha entre os membros, equalizando, de certo modo, o poder nas famílias (GOLDANI, Ana Maria, *et al.* 2005), um poder que não é apenas coercitivo, mas instaurador de condutas conforme a visão de Foucault (MENEZES, 2004). Dessa forma, podemos considerar a família como um mundo simbólico que se firma por meio de suas relações, e é sobre esse aspecto da família que discorreremos a seguir.

#### **2.4 Família: mundo simbólico**

A família como mundo simbólico de relações, recíprocas, complementares e assimétricas; um espaço de vivência das ocorrências do ordinário da vida cotidiana (SARTI, 2003a, 2003b) confere ao ser humano um lugar de pertencimento. O sentimento de pertencimento, neste sentido, torna-se uma necessidade básica que o faz procurar relações sociais positivas e profundas (BAUMEISTER & LEARY, 1995). E em família as relações entre os membros é seu aspecto funcional, cujo dinamismo se faz com membros de diferentes idades, ligados entre si por parentesco e vida em comum (VALSINER, 2012).

O modo de relacionar-se e estar em família vai sendo tecido e co-construído entre as gerações por meio de ações e comportamentos, possibilitando que uma ideologia sobre família possa ser mantida e repassada socialmente. A família é uma abstração de valor ideológico (VALSINER, 2012), cuja manutenção se dá por meio das narrativas familiares repassadas das gerações mais velhas para as gerações mais novas.

As lembranças compartilhadas entre os membros definem a família como um todo, mantendo sua identidade como grupo e de cada membro individualmente (BADDELEY, Jeanna; SINGER, Jefferson, 2010). É em família que se deseja encontrar segurança, amor e estabilidade perante conflitos (LITO, 2012), pois nesse ambiente a identidade humana é construída de modo autônomo por meio dos laços de dependência que cria (SINGLY, 2000). Em família pode-se reunir forças para contornar os reveses da vida sob uma tensão relacional constante onde a autonomia flerta sempre com a interdependência.

De fato, o que ocorre em família no ordinário das relações, pode nos tocar além do tempo porque imprime em nós o outro e seu jeito peculiar de ser. Por isso, de certa forma o discurso e o modo de ser de nossos antepassados vai nos constituindo. A família é um lócus privilegiado onde diversos mecanismos de identificação se articulam para a transmissão geracional de modo inconsciente via linguagem, imaginação e realidade dos vínculos geracionais. Na família o material psíquico da herança genealógica dos antepassados é inconsciente e não simbolizado (CORREA, 2000); por isso que cada um a seu modo vai se apropriando do jeito de ser do outro sem perceber. Neste sentido manter as relações familiares ao longo do tempo e as memórias de nossos ancestrais é um desafio e uma necessidade.

Talvez seja este o maior desafio para os humanos: estabelecer e manter ao longo do tempo relações familiares que perdurem e sejam de fato significativas, apesar dos distintos momentos da vida que podem afetar a subjetividade de cada membro, e conseqüentemente a família como um todo. Para o pesquisador, o desafio que se impõe é desvelar o emaranhado sob o qual essas relações são estabelecidas e sob qual (ais) dinâmica se organiza ao longo dos anos.

Sendo assim, no próximo capítulo discorreremos sobre o relacionamento fraterno em âmbito familiar com destaque para os irmãos em fase adulta e o modo como esse tema tem sido estudado.

## **3 O RELACIONAMENTO FRATERNAL**

### **3.1 Irmão: o vínculo**

O relacionamento fraterno para Phillippe Caillé (2004) é definido pelo termo fratritude. Ele distingue esse termo de fraternidade. Para ele fraternidade refere-se a um sentido usual: “somos todos irmãos”. O termo fratritude se aplicaria apenas as relações estabelecidas entre os irmãos, cuja mediação é feita pela idade cronológica que tanto pode provocar aproximação ou distanciamento, intensificando ou diminuindo o sentido do convívio fraterno.

Sendo assim, o irmão ocupa lugar único na vida de um ser humano. Geralmente, o relacionamento fraterno é o mais duradouro relacionamento que alguém experimentará em sua vida (WHITE, 2001; ROBINSON, 2002). Por isso, grande parte dos seres humanos mais velhos mantem contato ou convive com um irmão, frequentemente. Para essas pessoas o irmão será a única pessoa com a qual conviverá a vida inteira (BRUBAKER, 1990; CICIRELLI, 1991a; DEW, LLEWELLYN, & BALANDIN, 2004; FOLWEL, CHUNG, NUSSBAUM, BETHEA, & GRANT, 1997). Em um estudo feito pela pesquisadora Sutor (2009) foi constatado que adultos entre as idades de 23 e 68 anos possuíam bons sentimentos para com seus irmãos.

Logo, diante do exposto inferimos que para os idosos a companhia de um irmão será decisiva para seu bem-estar emocional. Por outro lado, com famílias cada vez menores e casais que optam pelo filho único como será esse dinamismo para esses futuros idosos? A privatização do cuidado com os idosos é suficiente para que se sintam bem emocionalmente tendo em vista a existência de vínculos familiares, e principalmente o dos irmãos?

Segundo Cicirelli (1996), as crianças formam vínculos com outros membros da família incluindo seus irmãos. Essa vinculação permanecerá ao longo do tempo desde que obedeça a três critérios: proximidade com o irmão, vivência da experiência do luto pela perda de um dos irmãos, sensação de conforto e segurança junto ao irmão (s).

Por isso, a vinculação gera um sentimento de pertença que nos faz reconhecermo-nos como tal: subjetivamente estruturado capaz de percebermo-nos também no outro. Ramos (2004) e De Araújo *et. al* (2005) salientam a importância dos vínculos familiares e comunitários para a construção da identidade humana e significação do mundo, bem-estar individual e capacidade de resiliência.

A capacidade humana de apegar-se é um mecanismo básico biologicamente programado, que com o passar do tempo, torna-se um verdadeiro vínculo afetivo como originariamente propõem Ainsworth e Bowlby (1991). A concretude desse processo é a percepção de pertencimento desde a primeira infância que se faz a partir das interações das díades mãe-bebê, cuidador(a)-bebê. Quando esse processo ocorre de modo positivo, o indivíduo adquire maior capacidade adaptativa para lidar com exigências emocionais, cognitivas e relacionais (RAMOS, 2004). E neste caso inclui-se também relacionamentos mais positivos com os irmãos, para aqueles que os tiverem como já mencionado. Essa realidade relacional auxilia o ser humano a distinguir-se e descobrir-se diante do outro que lhe é familiar e estranho ao mesmo tempo tornando-o apto para estabelecer um processo comunicativo além da subjetividade individual, ou seja, ele se abre de modo permanente e inevitável ao outro (LIMA, Maria Juliana Vieira; FREIRE, José Célio, 2017).

Nesse sentido, constata-se que as ideias de pertencimento a um grupo social, elaboradas pelos seres humanos, são apoiadas em ideias concretas. A vivência dessas ideias se dá por meio de uma experiência intersubjetiva onde os vínculos simbólicos são concretamente atualizados e vivenciados (DONATI, 2008).

O comprometimento ético com o outro faz com que os vínculos sejam fortalecidos. As ações individuais são completadas e significadas por meio das interações (DONATI, 2008). É no ordinário da vida que cada um de nós se faz e se refaz a partir das interações estabelecidas. Pelo reconhecimento do outro como sujeito e não objeto, ou seja, reconhecendo sua particularidade em ser diferente e contraditório através de um processo dialógico que subsidiará o surgimento da identidade de cada um.

A participação em um grupo torna-se, assim, um marcador semiótico e um processo idealizado de pertencimento (VALSINER, 2016), que confere ao ser humano segurança e organização psíquica. Embora haja uma tendência que leve as pessoas a recusarem o vínculo, quando elas conseguem livrar-se dele, sentem-se abatidas e tristes com um sentimento de auto isolamento (ALMOND, 1988), fato que comprova a necessidade de vinculação entre os seres humanos ao longo de suas vidas, não sendo restrita apenas à primeira infância. No caso dos irmãos em fase adulta o vínculo deve ser construído na infância. Laços profundos entre os irmãos não são suscetíveis de surgir em fase adulta se os irmãos nunca tiveram proximidade, segundo Connidis (1989).

Vínculos humanos sólidos e duradouros significam saúde emocional e psíquica. É um desafio significativo para o momento histórico em que vivemos. Uma dificuldade de relacionamento imposta pela rapidez tecnológica e o consumo que favorecem o surgimento de uma comunicação interativa entre humanos cada vez menos efetiva e calorosa. Nesse processo comunicativo, no lugar da afetividade, há a superficialidade (BAUMAN, 2004).

Frente a este cenário, como é possível manter-se vinculado de modo efetivo? Goetting, (1986) pesquisou sobre o vínculo fraterno e seu desenvolvimento ao longo do ciclo de vida até a fase adulta, provando que o companheirismo e o suporte emocional estão presentes ao longo do ciclo vital. Mas como é possível aos irmãos manterem-se unidos, tendo em vista as diversas situações familiares às quais são expostos ao longo do tempo? Em contexto familiar as relações de vinculação são organizadas pela convivência diária. Há um modo específico com o qual os irmãos se envolvem ao longo do tempo que possa intensificar seu relacionamento?

Diante do exposto cabe aqui discorreremos sobre os irmãos em uma perspectiva de parentesco.

### **3.2 Irmãos: uma relação de parentesco**

Nas relações familiares existem palavras específicas para designarem a existência de uma relação de parentesco. São vocábulos cuja finalidade é a de diferenciar e designar de maneira concreta os diversos graus de parentesco entre um sujeito e os demais membros de sua família. O uso de palavras que situam e diferenciam os graus de parentesco extrapola o uso doméstico e reveste-se de um significado cultural e social associado a essa relação (BARROSO, 2008).

O conceito de irmão de maneira formal enuncia um componente biológico e sanguíneo. Extrapolando o contexto familiar também significa uma relação de amizade por afinidade e afeição. Para Downing (1993), Irmão e Irmã são imagens arquetípicas que estão presentes na vida dos humanos independente de suas experiências concretas com laços de parentesco biológico. A fraternidade, seguindo essa proposição, se faz como evolução psicológica dessas imagens arquetípicas (BARCELLOS, 2010). Há

autores<sup>4</sup> que definem o termo fraternidade como sendo união e amor ao próximo. Dessa forma, exercer a fraternidade pressupõe um outro que de mim necessite e a quem presto ajuda.

Por outro lado, associado à mitologia grega e por meio de narrativas míticas que estão presentes em diversas culturas, tem-se o conceito de irmão por meio da representação do Complexo Fraternal, um conceito psicanalítico Junguiano básico que explica as relações nas quais os rivais disputam, permeados de afetos, desejos e comportamentos ciumentos e invejosos, a detenção de uma figura de posse pelo valor que ela possa ter para eles (JÚNIOR, 2003).

Em família, o parentesco determina um laço “conectivo” que se intensifica ou não com a passagem do tempo sob uma lógica além da biológica e social (CARSTEN, 2014), o que torna as relações entre irmãos solidárias e fraternas, um auxílio na proteção familiar (SOUZA, 2019). Mesmo havendo conflito e provável distanciamento entre os irmãos ao longo do ciclo de vida, por razões diversas, parte-se do pressuposto de que com um irmão pode-se contar em momentos difíceis. O conflito e o distanciamento podem emergir devido à ambiguidade que norteia essa relação, fazendo com que sua intensidade oscile entre extremos de amor e ódio, cooperação e rivalidade, oposição e complementaridade (BARCELLOS, 2010).

No entanto, o caráter assimétrico e horizontal dessa relação possibilita o vínculo da relação em si como proporciona uma força mobilizadora capaz de induzir os indivíduos a uma mudança de comportamento ou atitude, conforme pontua Sodré e Fortim (2015). Nesse relacionamento familiar há características que o tornam interativo e complexo ao mesmo tempo. Com os irmãos, partilha-se a mesma origem e herança biológica, ou os mesmos pais (no caso dos adotivos, e meio irmãos), o mesmo espaço físico de convivência (a residência familiar), a mesma história familiar (CICIRELLI, 1995).

Diante dessas características pode ser considerado um relacionamento mais ou menos igualitário e duradouro com o qual os seres humanos tenham contato ao longo de suas vidas. Possui a totalidade interativa (física, comunicação verbal e não verbal) entre dois ou mais indivíduos que, ao tomarem consciência da existência de cada um passam a dividir: conhecimento, percepções, crenças, atitudes e sentimentos, mesmo após o

---

4 Como exemplo citamos: LITO, 2012; TEIXEIRA; VALLE; OLIVEIRA, 2016.

falecimento de um deles (CICIRELLI, 1995). Por conta de suas particularidades, o relacionamento fraterno torna-se uma marca identitária que acompanha os seres humanos ao longo do curso de vida, orientando e modelando seu destino, por meio de uma convivência recíproca desde a infância (FERNANDES, 2007).

Nas famílias onde há ausência ou negligência parental, os irmãos a substituem preenchendo suas funções (MEYUCKENS-FOUREZ, 2000), tendendo a intensificar ainda mais os laços fraternos (FERNANDES, 2002; MUNIZ; FÉRES-CARNEIRO; 2012). A vinculação fraterna possibilita que irmãos mais velhos desempenhem um papel importante em momentos de crise familiar (GOLDSMID *et al.*, 2011). Os irmãos mais jovens tendem a ver nos irmãos mais velhos um porto seguro, percepção que se dá pela mediação materna que direciona os cuidados dos irmãos mais novos para os irmãos mais velhos (GERALDES *et al.*, 2013).

Entre os irmãos, parece que sentimentos hostis diminuem diante da eminência e urgência do cuidado com o outro. As interpelações discursivas parentais, que destacam a importância do convívio harmonioso entre os irmãos, nesse sentido, fazem a diferença. A família proporciona a seus membros suporte afetivo e instrumental necessários ao desenvolvimento e bem-estar de cada um, como explicita Ramos (2004). E o discurso parental que solicita aos irmãos equilibrarem de modo caloroso o relacionamento fraterno destaca-se como um suporte afetivo importante.

Winnicott (1968) esclarece que as condições afetivas, em meio familiar, quando previsíveis, regulares e contínuas são fatores estruturantes para os indivíduos envolvidos nesse processo, destacando-se importantes para o desenvolvimento humano e consequente socialização e consolidação do sentimento de pertença e existência. Da mesma forma, a qualidade e intensidade do vínculo parental exerce significativa influência nos vínculos entre os irmãos criados em uma mesma família, sendo transportados para o relacionamento fraterno (KIANG, 2007; SAMEK, 2011).

É em família, entre os irmãos, na horizontalidade geracional de uma convivência comum, entre iguais na hierarquia familiar (mas distintos em ordem de nascimento) que soa um apelo para o cuidado com o outro: a primeira *práxis* de amor ao próximo. Os irmãos podem a partir de suas relações estabelecerem em família um modelo de convívio mais igualitário (RABINOVICH, Elaine; PETRINI, Giancarlo, 2013). Cada

irmão, nesse contexto, pode ser alternadamente um objeto de identificação ou diferenciação

Com essa alternância, os irmãos podem aprender a selecionar padrões de conduta e comportamentos que devam ser seguidos (objeto de identificação) e outros que devam ser ignorados (objeto de diferenciação), tendo em vista o melhor modo que se pode estabelecer para cuidar do outro (FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; GOLDSMID, Rebeca, 2011). Muitos pais delegam aos irmãos mais velhos um mandato, que estabelece que cuidem dos irmãos menores. Há mais do que um sentido de proteção e afeto, mas identificação, ou seja, como exemplo a ser seguido. Talvez seja esse o modo que muitos pais encontram para minimizar a disputa fraterna e, em seu lugar, facultar aos irmãos a experiência do cuidado e do afeto mútuos.

No entanto, o desafio é que as gerações anteriores, como pais e avós, desejem e assumam um modelo de convívio igualitário com as gerações mais jovens, a fim de promoverem em ambiente familiar um convívio intergeracional mais harmonioso. O que, de certo modo, implicaria em serem destituídos da *autoridade* que possuem para gerenciar padrões de conduta e atitude entre os membros familiares mais jovens. É no convívio familiar que sentimentos hostis ou agradáveis, que tenham relação com o exercício da autoridade dentro da família, são potencializados ou minimizados.

### **3.3 Irmão: o outro que chega**

Há nas fratrias familiares, além da dimensão biológica, a afetiva, a de obrigatoriedade e a identitária. Definir um irmão é estabelecer uma relação entre dois ou mais indivíduos que irão desenvolver-se sob essas dimensões, numa prática única e intensa de experiências compartilhadas que marca a existência de uma pessoa (RABINOVICH, Elaine; PETRINI, Geancarlo, 2012). A relação fraterna se faz em meio a um par ou grupo que previamente não se escolheu, mas “aconteceu” no ambiente familiar.

Dessa forma, os irmãos não são escolhidos, mas acolhidos uns pelos outros dentro da dinâmica fraterna. Com o nascimento do irmão surge um rearranjo familiar,

onde a função fraterna será caracterizada por um relacionamento recíproco, em nível simétrico – irmão com irmão - e ao mesmo tempo em nível assimétrico - filho diferente dos pais como pontua Féres-Carneiro e Goldsmid (2007).

Assim, o (a) irmão (ã) é o Outro que chega sem avisar ou pedir licença, um “estrangeiro” que perturba um equilíbrio constituído, mas que pode auxiliar numa compreensão mais íntima de seu (s) pares. Por conta das experiências compartilhadas, quando em um mesmo contexto relacional, os irmãos auxiliam-se mutuamente na descoberta sobre o si mesmo de cada um.

Nesta relação hierarquizada de modo horizontal, a identidade vai sendo formatada pela exposição contínua do eu ao outro. A alteridade constitui a subjetividade; o eu é formado porque houve uma tensão instalada pelo outro (CUNHA, 2007). Essa tensão se faz na disposição dos membros da fratria para cultivarem a fraternidade no relacionamento de maneira positiva e calorosa ao longo do tempo. Haja vista, que a efetividade da contigência vitalícia que o relacionamento fraterno possui, é um fato inegável, ou seja: não existem ex-irmãos. Com eles compartilhamos nossa história de vida, lembranças e experiências que poderão ser esquecidas, mas não apagadas. A partir deles é introduzida a noção de mudança e paridade, com quem estabelecemos laços mais íntimos e próximos (CUNHA, 2007).

O relacionamento fraterno é uma singular experiência de alteridade, onde estar exposto ao outro faz com que diferenças entre os irmãos sejam somadas, indicando e fortalecendo um jeito peculiar de cada um ser. No relacionamento fraterno, o convívio afina a experiência do que é ser irmão, ou seja: descortina as tensões entre o estranho e familiar, proximidade e distância, amigo e inimigo (SÁ, 2019).

O parentesco provê ao ser humano sobre quem ele é e o que pode ser, conforme afirma Carsten (2014), por meio dos laços biológicos e simbólicos que o sedimentam. Ser, neste caso, só acontece quando o outro é. O palco onde cada um vai assumindo sua identidade, como parente e membro familiar é o ambiente doméstico; e o enredo que vai sendo construído é a história familiar, que se desenrola no ordinário de uma vida comum. Vida comum que vem de muito longe numa trajetória silenciosa que a história familiar organiza, para que a grande história da família humana não se perca.

As experiências partilhadas entre os irmãos são o pano de fundo onde a identidade vai sendo tecida por meio das tensões e afetos relacionais nele instaladas. Há

como equalizar tensão e afeto quando o outro nos convoca a uma responsabilidade ética que se fundamenta nele e para ele.

Para Lévinas (2009), esse é o sentido de alteridade uma relação em que o outro escapa por completo ao domínio da compreensão do eu, restando apenas uma ação a ser executada o outro deve ser acolhido e cuidado. A responsabilidade e consciência do homem sobre si como sujeito estão irremediavelmente contidas na vida do outro.

O relacionamento fraterno, por este viés, segundo Davies (2015), pode ser o fundamento no modo como a identidade humana e o senso de si (*self*) são formados. Esse processo que equilibra a formação psíquica dos indivíduos é um processo infinito construído ao longo de nossa existência (BAUMAN, 2004), modulando as ações humanas a partir da infância como menciona Fernandes (2007).

No caso específico de filhos únicos há a possibilidade de o laço fraterno ser vivenciado de modo simbólico com um primo ou um amigo. Haveria a experiência da alteridade, mas não na mesma intensidade daquela que os irmãos biológicos experimentam quando convivem desde a infância. Neste sentido, o apoio oferecido por um amigo é distinto daquele oferecido por um irmão (GARCIA, 2005; MERIZIO & ROSSETTI, 2008). As crianças quase sempre desejam ter irmãos e as relações que estabelecem na infância irão repercutir na vida adulta (VICENTE et al., 2013). A ausência desse relacionamento pode limitar a experiência interrelacional e o treino de habilidades socioafetivas. Com os irmãos desde a infância se é exposto a sentimentos como: ódio, ciúme, rivalidade, companheirismo de um modo mais próximo e intenso devido a convivência em família. As relações fraternas são paradoxais, marcadas por sentimentos intensos e ambíguos, mas com significativa relevância para a maturação da personalidade adulta (BARCELLOS, 2010). Assim, com os irmãos aprende-se desde cedo qual o melhor modo para se lidar com cada sentimento e o passar do tempo vai amadurecendo as práticas relacionais de cada um.

Entre os irmãos, segundo Adler (1963), há uma perspectiva de futuro, sob a qual o sujeito age e agirá para alcançar seus objetivos; um estilo de vida determinado na primeira infância influenciado pelo ambiente familiar a partir da relação com os irmãos (LIOTTA, Marco; MENTO, Carmela; SETTINERE, Salvatore, 2014). De certo modo, os irmãos elaboram e reelaboram comportamentos socioafetivos frente a tentativas de acertos e erros, preparando-se, sem o perceber, para o convívio em outros contextos interativos, a partir do ambiente familiar e da casa, como primeiro cenário e espaço relacional.

As experiências humanas estão sempre localizadas no tempo (nascimento e convívio em família) e no espaço (a casa) (MÄRTSIN, 2015). Ambos, tempo e espaço se impõem como palco para que o desenvolvimento humano aconteça, possibilitando o despertar de um sentimento que entrelaça o indivíduo para o resto de sua vida, auxiliando na formação de sua identidade social e individual (GLAT, 1996). É no ambiente familiar que os irmãos desenvolvem seu primeiro sentimento de pertença no mundo (RESENDE; CARALHO, 2019).

Conviver em uma casa como membro é uma fonte de identificação social entre as pessoas (PINA-CABRAL, 2003) que implica em obrigações mútuas (WIGGERS, 2013). Obrigações mútuas que se forem mediadas pelo afeto proporcionarão aos membros familiares a alegria de ser a partir do outro. Ele, o outro, precisa de mim para ser e sentir-se em família. A riqueza e distinção da dinâmica fraterna podem ser descritas, num primeiro momento, como a possibilidade de ser a partir do outro de um modo distinto e irrevogável, por meio da sensibilidade e afetividade, como advoga Lévinas.

Refletir sobre esse sentimento de pertença, e outros tantos sentimentos que a dinâmica fraterna suscita, pode nos proporcionar certa intuição sobre o modo distinto como os irmãos adultos se relacionam entre si e com os demais membros familiares; como se dá a dinâmica da organização familiar nos modos de cuidado, afeto, atenção, ajuda, ao longo do tempo e sob qual ótica são valorizados.

Em certo sentido permite inferir como a dinâmica familiar está sedimentada, no sentido de como o contexto familiar interfere no modo de ser e agir de cada irmão. Os seres humanos produzem significados a partir do contexto social no qual estão imersos. Nosso comportamento é moldado pela cultura e é ela que nos distingue dos demais animais (TOMASELLO, Michael 1999; NUCCI, Lary; SAXE, Geoffrey; TURIEL, Eliot, 2000).

Por meio dela é fornecida ao ser humano uma rede de expectativas mútuas, um tipo de sintonia que está ausente em qualquer outra espécie (CORREIA, 2003). Pensar na dinâmica familiar, em sua possível vivência e transmissão é propor-se primeiramente a analisar o modo como os irmãos mais velhos percebem e vivenciam o dinamismo do relacionamento fraterno; segundo, como transmitem essa percepção para os irmãos mais jovens e descendentes.

Por isso, a presença de um irmão, mesmo fisicamente ausente, toca-nos, porque traz consigo parte de nossas experiências. Mesmo em silêncio, essa ausência nos fala. Sua voz destoante está ali para lembrar quem realmente somos, ou seja: semelhantes a ele por sua influência fraterna ou completamente diferentes. Há processos na dinâmica fraterna que podem fazer os irmãos assemelharem-se como também há outros que os diferenciam (WHITEMAN, 2007) a posição de cada um no grupo fraterno e o gênero podem ser um provável fator condicionante para que os irmãos se aproximem ou se distanciem uns dos outros e da família. Assim, dedico nos dois tópicos seguintes algumas considerações sobre irmãos: ordem de nascimento e gênero.

### **3.4 Irmãos: ordem de nascimento**

A ordem de nascimento dos irmãos como um fator que influencia a personalidade do indivíduo é uma temática que segundo Beer e Horn (2000) ocupou mais de 2000 estudos nos últimos 75 anos. Além de ser preponderante para a personalidade de cada irmão, a ordem de nascimento reorganiza o núcleo familiar e fornece aos pais habilidades diferenciadas em suas funções para poder lidar com cada filho.

Para Adler (1959) só é possível julgar um indivíduo a partir de seu posicionamento na família, sendo a ordem que ocupa um fator significativo para o desenvolvimento de sua personalidade. Bowen (1991) integrou o conceito sobre a ordem de nascimento dos irmãos, demonstrando que os filhos desenvolvem certas características de personalidade em relação à posição dos irmãos na família. Essas características individuais associadas às características do grupo de irmãos e da família como um todo o acompanharão fornecendo um padrão de comportamento que levará para as próximas gerações.

Pesquisas como as de Healey e Ellis (2007) indicam que irmãos criados em um mesmo ambiente familiar são tão diferentes quanto indivíduos sem laços de parentesco. Por isso, saber lidar com cada filho auxiliando-o a perceber no irmão um familiar e não um estranho, para os pais ou responsáveis, é uma construção que vai se dando ao longo do tempo e o primeiro filho inaugura essa jornada. O nascimento do primeiro filho faz

acontecer os papéis de pai e de mãe. Ele é um laboratório para o exercício parental garantindo uma nova estrutura familiar. E os demais irmãos vão sendo o aprimoramento dessas funções, provocando também novas reorganizações familiares.

Por séculos em várias culturas, principalmente se fosse do sexo masculino, o primogênito recebia um sistema de privilégio total conforme explicita Britto (2002). A primogenitura masculina só perdeu sua força quando houve a queda da propriedade privada e títulos do filho mais velho com conseqüente igualdade de direitos entre os demais irmãos e diminuição do poder parental (BANK; KHAN, 1997).

Com o segundo filho, a fratria é inaugurada e o nascimento de outros irmãos provoca uma nova reorganização familiar com distribuição de novos papéis entre os irmãos. Nesse novo contexto a chegada de um novo membro pode ocasionar tensões e rivalidades entre os irmãos. O conflito por vezes exacerbado mostra o quanto cada um quer garantir sua individualidade e possíveis privilégios no papel que ocupa dentro da estrutura familiar.

Cada indivíduo assume na família quando criança um papel que irá refletir em sua vida adulta. Entre os irmãos a ordem de nascimento é um dos definidores de papel a ser assumido na família (BRADLEY; MIMS, 1992), como também um determinante básico da personalidade e das relações estabelecidas com os demais membros da família. O lugar que cada irmão ocupa na fratria é único, o que o levará a desempenhar um papel singular na família e com os demais irmãos (FERNANDES, 2002).

Por isso, filhos primogênitos, devido ao lugar que ocupam na família, têm a oportunidade de serem respeitosos, cuidadosos, paternais de desenvolverem habilidades de liderança e receberem menos amor (MCGOLDRICK, Monica; GERSON, Randy; PETRY, Sueli, 2009). Mesmo com seu desenvolvimento marcado, às vezes de modo traumático, com a chegada de um irmão, recebem delegações de poder com mais naturalidade e sentem-se guardiães e transmissores das normas e valores familiares.

Há nesses filhos uma tendência à obediência, altruísmo, competitividade, extroversão, franqueza, generosidade, sentimentos de conservadorismo, superioridade e disciplina, por vezes são críticos exacerbados. Como na maior parte da infância possuem um porte corporal mais robusto se sentem no dever de cuidar e proteger o irmão caçula. Segundo Adler (1930-1975), em sua obra *A ciência da natureza humana*

os sentimentos de conservadorismo e competitividade são também marcantes nos primogênitos e decorrem de sua destronação com a chegada do segundo irmão.

Esse processo altera de modo dramático a percepção de uma criança com relação ao seu irmão. Ele pode gerar rivalidades e ressentimentos recíprocos que poderão estender-se até a vida adulta. São sentimentos que vão sendo elaborados a partir de uma condição de estresse e reorganização de papéis que a chegada de um novo membro provoca na estrutura familiar como pontua Minuchin (1985). Por isso, os irmãos de modo explícito ou velado competem: os mais jovens querem igualar-se aos mais velhos e os mais velhos desejam resguardar seus lugares, sendo a rivalidade no primogênito a mais acentuada (MOLON; SMEHA, 2006; FERNANDES; ALARCÃO; RAPOSO, 2007; GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007, 2011).

A posição que um filho ocupa na família lhe trará desafios específicos que exigirão estratégias diferenciadas para lidar com seus irmãos e pais. Elas poderão se tornar características que os acompanhará ao longo da vida (DE OLIVEIRA MAGALHÃES, 2009). Para Sulloway (2001), a disputa entre irmãos é uma força significativa que empurra a evolução humana, contribuindo para a formação da personalidade de cada indivíduo. Ela formata ações mais agressivas em cada um de nós para que possamos enfrentar as diversas demandas fora do ambiente doméstico. Quanto mais intensa for uma relação entre irmãos, maior será sua abrangência e influência no desenvolvimento individual (SÁ, 2015).

Geralmente os primogênitos são mais ligados aos pais e recebem deles um mandado explícito ou velado para serem um modelo a ser seguido pelos irmãos mais novos. De certo modo essa atitude parental pode também gerar nos demais irmãos sentimentos hostis com relação ao primogênito. A mediação parental associada aos recursos internos que cada irmão possuiu é que podem minimizar esses impactos emocionais.

Quanto maior a diferença de idade entre o primogênito e demais irmãos, maiores as idealizações (DIAS, Maria Cristina de S. Brito; FONSECA, Célia Maria S. Maior de Souza, 2013). A pressão de modelo a ser seguido que os irmãos mais velhos sofrem os coloca como vítimas dessa posição, na maioria das vezes, lhes é negado o direito de cometer falhas. Suas atitudes e comportamentos com relação aos irmãos se reproduz no futuro com outros membros da família e demais pessoas em sua vida social, marcando o

lugar que ocupará tanto na família como na sociedade (DIAS, Maria Cristina de S. Brito; FONSECA, Célia Maria S. Maior de Souza, 2013; FERNANDES, Maria M. Otília, 2002).

Com a primogenitura feminina ocorre uma maior concentração das filhas mais velhas no papel materno, conforme descreve Kuba (2011). Embora, cuidar dos irmãos mais novos pode ser uma condição voluntária ou designada pelos pais (KIM, 2012). Há uma propensão para que os primogênitos se sintam responsáveis pelo cuidado dos outros irmãos. O irmão mais velho pode ser um substituto parental menos conflituoso para os demais irmãos, conforme sinaliza Goldsmid & Carneiro (2011). Notadamente quando a diferença de idade entre o primogênito e demais irmãos é de mais ou menos uma década pode ser observada maior abertura para o cuidado.

Por outro lado, quando os irmãos mais velhos assumem o papel parental essa característica impede que o relacionamento entre os irmãos seja mais igualitário. No entanto, a saída de um irmão mais velho da família de origem causa um impacto importante nas relações e papéis familiares. Em muitas famílias, o irmão mais velho, além do exercício do cuidado, torna-se objeto de apego para os mais jovens quando há de algum modo negligência ou ausência parental. Há uma forte tendência em nossa cultura ocidental de delegar para o irmão mais velho o cuidado dos irmãos mais novos na ausência dos pais (MINUCHIN, 1982). Para Dunn (1983), no entanto, os irmãos mais velhos nem sempre estão preparados para desempenharem esse papel.

As atribuições de cuidado e ser objeto de apego para os irmãos mais jovens conduz os primogênitos a um amadurecimento precoce, levando-os a um sentimento de perda da infância, ansiedade, inadequação e insuficiência (KIM, 2012; FERNANDES; ALARCÃO; RAPOSO, 2007; GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007, 2011; FERNANDES, 2002; MEYNCKENS-FOUREZ, 2000). As brincadeiras cedem lugar a atitudes de responsabilidades semelhantes às dos adultos.

O segundo filho provoca um deslocamento do lugar privilegiado do primeiro filho com relação aos pais por ser até aquele momento detentor único de cuidados e afetos. Ele delimita de modo mais apurado as funções parentais e fraternas, essas últimas até então ausentes para o primeiro irmão.

Seu posicionamento familiar lhe possibilita escolher com quem irá identificar-se; se com os pais ou com o irmão mais velho. Sua personalidade, em certo grau, é modelada pelas atitudes do irmão que o precede. Se ele for demasiado hostil e vingativo, pode tornar-se excessivamente competitivo ou intensamente desanimado (MEYNCKENS-FOUREZ, 2000). Para o primogênito não houve essa escolha. Ser semelhante ao irmão mais velho também irá conduzir o irmão mais jovem a atitudes competitivas que poderão desencadear desejos saudáveis de ultrapassar o irmão; ou de rivalidade e ciúme que poderão levar a brigas e rixas entre os irmãos.

Muitas dessas brigas e rixas são ocasionadas pela permissividade com o qual os pais, na maioria das vezes, se relacionam com o segundo filho. A ele é dada a chance de errar mais, aventurar-se de modo idealista, ser menos apegado às tradições e regras familiares (BRITTO, 2002). Suas atitudes e caráter são menos convencionais, com frequência quebra regras e normas, é comunicativo, sociável, criativo, cooperativo, possuindo relativa independência emocional. Possui um desejo de sobressair-se e extrapolar o irmão mais velho para ser o melhor naquilo que faz (FERNANDES, 2002).

Há menor pressão para que assuma responsabilidades, como explicita McGoldrick (2012), o que pode levá-lo a mascarar seu real nível de maturidade, conduzindo os pais tratá-lo por um tempo mais estendido como infantilizado (BRITTO, 2002). Por isso, para o irmão mais velho há certa dificuldade para acolher o amadurecimento do irmão caçula. Essa atitude faz com que ele o deixe em sua posição de imaturo, postergando estabelecer com seu irmão uma relação mais horizontal.

Quando chega outro irmão, o caçula passa a ocupar a posição de filho do meio. De certo modo, sua necessidade de afeto e atenção adquirirão um novo contorno. Elas ficam mais evidentes tendo em vista o deslocamento de sua posição. Ela será menos definida porque não é nem o mais velho, aquele que manda e deve ser imitado, e nem o caçula, aquele que possui mais liberdade e é mais mimado. Irá procurar um lugar na família que seja diferente daquele ocupado pelos outros irmãos.

Nessa tentativa de busca por sua identidade irá se distanciar de um dos irmãos e aproximar-se de outro. E, se mesmo assim sentir-se “de lado” no convívio familiar, poderá ter baixa autoestima, tornar-se amargo solitário e frustrado, levando consigo um sentimento de inferioridade. Em contrapartida sofrerá menos pressão dos pais que

estarão ocupados em exigir mais do primogênito e mimar mais o caçula. Esse dinamismo do irmão do meio de estar sempre entre dois pode levá-lo a exercer múltiplos papéis, ser versátil, competitivo e sociável (FERNANDES, 2002; MEYNCKENSFOUREZ, 2000).

Com relação ao último filho, sua posição sempre será assegurada como também seu perfil de “bebê” da família, cujo crescimento e maturidade, às vezes para os pais e demais irmãos, é difícil de ser aceito. A percepção de que o caçula cresceu implica numa tomada de consciência de que o tempo passou, e talvez num ritmo considerado rápido demais.

Ele pode desenvolver para com a família um sentimento de lealdade; quando há afinidade, tende a se espelhar nos mais velhos com a intenção de parecer uma pessoa mais amadurecida. Por isso, o primogênito é aquele que, de certo modo, ordena o comportamento e as atitudes do filho mais novo para o mundo externo à família.

Em fase adulta, os papéis e posicionamento dos irmãos permanecem e há uma tendência de que as disputas, rivalidades e ciúmes entre os irmãos sejam mais amenos devido ao amadurecimento de cada um. O convívio entre os irmãos deixa suas marcas em cada membro do grupo fraterno. Quanto mais positivas forem essas marcas, melhor para cada indivíduo se relacionar com seu irmão ao longo do tempo. O sentido do ser fraterno com o irmão depende do relacionamento que é estabelecido e sua manutenção ao longo do tempo. Caso contrário, o outro, mesmo sendo consanguíneo será quase sempre um completo estranho.

Os aspectos positivos e negativos desse relacionamento tendem a ser benéficos para os indivíduos possibilitando-lhes mais maturidade para o manejo de conflitos. Para Kramer e Bank (2005), os irmãos se conhecem muito bem, sabendo como agradar e desagradar de modo intenso, por isso conseguem despertar um no outro o que há de melhor e o que há de pior.

### **3.5 Irmãos: o gênero**

Há na espécie humana a distinção sexual entre machos e fêmeas. Ser homem e ser mulher é uma construção social a partir do conceito de gênero que pode ser definido como um conjunto de relações estabelecidas pela cultura. O gênero mostra, a partir de uma realidade empírica, as relações em um dado momento histórico e os modos de existência da realidade social (ARAÚJO, 2005).

Essas relações utilizam-se da constituição biológica para validar a desigualdade entre homens e mulheres, dando de uma maneira primordial significado às relações de poder. É a partir da anatomia que se separa o lugar social do homem e da mulher, como explicita Scoott (1995). A anatomia como um elemento de pura distinção e validação de poder ofusca a condição primeira de homens e mulheres ou seja: sua humanidade. A distinção do ser humano é porque sua existência é única (ARENDRT, 1991). Esse deveria ser o único princípio norteador das relações entre homens e mulheres.

O conceito de gênero surge para descolar a dimensão biológica da dimensão social (HEILBORN, 2003). E, ao mesmo tempo, trazer para o debate o caráter relacional do gênero: o mundo das mulheres está imbricado no mundo dos homens (SCOTT, 1995). Esses mundos e suas disparidades se encontram dentro e fora do ambiente familiar.

Por isso, mesmo com a entrada da mulher para o mercado de trabalho, o advento da pílula anticoncepcional e consequente controle de natalidade na década de 60, observa-se que essas conquistas não atingiram o patamar de intensidade desejado. Pesa ainda sobre as mulheres o estigma do cuidado e, assim, a hegemonia nas tarefas domésticas (SARTI, 1999; ABOIM, 2006).

Com os irmãos, o gênero influencia muito o hábito e o modo de cada um se comportar. Para o desenvolvimento da sexualidade, irmãos de gênero diferente podem exercer entre si uma influência mútua de modo positivo, propiciando que as diferenças entre homem e mulher fiquem evidentes entre os irmãos e as irmãs. Por outro lado, a rivalidade torna-se mais evidente em irmãos do mesmo gênero. Cada um em seu gênero distinto faz uma leitura diferente do mundo a sua volta. Uma interpretação de realidade que em parte se deve ao modo como os pais os tratam (SAMPAIO, Izabela T. Antunes; VIEIRA, Mauro Luís, 2010).

Embora a diferenciação de tratamento entre os filhos não esteja legitimada em nossa sociedade ela existe mesmo que de modo implícito. Os pais estão imersos numa cultura que, na maioria das vezes, mesmo que de forma velada, não trata de modo igualitário homens e mulheres; dessa maneira acabam por reproduzir involuntariamente essa desigualdade com seus filhos, educando-os de modo distinto e fazendo com que irmãos e irmãs tendam a comportamentos diferenciados.

Há uma expectativa social de um papel a ser desempenhado por homens e mulheres dentro e fora da família que é construído por meio das interações sociais. Assim, os homens colocam na prática cotidiana princípios impessoais para o enfrentamento de situações dramáticas e as mulheres, sua sensibilidade e cuidado (SINGLY, 2000).

Rabinovich, Franco e Moreira (2012) constataram, em uma pesquisa sobre o significado da família que os homens colocam o sentido como central, enquanto as mulheres se colocam no centro; ou seja, as mulheres consideram-se plenamente atuantes em suas famílias, elas a “constroem”. Os homens, ao contrário, sentem-se como beneficiários da família: receptores de cuidado e afeto.

Cecconello e Koller (2000), em um outro trabalho cujo foco foi crianças em situação de pobreza, identificaram que as meninas tiveram melhor capacidade de adaptação ao ambiente social no qual viviam. Logo, meninos e meninas têm respostas diferentes ao estresse sentido e percebido num dado ambiente. A socialização feminina nesse contexto é para o uso e desenvolvimento de estratégias pró-sociais e para os meninos para estratégias competitivas (GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007; NUNES; SILVA; AIELLO, 2008; MUNIZ; FÉRES-CARNEIRO, 2012).

Com os irmãos, pode ser observado também que grupos de meninos e meninas possuem suas distinções e especificidades com relação ao relacionamento. Oliva e Arranz (2005) esclarecem que, para as meninas, um bom relacionamento com seus pares irmãos implica em bom relacionamento com seus pais, aumento da autoestima e satisfação com a vida. Já com os irmãos, o relacionamento estabelecido entre eles não possui influência de outras variáveis.

Para as meninas, há uma tendência no ensino para o exercício de maternar e do cuidado. Nas brincadeiras infantis dentro e fora de casa existe um forte estímulo para

que as meninas brinquem com bonecas e os meninos com carrinhos, jogos de luta, dentre outros. Chodorow (1978) apontou que a capacidade para maternar é a mais importante distinção entre a educação de meninas e meninos. O cuidar do outro, por outro lado, destoa com a prerrogativa social vigente: o individualismo. Nesse sentido, é positivo seu estímulo em seio familiar. No entanto, deve também ser estimulado nos meninos para que no futuro como pais, esposos, irmãos e amigos saibam perceber a necessidade do outro e colocar-se à disposição para auxiliar.

Em fase adulta, segundo Sptize e Trent (2006) com base em uma pesquisa feita por Akiyama e Antonucci (1996), a questão de gênero entre irmãos pode ser descrita da seguinte maneira: as irmãs são tão próximas quanto os homens. Há evidências sobre as mulheres dando ou recebendo ajuda num grupo de irmãos. Por isso, a presença ou ausência de uma irmã pode influenciar o relacionamento do grupo como um todo, promovendo mais interatividade e laços mais fortes entre os irmãos. Pares de irmãs têm mais contato, mas há pouca evidência sobre o contato entre irmãos.

Por outro lado, as mulheres dão mais ajuda e apoio emocional aos irmãos do que os homens, segundo Eriksen & Gerstel (2002). As pesquisadoras reconhecem, no entanto, a necessidade de mais estudos para elucidar a questão de gênero entre os irmãos em fase adulta. Observam que há resultados contraditórios: a maioria dos estudos consegue reunir dados dos entrevistados sem acessar os demais irmãos; muitas pesquisas são em locais específicos com idades limitadas dos participantes e amostras menores, dentre outros aspectos.

As autoras Eriksen e Gerstel (2002) realizaram um estudo intitulado *Diferenças de gênero nas relações entre irmãos adultos em famílias de duas crianças* em 2006, com 1500 entrevistados. O objetivo era analisar a proximidade entre os irmãos adultos que tivessem filhos. Elas concluíram que cada vez mais há adultos com apenas 01 irmão, logo poderá haver contato e ajuda mútua entre eles independente do gênero.

Parece também provável essa ajuda devido aos papéis familiares que, em algumas famílias nucleares, estão sendo cada vez menos sexistas entre os mais jovens; possibilitando que irmãos e irmãs adultos, em seus papéis familiares, tornem-se menos distintos também. Reconhecem que na pesquisa realizada existem limitações: há necessidade de mais estudos para aprofundar o tema. Assim, fica evidente que, até o

momento, não há estudos conclusivos no que diz respeito ao gênero entre os irmãos em fase adulta.

### **3.6 Irmãos: idade cronológica**

A interação estabelecida entre os irmãos na infância e ao longo do tempo sofre influência da diferença de idade que pode acentuar sentimentos de disputa, rivalidade e discórdias, mas também companheirismo e afeto. Para Dunn (2005), o relacionamento entre irmãos tem um impacto significativo por promover um contato de intimidade diário. Brody (1998) o destaca como configurado em sua composição por interações amistosas pró-sociais e conflituosas.

Há maior proximidade entre os irmãos quando a diferença de idade não é pequena. Existe mais intimidade, como também mais conflito. Para Fernandes (2002), as disputas, rivalidades e conflitos de um modo geral entre os irmãos são mais intensos quando eles são do mesmo gênero e possuam pouca diferença de idade. Maior diferença de idade entre os irmãos significa mais afetuosidade e menos conflito.

Conforme mencionado, o irmão mais velho tende a posicionar-se como cuidador do irmão mais jovem, uma figura substituta dos pais, gerando entre os irmãos um sentimento de proteção e ternura independente do gênero (DIAS; Maria Cristina; FONSECA, Célia, 2013). Essa situação é mais evidente nas classes menos favorecidas quando, geralmente, a mãe sai para trabalhar e deixa os filhos menores aos cuidados dos filhos maiores. E se há rupturas importantes nessas famílias, que levem as crianças a serem abrigadas em instituições de cuidados públicos, esse fenômeno torna-se mais tangível (ROSSATO, Luciano Alves; LÉPORE, Paulo Eduardo; CUNHA, Rogério Sanches, 2014). Ou seja: nessas situações a identidade da criança é focada no pertencimento ao grupo de irmãos (RUSTIN, 2007). Muitos teóricos defendem que quando há impedimento de convívio entre as crianças e seus genitores por motivos diversos (uso abusivo de álcool, droga, violência doméstica ou contra a criança), os irmãos tornam-se a única fonte de apoio emocional e laço afetivo que as crianças expostas a essas situações encontram como explicitam Norris-Shortle *et al.* (1995).

Quando a diferença de idade entre os irmãos ultrapassa uma geração, há ausência de uma história de vida comum que envolva acontecimentos compartilhados. Os vínculos entre os irmãos não são estabelecidos (GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2007; MUNIZ; FÉRES-CARNEIRO, 2012.), provocando entre os irmãos um distanciamento e, ao mesmo tempo, um estranhamento com relação àquele que deveria lhe ser familiar.

Toman (1993), em um estudo realizado, constatou que se existe diferença de dois anos entre irmãos, o conflito entre eles atinge um nível máximo. Em diferença de idade menor, os irmãos estarão mais ligados estabelecendo uma relação menos conflituosa. Por outro lado, Fernandes (2002) esclarece que, no caso de filho do meio com diferença de seis anos, o distanciamento será inevitável e esse filho terá características de filho único.

Na adolescência, os irmãos vivem um momento singular onde o desejo de ser adulto é gritante. Deixar de ser criança começa a impor-se como uma regra a ser seguida, como sinal de independência e construção identitária. Por outro lado, ainda persiste uma grande necessidade de afeto, atenção e proteção.

E no caso dos irmãos gêmeos uma forte ligação entre eles será estabelecida por dividirem a mesma gestação e carga genética. Existe maior identificação entre eles com as necessidades do outro por dividirem, quando menores, os mesmos ambientes, a atenção dos pais, os amigos. O desafio para os irmãos gêmeos é cada um reconhecer-se como diferente do outro.

Por isso, o processo de individualização para eles é mais complexo. Sendo necessário que os pais ou cuidadores estimulem precocemente a diferenciação entre eles, tratando-os como filhos únicos para evitar a homogeneização que dificulta a percepção de cada um como diferente do outro. O desafio que se impõe é cada gêmeo se reconhecer diferente diante da ordinária convivência íntima do idêntico (DIAS, Maria Cristina de S. Brito; FONSECA, Célia Maria S. Maior de Souza, 2013).

Logo, como se pode depreender fica evidente a importância que os irmãos exercem na vida uns dos outros. Na infância a relação pode configurar-se mais fortalecida, com a ludicidade permeando e amortecendo os conflitos; na adolescência a busca pela identidade individual de cada irmão tende a acirrar os conflitos. E na fase

adulta e velhice há uma tendência de acomodação dos sentimentos e um relacionamento fraterno mais amistoso, livremente escolhido e mantido por afinidade e amizade.

### **3.7 Irmãos: a rivalidade**

A rivalidade entre irmãos e sua descrição remonta à antiguidade. Foi bem descrita no início do texto bíblico no livro de Gênesis com as histórias de “Caim e Abel”, “Isaú e Jacó”, “José do Egito e seus irmãos”. Nessas histórias predomina o desejo de ser o melhor diante de Deus que desencadeou uma atitude extrema que culminou com o assassinato do próprio irmão; a disputa pelo lugar de primogenitura e o favoritismo dos pais.

Nas mitologias egípcia e romana, esta temática é contemplada pelos personagens “Seth e Osíris” “Rômulo e Remo”, os quais por inveja, tal como “Caim e Abel”, cometeram o fratricídio. Há também nos contos de fadas de uma maneira menos intensa a disputa entre as irmãs com o clássico Cinderela de Charles Perrault (1628-1703) onde as filhas da madrasta maltratavam Cinderela.

A partir dessas histórias observa-se que a rivalidade, o ciúme e a violência que podem estar presentes no relacionamento entre os irmãos. Como já mencionamos no item anterior quando foi abordado a questão da idade cronológica dos irmãos, é parte da história humana que reflete uma verdade universal sobre esse relacionamento que pode ser nomeado como complexo fraterno. Lacan (1938) desenvolveu em “A família” o complexo fraterno como uma noção teórica. Esse complexo define-se como a hostilidade que uma criança manifesta com relação aos irmãos, considerando-os rivais, temendo a concorrência pela perda ou divisão do carinho dos pais.

Essas lendas também podem ser entendidas como parte da mitologia ocidental que direcionam as expectativas e condutas sobre o que é ser um irmão Mendelson (1990). Dentro de uma perspectiva judaico-cristã, ser irmão é solidarizar-se e amar o outro como a si mesmo. Mas definir a rivalidade fraterna apenas como a disputa tendo em vista um terceiro não abarca toda a gama que envolve a disputa entre irmãos, segundo Pereira e Lopes (2013).

Para as autoras, o ciúme entre os irmãos diz respeito à atenção dos progenitores, a rivalidade por meio de disputas aos espaços comuns divididos e à posse de objetos. Brinquedos e roupas na infância e adolescência; em fase adulta os bens materiais, geralmente esses itens causam enormes conflitos entre os irmãos. Há também a disputa por um espaço vital: a autoafirmação subjetiva que pode funcionar, em certa medida, como um marcador de identidade.

O amor e o ódio têm uma dinâmica própria na vida emocional dos irmãos. São sentimentos passionais intensos que extrapolam suas relações com seus progenitores (PEREIRA, Carolina Rubin Rossato; LOPES Rita de Cássia Sobreira, 2013). As disputas evidenciam as lutas travadas pelos irmãos por recursos quer sejam de ordem objetiva ou simbólica. O ciúme sinaliza um sentido de autopreservação e instinto de sobrevivência, segundo a concepção de Hadfield (1962). Logo, saber lutar e conquistar o que se almeja numa relação de força emocional, e às vezes física, pode ser um aprendizado para toda a vida que faz enxergar o outro tanto como um usurpador de direito quanto um aliado.

Freud (1913/1974) propôs com o artigo *Totem e Tabu* o tabu do incesto como sendo a pedra fundante da sociedade humana e sua consequente passagem da natureza para a cultura. Houve um acordo entre os irmãos no assassinato do pai como o compartilhamento da culpa que foram os precursores do incesto e do pacto social (TEIXEIRA, 2002). Os sentimentos de ódio, desejo de matar, culpa e arrependimento deram início à irmandade como possível coesão social, embora a convivência entre os irmãos não abolisse o ciúme, como salienta Teixeira (2002). Vale ressaltar que foi a partir de abordagens psicanalíticas sobre o relacionamento entre os irmãos que tiveram início as teorizações sobre a rivalidade fraterna que influenciaram de maneira histórica e cultural o olhar ocidental sobre os irmãos.

O ciúme é um sentimento primitivo que emerge na pessoa quando ela se sente ameaçada de ser roubada, ou do sentimento de está sendo roubada. Cria um triângulo imaginário com um terceiro ladrão. Ou a própria pessoa como ladrão. Se a pessoa sente que está à mercê de ser despojada de algo que precisa, sente-se muito insegura, sem chão.

De certo modo, esse sentimento pode ser visto como uma construção social que abarca: amor, ódio, medo inveja, orgulho, raiva que desencadeia reações diversas, podendo ser acompanhado de um outro sentimento a baixa-estima (ALMEIDA, Thiago de, RODRIGUES Kátia; SILVA, Ailton, Amélio da, 2008). E, saber lidar com o ciúme fraterno e seus desdobramentos no ambiente doméstico é preparar-se de certo modo, para lidar com esse sentimento ao longo da vida nas mais diversas interações sociais tendo em vista não só lidar com o outro, mas consigo mesmo.

Por isso, não é apenas o nascimento de um irmão que causa um sentimento de ciúmes em outra criança. Fernandes (2000) considera que outros eventos familiares podem desencadear esse sentimento, levando o filho a sentir uma diminuição da atenção e do afeto dos pais. As disputas fraternas independem de valores, filosofia ou estilo de vida familiar. Sua potencialização para aspectos negativos ou seu redimensionamento para aspectos positivos depende do modo como a família está estruturada.

Numa dimensão lateral da vida psíquica, o relacionamento fraterno desafia aos irmãos o encontro da singularidade em meio ao semelhante. Segundo Kehl e Figerman (2000) no processo de formação da subjetivação humana a participação dos semelhantes é necessária. A autora ao analisar o pacto estabelecido entre os irmãos em “Totem e Tabu” esclarece que se cria uma memória compartilhada de proteção em meio ao desamparo que só pode ser estabelecida pela união dos que são semelhantes e não idênticos.

Os irmãos possuem um ancestral comum, ou seja, possuem um mesmo vínculo, são semelhantes, mas cada um se apropria da herança deixada pelo pai de um modo, isso os torna sujeitos singulares. As brigas e rivalidades sinalizam um anseio pela diferenciação identitária. A dinâmica familiar pode promover entre os irmãos uma competição saudável e equilibrada, cujo objetivo seja a satisfação e equilíbrio emocional de cada um, como a formação de potenciais inimigos.

O ciúme ou a sensação de perda do favoritismo dos pais pode acompanhar a criança até a fase adulta de modo latente. Embora esse sentimento com relação aos pais não seja exclusivo como propulsor para grande parte das disputas e rivalidades fraternas; o amor e o ódio tanto acompanham os irmãos em suas vidas próprias quanto no contexto da relação parental (PEREIRA; LOPES, 2013). Esse drama relacional pode

ser reativado na fase adulta por motivos diversos, trazendo à tona sentimentos e percepções mal resolvidos entre os irmãos que foram sendo cristalizados ao longo do tempo.

Existe um conflito residual entre os irmãos que permanece que os faz delimitar seus espaços psíquicos, físicos e materiais (FERNANDES, 2000), conflitos que tiveram início na infância e podem perdurar até a fase adulta (BRODY, 1998). Em fase adulta, as competições podem ser pela atenção dos pais idosos e responsabilidade por seu cuidado ou mesmo por pais falecidos (VIORST, 2019). As lembranças sobre a maneira como os pais falecidos tratavam os irmãos podem ser superdimensionadas, provocando entre os irmãos mais ciúmes e rivalidades.

Os legados de competição que um adulto traz em si pode extrapolar para seus relacionamentos social e profissional. Ele pode reagir com colegas de trabalho, cônjuge, amigos ou filhos como se fossem irmãos e com eles desenvolver a mesma dinâmica competitiva (VIORST, 2019). Um olhar mais atento sobre o modo como o relacionamento fraterno se faz ao longo do tempo pode esclarecer sobre a permanência desse conflito residual e estabelecer a influência que será exercida sobre os irmãos principalmente em fase adulta e velhice.

## 4 RELACIONAMENTO FRATERO EM FASE ADULTA

Em termos relacionais e de convivência, os irmãos fornecem uns aos outros a primeira oportunidade de um relacionamento mais ou menos igualitário, com uma história de vida comum e paralela (BEDFORD, 1989; BRUKAKER, 1990; CICIPRELLI, 1991a; DEW et al., 2004), cuja troca dialógica torna-se importante para o crescimento social e psicológico de cada indivíduo.

A vida humana, em seus diversos processos, possui uma natureza relacional, não sendo possível sua existência sem relacionamentos dialógicos com os outros (SALGADO; GONÇALVES, 2007). Por meio desse processo dialógico, vamos ensinando e aprendendo, lapidando em nós um melhor modo de ser humano, em termos socioemocionais e um melhor modo para nos relacionarmos.

Cicirelli (2013) afirma ser a maior função do relacionamento fraterno o processo de ensino-aprendizagem que os irmãos vão vivenciando na infância. É uma experiência que contribui positivamente para o desenvolvimento intelectual das crianças (ZAJONC; MARCUS, 1975), assim como para seu amadurecimento psíquico e emocional. Essa regra continua em fase adulta quando os irmãos mais velhos permanecem sendo referência para os irmãos mais novos na escolha profissional, no casamento, no modo como tratam os pais, conforme salienta Cicirelli (2013).

Oliveira e Lopes (2010), em revisão de literatura cuja abrangência foram os trabalhos feitos entre as décadas de 70, 80, 90 até o ano de 2008 sobre o impacto emocional causado no primogênito pela chegada de um irmão, constataram que há poucas pesquisas sobre o assunto e uma tendência a priorizar a independência das crianças primogênicas como algo positivo e a dependência como algo negativo.

Percebe-se ausência de estudos que elucidem mais sobre o impacto emocional da chegada de um irmão ao longo do tempo. Uma nova condição que o primogênito e demais irmãos passam a ter a necessidade de absorver. O novo arranjo familiar com o nascimento de um irmão sinaliza que o convívio entre os irmãos merece mais atenção. Por isso, o aprendizado emocional para a convivência social entre os irmãos, o modo como gerenciam o relacionamento fraterno na infância e ao longo do tempo, e os recursos materiais e simbólicos que possam vir a utilizar se destacam como pontos a serem mais bem explicitados.

Os estudos de Goetting (1986) aprofundaram o relacionamento fraterno ao longo do ciclo de vida, destacando que as bases para um relacionamento fraterno em fase

adulta e velhice são iniciados na infância e adolescência. Nesse momento do ciclo de vida os irmãos são companheiros e fornecem suporte emocional uns aos outros; como também ajudam a cuidar de irmãos mais novos. De modo específico na adolescência há a formação das coalizões para lidar com os pais, empréstimo de dinheiro, proteção física, ensino de habilidades, ajuda com lições escolares e compartilhamento de amigos.

Na fase adulta inicial e média, os irmãos são companheiros, ajudam os pais idosos e ajudam-se mutuamente tanto material quanto emocionalmente. Esse apoio mútuo inclui ajuda durante a doença, compartilhamento de bens, empréstimo de dinheiro. Na velhice, os irmãos são companheiros, ajudam-se socialmente e materialmente para compensar as perdas. Há resolução de conflitos pendentes entre eles.

Na percepção de Goetting (1986) fornecer apoio emocional, bem como ajuda com prestação de serviços diretos são importantes em cada fase do ciclo de vida entre os irmãos; mesmo que em cada estágio esse apoio possa ser executado de modo diferente. A autora considera que a ajuda mútua entre os irmãos em fase adulta e velhice tiveram sua base sólida na infância e adolescência. Percebe-se assim a importância de que haja na infância e na adolescência um apelo parental constante para que os irmãos sejam solidários e unidos.

Weisner (1989b) destaca também que ao longo da vida e na maioria das culturas os irmãos realizam uma grande variedade de atos de ajuda e apoio mútuo como já sinalizavam os achados de Goetting (1986). Em fase adulta mediana, os irmãos são um suporte para momentos de crises (TROLL, 1985).

Em contrapartida, pesquisas feitas por Adams (1968) indicam que a ajuda mútua entre os irmãos em fase adulta são mais frequentes entre os pares de irmãs com irmãos e de irmãos com irmãos, podendo também ocorrer com pares de sexo diferentes, mas que possuam uma forte ligação afetiva. Pesquisas também apontam que as irmãs em fase adulta são mais próximas do que os irmãos (CICIRELLI, 1985; ROSS; MILGRAM, 1982; WHITE; RIEDMAN, 1992). Esses autores salientam que as irmãs são mais propensas a ajudar do que os irmãos. Aldous (1987) e Brody (2003) destacam também o papel das filhas como principais cuidadoras de pais idosos; mesmo tendo outros irmãos, elas tendem a assumir esse papel.

Segundo Troll (1975), há entre os irmãos em fase adulta, principalmente em momentos de crises familiares, suporte e companheirismo mútuo. Os irmãos fornecem mais apoio psicológico que instrumental uns para os outros (CICIRELLI, 1991a). Apoio

instrumental seriam as várias formas de cuidado e assistência. E o apoio psicológico seria companheirismo, aconselhamento para tomar decisões, elevação de sentimentos de autoestima. No entanto, mesmo os irmãos sendo companheiros em momentos de crises pessoais ou familiares, essa área precisa de mais estudo e aprofundamento. Inclusive porque os relacionamentos fraternos na velhice são mais pesquisados que aqueles em fase adulta, conforme destaca Cicirelli (1995).

Cicirelli (2013) acrescenta ainda alguns aspectos do relacionamento fraterno em fase adulta e velhice como resultado de pesquisas realizadas por ele e outros pesquisadores, destacando: afeição e proximidade, indiferença, companheirismo, amizade e comunicação frequente. Há outras tipologias utilizadas por ele e demais pesquisadores para classificar o relacionamento fraterno em fase adulta. Mas Cicirelli (2013) salienta que é difícil classificar todos os casos com tipologias pré-estabelecidas.

Percebe-se a necessidade de mais aprofundamento sobre o relacionamento fraterno em fase adulta, a fim de desnudar sua dinâmica e os recursos utilizados pelos irmãos para manterem esse relacionamento. Segundo Volkom (2016), há necessidade de mais trabalhos que contemplem os vários aspectos dos vínculos entre os irmãos em fase adulta porque cada vez mais pesquisadores têm percebido a importância desse relacionamento, por vezes um pouco ignorado.

A autora também propõe que os trabalhos possam ter seu foco em todos os irmãos, não somente nas díades. Acrescentaria que não só nos irmãos, mas na família extensa como um todo e as reverberações que suas diversas relações fornecem ao relacionamento entre os irmãos em fase adulta.

Cicirelli (2013) pontua que estudar o relacionamento fraterno adulto por meio do ciclo de vida possibilita um melhor entendimento sobre o indivíduo e seu contexto familiar e os diversos eventos aos quais a família está exposta ao longo do tempo. E o modo como esses eventos influenciam o relacionamento fraterno.

Esse autor coloca também a questão do relacionamento fraterno sob a ótica transcultural, observando que há diferenças entre relacionamento fraterno em sociedades industrializadas e aquelas que não são. Reconhece que existe uma demanda para novos estudos, levando em conta os métodos e técnicas utilizados em culturas diferentes, para que se possa ter uma base comparativa de dados que seja mais consistente.

Esclarece que existem duas teorias para dar conta de explicar o relacionamento fraterno em fase adulta, destacando a necessidade de trabalhos científicos que se proponham a explicar a origem do vínculo fraterno, sua continuidade ao longo do tempo independente da distância física ou outros eventos que possam vir a separar os irmãos adultos. Ele observa ainda que a maioria das pesquisas realizadas com irmãos em fase adulta tem sido feitas de modo atóxico em sua natureza, algumas com citações de teorias psicológicas com explicações *ad hoc*.

As teorias citadas por Cicirelli (2013) são: Solidariedade familiar e Apego adulto. A solidariedade é um constructo multidimensional que envolve um grupo estruturado de pessoas tendo em vista a proximidade, o contato, a afeição e o consenso (sobre valores, atitudes e opiniões), troca de favores e adesão a normas de comportamento (BENGTSON; MANGEN, 1988). Embora tenha sido usada como uma teoria de solidariedade geracional numa perspectiva sociológica (GOLD, 1987), para explicar as conexões fraternas é um conceito amplamente descritivo como explicitado por Cicirelli (2013). Neste caso, as relações entre irmãos adultos, investigadas por meio desse constructo teórico, podem ser regidas por normas e outras por voluntariedade. Adams (1968), em sua pesquisa, observou que a adesão como norma pode ser uma questão de gênero. Os irmãos adultos mantêm contato por dever; e as irmãs por afeição.

Outra teoria seria a adaptação da teoria do apego para adultos. Numa perspectiva de ciclo de vida, ou seja, o apego entre os irmãos sendo observado ao longo do tempo e em fase adulta (BOWLBY, 1979; CICIRELLI, 1983, 1991; BOWLBY, 2012). Os pais tendem a direcionar o olhar dos irmãos mais jovens para que o percebam como suporte com o qual podem contar, principalmente em sua ausência ou falta, numa tentativa de que fiquem mais vinculados uns aos outros. Killoren e col. (2016) destacam a mediação parental (cuidado e controle), como um importante fator para o estreitamento dos laços fraternos a partir da infância; e o irmão mais velho como um conselheiro e exemplo a ser seguido.

Os estudos de Cicirelli (1985a), Spize e Trent (2006), Souza, Maciel Jr. e Lima (2013), concluíram que o suporte psicológico foi relatado pelos entrevistados, principalmente com irmãs, indicando que as irmãs propiciam um forte vínculo quando envolvidas com os irmãos em fase adulta. Elas são mais próximas, procuram seus pares com maior frequência; em contrapartida, o modo escolhido pelos irmãos adultos homens para demonstrarem afeto é através de ajuda material.

Ao longo da vida adulta os irmãos podem contar com seus pares, conforme explicita Volkom (2016), destacando-se, nessa fase, a companhia e o apoio emocional como importantes atribuições do relacionamento fraterno (OLIVEIRA, 2006; GOLDSMID; FÉRES-CARNEIRO, 2011; SOUZA, MACIEL JR.; LIMA, 2013; MACHADO, 2013). Por outro lado, quanto melhor for o relacionamento fraterno ao longo do tempo, menor probabilidade de distanciamento entre os irmãos em fase adulta, mesmo diante de eventuais conflitos, conforme indicam os trabalhos de McGoldrick, Gerson e Petry (2012).

A função fraterna é trabalhada pela pesquisadora Maria Rita Kehl que, em 2000, organiza um livro sobre esse tema. A autora fundamenta esse conceito a partir de Lacan quando teoriza sobre o complexo fraterno e o estágio do espelho. Neste sentido, a função fraterna é a entrada do outro semelhante, mas que se confronta com a inevitável diferença de seu par. A função fraterna possibilita que um campo de identidade possa ser ampliado, deslocando o sujeito da identificação paterna sem menosprezá-la.

Os sujeitos passam a se reconhecer em suas semelhanças e diferenças, constituindo outros ideais num movimento constante de recriação da cultura. Para a autora, a condição fundamental da fraternidade é a semelhança na diferença. A experiência fraterna encerra em si uma concepção de alteridade onde a subjetividade se consolida na ética da fraternidade. Incompleta e precária, a ética da fraternidade rompe com a figura da autossuficiência moderna; nesse sentido ético, o outro deixa de ser objeto (BIRMAN, 2000). No processo de subjetivação humana, a participação do semelhante é necessária (KEHL, 2000).

Os estudos de Goi (2014) analisam o relacionamento entre os irmãos, destacando o complexo fraterno. Freud e Adler foram os primeiros a se debruçarem sobre essa temática. Embora Freud não tenha mencionado abertamente o complexo fraterno em seus trabalhos, ele por várias vezes abordou a questão entre os irmãos, destacando sua importância para fantasias primárias.

A continuidade dos trabalhos sobre o complexo fraterno foi seguida, no século XXI, por René Kaës e Luis Kancyper. O foco desses autores foi analisar a presença de sentimentos ambivalentes como, rivalidade, ciúme, ódio e amor entre os irmãos. Esses sentimentos fazem com que os irmãos se identifiquem com o outro e, ao mesmo tempo, percebam-se diferentes dele. O irmão é uma presença dupla e paradoxal necessária. Os sentimentos negativos entre irmãos jamais são totalmente solucionados; em certo

sentido, concorrem para a deterioração de valores e normas que sustentam a vida em sociedade.

Para Sá (2019), pensar sobre a irmandade e as contradições que a sustém é se aventurar em relações nas quais tudo cabe e é pertinente. Uma condição fundamental para a relação entre irmãos, segundo Kehl (2000), é a aliança entre iguais que se faz mediante a percepção da diferença. Já Adler (2013<sup>5</sup>), contemporâneo de Freud, por sua vez, enfatizou na sua teoria a ordem de nascimento dos irmãos como fundante para o comportamento e personalidade de cada um, associando o contexto em que nasce a criança e o modo como ela o interpreta como preponderantes para delinear seu caráter. Para Liotta et al. (2010), o complexo fraterno é uma espécie de deslocamento do complexo de Édipo, onde o relacionamento entre os irmãos tem o papel de reforçar essa dinâmica.

Outros trabalhos apontam para a maneira como os laços fraternos são construídos. Dentre esses trabalhos citamos o de Benghpzi e Féres-Carneiro (2001), em *Casamento e família: do social à clínica*, onde os autores destacam o laço fraterno em perspectiva psicanalítica, e o de filiação de maneira psíquica e sustentado pela realidade biológica. Cicirelli (2013) destaca estudiosos que veem a família como um sistema e os irmãos formadores de um subsistema. Neste caso, os irmãos casados têm seus relacionamentos influenciados pelos cunhados e cunhadas que passam a fazer parte da rede de parentesco da família estendida.

Há pesquisadores que destacam a fratria como uma entidade grupal diferente da soma psíquica de seus indivíduos, como pontuado no trabalho de Goldsmid (2007). Como subgrupo cuja relação horizontal é única dentre as demais relações familiares, sua dinâmica participa ativamente na formação da identidade e sentimento de pertença de cada um de seus membros (FERNANDES, 2000), com um peso significativo para o amadurecimento da personalidade adulta. Oliveira (2005) evidencia a multiplicidade de relações nesse subgrupo familiar com distintos graus de complexidade interativa e emocional, envolvendo tanto relações amigáveis como aquelas que são hostis.

Na realidade, essa complexidade relacional evidencia o que é a família contemporânea, destacando seu aspecto plural. A diversidade surge como um norte para pensarmos melhor esse momento sob o qual a família e suas relações estão inseridas. De certo modo, é isso que a experiência relacional entre os irmãos nos traz. Sob

---

5 Obra originalmente publicada em 1930.

sentimentos opostos que se desdobram além do núcleo familiar, a experiência relacional no grupo fraterno afina nosso modo de ser irmão em contextos diversos nos ajudando a minimizar os impactos que as dicotomias: estranho x familiar, proximidade x distância, amigo x inimigo possam nos causar (SÁ, 2019).

Neste sentido, os pesquisadores Kramer, Noorman e Brockman (1999) destacaram seis categorias que contextualizam o relacionamento fraterno: Afeto (cuidado, proteção, consolo, ajuda, lealdade, orgulho); envolvimento (brincadeiras, instrução, inclusão, companheirismo); Manejo de conflito (resolução de problema, negociação, divisão partilha, tomada de perspectiva, imaginação); conflito (disputa, fofoca, raiva, culpabilização, desaprovação, ameaça, insulto, provocação, imitação, agressão física e solidão); controle (exigência, autoritarismo, exclusão, evitação, territorialidade, privacidade) e rivalidade/competição (comparação depreciativa, competição, inveja, ciúme).

Os autores consideram as três primeiras dimensões como aquelas que abarcam aspectos positivos do relacionamento entre irmãos e as demais como negativas. Embora todas sejam necessárias para que o indivíduo possa aprender a refinar seu comportamento e modo de agir estando em relação com o outro dentro ou fora do ambiente familiar, independentemente da idade o contato social sempre estará presente em nossa vida.

No entanto, mesmo diante da importância do relacionamento fraterno, os estudos só tiveram início no século XX, pela psicanálise e psicologia do desenvolvimento com foco sobre as relações na infância e adolescência. Nestes estudos, observa-se que o olhar investigativo sobre os irmãos se concentra na rivalidade, competitividade, e disputa pela atenção parental. A partir dos anos 1980, têm início os trabalhos em fase adulta (GOETTING, 1986; BANK; KHAN, 1997; CICIRELLI, 2013). A autora e os demais autores apontam uma nova perspectiva para o estudo do relacionamento fraterno em fase adulta para além da rivalidade.

Mesmo que os trabalhos com irmãos em fase adulta sejam recentes, como citado, esse tema reverbera em diferentes contextos em nossa cultura. No discurso religioso (Caim e Abel), na História (Rômulo e Remo), Literatura Infantil com os contos tradicionais (Irmãos Grimm e os Três Porquinhos), Literatura infanto-juvenil e adulta (As Mulherzinhas, de Louise May Alcott); Os irmãos Karamazov, último romance de

Dostoievsky; Esaú e Jacó de Machado de Assis; Shakespeare com a peça (The King Lear) dentre outros, quer sejam livros, poemas ou contos, na área de Literatura, como também no cinema (Os irmãos Cohen, são irmãos que dirigem juntos), televisão (Irmãos Coragem de 1970, escrita por Janet Clair); desenhos animados (Kenai e Koda). São formas narrativas que expressam, por certo viés, a experiência do relacionamento fraterno.

No entanto, como se dá a construção de significados da experiência (de modo específico da experiência do relacionamento fraterno em fase adulta e ao longo dotempo) conforme explicita Zittoun (2006)? A autora pontua que o desenvolvimento humano implica um salto qualitativo no modo de pensar e agir sobre o mundo e uma mudança na percepção do si mesmo. Um processo inacabado e imprevisível marcado por rupturas na trajetória de vidas- seguidas de momentos de reestruturação- transição para um novo equilíbrio. As transições na vida adulta são ocasiões para o desenvolvimento (ZITTOUN, 2004).

A partir do movimento ruptura-transição é possível perceber a mudança que resultará num novo equilíbrio. Para Madureira e Branco (2005), o desenvolvimento humano pode ser entendido como um fenômeno cujo caráter processual, dinâmico e criativo faz emergir a novidade psicológica. Neste caso, a emergência da novidade está condicionada à passagem do tempo numa perspectiva de futuro.

As formulações teóricas feitas a partir das considerações de Zittoun (2002, 2004, 2006) através de uma orientação semiótica, buscam analisar como os signos a partir de unidades (verbal, comportamental e visual, dentre outras) catalisam transformações qualitativas no pensamento, ações e identidade dos indivíduos.

As pessoas internalizam, recriam e externalizam elementos simbólicos que circulam no meio cultural onde estão e nas interações nas quais se envolvem (VALSINER, 2000). O ser humano está inserido dentro de um mundo simbólico, selecionando ativamente quais elementos culturais utilizará como um recurso simbólico (ZITTOUN, 2004). Os recursos simbólicos são empregados para mediar situações de transições desenvolvimentais: a capacidade de cada pessoa para empregar um recurso simbólico ou não é um ponto significativo onde a cultura tangencia com a subjetividade (ZITTOUN, *et al.*, 2011).

Por este ponto de vista, a pessoa é vista como um agente ativo envolvido em um processo contínuo onde confere significado ao mundo à sua volta, se apropriando de sistemas simbólicos coletivos para depois os ressignificar (ZITTOUN *et al.*, 2003). As interações cotidianas num dado contexto cultural específico faculta a cada pessoa envolvida nesse ambiente a apropriação dos significados compartilhados com a possibilidade de reformulá-los com o passar do tempo, o que caracteriza a particularidade da experiência humana como discutido por Larrosa (2002): o ser humano tem experiência sobre o que o toca e não sobre o acontecimento em si.

Dessa forma, os acontecimentos cotidianos e as relações estabelecidas com as pessoas a nossa volta têm significado quando são saboreados e percebidos como um momento singular e não um evento qualquer. Nesse sentido o tempo disponível para estar com o outro e suas demandas torna-se significativo para uma experiência de alteridade e encontro que faça sentido e verdadeiramente nos toque.

Enfim, diante das considerações, a proposta deste estudo é analisar o significado atribuído ao relacionamento fraterno por indivíduos adultos e quais recursos materiais e simbólicos são utilizados a fim de preservar seu dinamismo em fase adulta mediana. Pesquisas recentes, com irmãos adultos, em famílias do mundo todo, têm seu foco no papel do desenvolvimento para um melhor ajustamento psicológico, individual e comportamental dos indivíduos (WHITEMAN *et al.*, 2011). Nesse sentido, percebe-se a necessidade de maior aprofundamento sobre essa temática, levando em conta um olhar diferenciado que contemple a dinâmica do relacionamento fraterno em fase adulta e o modo como ele se mantém.

Partimos da premissa de que um efetivo comprometimento relacional de um irmão com o outro fortalece a relação entre eles. Esse comprometimento seria balizado por recursos materiais e simbólicos utilizados pelos irmãos a fim de mantê-los unidos.

Logo, com a evidente importância dos irmãos cabe um breve olhar de como esse tema tem sido estudado em fase adulta.

#### **4.1 Relacionamento fraterno em fase adulta: pesquisas sobre o tema**

O relacionamento fraterno em fase adulta passou a destacar-se como tema de pesquisa a partir da década de 60 (OLIVEIRA, 2005). Seu significado e importância

eram desconhecidos do público em geral e de profissionais que estudavam a temática sobre os irmãos (SHULMAN, 1999). Rustin (2007) examinou os motivos que despertaram o interesse profissional, acadêmico e do público em geral para esse relacionamento, elencando três motivos: vida em contexto mais complexo, aumento da expectativa de vida, maior facilidade para a mobilidade espacial, redução de parcerias conjugais mais duradouras.

Assim, irmãos em fase adulta seriam fonte de continuidade e apoio uns dos outros, como potencial apoio financeiro e emocional para a divisão dos cuidados com genitores idosos. Para a psicóloga Joyce Edward (2012), a psicologia, de certo modo, ignorou o relacionamento fraterno por causa do foco dado ao complexo de Édipo. Os pesquisadores preferiam escrever sobre relacionamento entre pais e filhos, distanciando seus olhares de outros relacionamentos familiares.

Com o início das investigações com irmãos em fase adulta, os resultados demonstraram que os irmãos permanecem em contato. Cicirelli (1991) afirma que adultos e idosos acima de 60 anos mantêm algum tipo de contato com seus irmãos. Connidis (1992) sugere que os laços entre irmãos em fase adulta podem ser intensificados a partir de eventos importantes em suas vidas, de certo modo esses eventos tornariam o relacionamento mais intenso e aprofundado.

Por isso, estudar a temática dos irmãos ao longo do curso de vida tornou-se um assunto de extrema relevância tanto dentro como fora do Brasil. E mesmo ainda com um número reduzido de trabalhos, percebe-se o avanço das pesquisas através dos resultados alcançados.

No Brasil, no Banco Nacional de teses e Dissertações até o mês 02/2020, havia apenas um trabalho sobre relacionamento fraterno em fase adulta ao longo do tempo. Trata-se de uma dissertação de Mestrado de Ana Salles (2014) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Foi um estudo de caso realizado com uma família de quatro irmãos com idades entre 29 e 40 anos de idade, com aplicação das seguintes escalas adaptadas para o português: *Span Relationship Sibling, Parental Bonding Instrument*.

Esse estudo foi conclusivo para este grupo de irmãos nos seguintes pontos: proximidade, apoio e ajuda mútua entre os irmãos, mesmo sem convívio frequente; laços fraternos construídos da infância à idade adulta; mediação parental para um convívio harmonioso entre os irmãos.

Um segundo trabalho também foi identificado, mas, nesse caso, o estudo contemplou apenas as irmãs em fase adulta ao longo do tempo, para investigar o relacionamento fraterno tendo em vista a trajetória profissional de cada uma. Trata-se de uma Dissertação de Mestrado, cuja autora é Raissa Ducatti Lino Machado (2013) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Trata-se de um estudo de caso realizado com quatro irmãs das camadas médias urbanas com entrevistas narrativas abertas, sendo conclusivo nos seguintes pontos: os laços fraternos das mulheres entrevistadas se construíram por meio do apoio mútuo e da lealdade sendo constantes ao longo de suas histórias de vida, perpassando inclusive a trajetória profissional de cada uma.

Há também duas teses de doutorado da Universidade Católica do Salvador, do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea; cujas temáticas também são sobre relacionamento fraterno.

O primeiro trabalho é da Professora Dr<sup>a</sup> Sumaia M. Pimentel Sá ano 2015, cujo título é *A presença da pessoa com deficiência na família com a palavra o irmão*. O estudo foi realizado na cidade de Salvador BA com oito irmãos de pessoas com deficiência física da camada média com idades entre 19 e 29 anos. O objetivo desse estudo foi analisar o impacto que uma pessoa com deficiência física decorrente de paralisia cerebral acarreta para o irmão com desenvolvimento típico.

Os dados desse estudo foram coletados via entrevista narrativa e suas conclusões são as seguintes: há dois sentimentos presentes na fala dos entrevistados: irmandade e fraternidade. O sentimento de irmandade reflete a interação entre os irmãos e a influência que exerce nas interações interpessoais do irmão com desenvolvimento típico. O segundo sentimento traz para o irmão com desenvolvimento típico maior autonomia e independência devido à convivência com o irmão deficiente. Uma abertura em direção à alteridade e solidariedade manifestadas por meio de escolha profissional associada a uma ação reparadora no ambiente social.

O segundo trabalho foi da Professora Dr<sup>a</sup> Cinthia B. Santos Souza ano 2015 com o seguinte título: *A poética da resiliência em família: vozes de dor que narram a beleza da superação*. O estudo de cunho autoetnográfico foi realizado com a autora e seus irmãos com idades entre 45 e 47 anos. O objetivo desse estudo foi analisar o fenômeno

da resiliência em ambiente familiar, notadamente entre a autora e seus irmãos, mediante a presença de relacionamento tenso e sofrido entre os pais.

Os dados foram coletados a partir de narrativas de histórias de vida em entrevistas coletivas e individuais com os irmãos e reuniões de família. Suas conclusões são as seguintes: os irmãos acreditam que desenvolveram resiliência, a superação da dor lhes forneceu um sentido para viver. Esse sentido de vida foi consolidado por meio da solidariedade mútua, a constituição de um novo núcleo familiar, religiosidade, vínculos com parentes da família extensa, dedicação ao estudo e uma reflexão sobre a humanidade de cada um e o caminho percorrido ao longo do tempo entre dor e felicidade.

Fora do Brasil, Cicirelli (1991) Professor de Psicologia do Desenvolvimento do Departamento de Ciências Psicológicas da Universidade de Purdue, considerado um dos maiores pesquisadores sobre o relacionamento fraterno em fase adulta, faz uma observação importante. Ele adverte que as pesquisas devem levar em conta diferenças étnicas e culturais nas conexões estabelecidas entre os irmãos em fase adulta. Para esse autor, as conexões estabelecidas entre os irmãos são mais importantes do que a estrutura do grupo fraterno em si.

Salienta que, mesmo com as pesquisas já realizadas sobre o relacionamento fraterno em fase adulta, alguns questionamentos em seu livro *Sibling relationships across the life span* (CICIRELLI, 1995) permanecem ainda para investigação e mais aprofundamento. Consideramos oportuno citar os tópicos levantados por esse pesquisador:

- A natureza do relacionamento fraterno, sua importância, qualidades e diferenças, incluindo aspectos genéticos e contextuais ao longo do curso de vida;
- As mudanças do relacionamento fraterno ao longo do curso de vida;
- A importância do relacionamento fraterno para a família numa perspectiva sistêmica;
- Como os pais ou cônjuges influenciam as características do relacionamento fraterno;
- Como o relacionamento fraterno influencia outros relacionamentos interpessoais;

- Como o relacionamento fraterno influencia o desenvolvimento e o comportamento humano;
- Como um irmão deficiente influencia o outro irmão (ã) que não possui nenhuma limitação física ou intelectual, como essa dinâmica se dá ao longo do curso de vida:
- O relacionamento entre irmãos compensa uma possível desatenção parental?
- As influências do falecimento de um irmão para os outros membros da fratria;
- Em quais momentos do curso de vida os irmãos mais se ajudam mutuamente?
- Como os irmãos adultos se organizam para ajudar pais idosos?
- Qual é a importância da percepção e interpretação individual sobre relacionamento fraterno, parental e familiar para os irmãos?
- O que justifica o relacionamento fraterno ao longo do curso de vida.

Acrescentaria também outros questionamentos: há recursos simbólicos e materiais mais efetivos que os seres humanos utilizam na dinâmica do relacionamento fraterno para mantê-lo ao longo do tempo, tendo em vista maior afetividade e interação? A ordem de nascimento dos irmãos pode de algum modo dificultar ou facilitar a dinâmica fraterna?

Hyun-ah Kang (2002), da Universidade de Illinois, publicou uma revisão de literatura sobre a natureza do relacionamento fraterno em fase adulta mediana e adultos mais velhos, excluindo adultos jovens. Suas questões norteadoras foram as seguintes: Qual é o significado do relacionamento entre irmãos adultos? Quais são os padrões e tipos de relacionamento entre adultos? Quais são os fatores que afetam o relacionamento entre irmãos adultos?

As conclusões da pesquisa de Kang (2002) foram as seguintes: o relacionamento entre irmãos em fase adulta pode ter a mesma influência na vida de uma pessoa quanto o relacionamento da infância; é complexo e fluido, sofre influência de vários fatores como gênero dos irmãos, proximidade geográfica entre eles, idade, estado civil, condição financeira dos pais, outros eventos da vida; para muitos adultos o irmão é um suporte emocional e financeiro importante. A autora recomenda mais estudos sobre essa temática devido à complexidade do relacionamento entre irmãos em fase adulta e ao

mesmo tempo por sua fluidez; por isso reconhece que há poucos estudos sobre a temática com resultados mistos.

A pesquisadora Michelle V. Volkom da Universidade de Monmouth em 2006 também publicou um artigo de revisão sobre o tema relacionamento fraterno em fase adulta. O coorte de idade escolhido por ela foi adulto mediano (40 a 60 anos) e adultos mais velhos (60 a 65 anos). Nessa revisão de literatura, a autora pôde constatar que o vínculo entre irmãos adultos geralmente permanece, caracterizando-se como um forte vínculo emocional.

Essa vinculação fornece aos irmãos apoio emocional e companhia. Destaca ser importante analisar grupos de irmãos e não apenas as díades, percebendo ser necessário maior aprofundamento nos laços fraternos principalmente entre irmãos idosos. Seus achados tangenciam com os de Souza (2013): a companhia e o apoio emocional surgem como uma significativa função do relacionamento ao longo do tempo para os irmãos.

Para a autora, alguns pesquisadores têm destacado as irmãs como naturalmente próximas, deixando de lado os irmãos que também podem ser tão próximos quanto elas. Sugere mais pesquisas com irmãos em fase adulta devido à expectativa de vida das pessoas na atualidade, com conseqüente permanência em seus postos de trabalho e adiamento das aposentadorias. As lembranças dos irmãos adultos também devem ser exploradas, principalmente com irmãos em fase adulta que já passaram pela experiência de perder um irmão.

As pesquisadoras Conger e Little (2010), da Universidade da Califórnia, priorizaram em trabalho de revisão sobre o relacionamento fraterno a fase de transição para a vida adulta, idade entre 18-25 anos. Essas autoras buscaram melhor entendimento sobre os papéis dos irmãos e o ajustamento individual de cada um, tendo em vista os seguintes eventos: a saída de casa do irmão mais velho, término da escolaridade regular, entrada no mercado de trabalho, casamento e filhos.

A saída de um irmão mais velho da casa dos pais traz uma nova perspectiva para o relacionamento fraterno, principalmente se for bem-sucedida, pode tornar-se um bom exemplo a ser seguido, e uma ajuda financeira para os irmãos mais jovens. As conclusões sobre o estudo das autoras evidenciam alguns aspectos do relacionamento entre irmãos em fase adulta inicial que pode estender-se para a fase adulta mediana e velhice.

São elas: suporte financeiro dos mais velhos aos mais novos que, em fase adulta inicial, significa a possibilidade de ascensão profissional; a percepção do favoritismo parental de um irmão em fase adulta inicial pode gerar conflitos; a entrada no mercado de trabalho e as expectativas familiares em torno desse jovem; casamento e nascimento dos filhos.

Greif e Woolley (2015), pesquisadores da Universidade de Maryland, fizeram estudos de casos aprofundados com 262 irmãos, pelo período de 2011 a 2013, em fase adulta mediana e mais velhos com idade superior a 40 anos com pelo menos 01 irmão vivo. Os dados coletados foram analisados a partir de uma abordagem de curso de vida onde se pôde ter uma noção sobre a história de vida e familiar dos participantes. A premissa inicial dos autores era a de que o relacionamento entre irmãos adultos poderia ser comparado a laços de amizade.

Mas após as entrevistas perceberam que o que une os irmãos adultos é mais do que uma amizade. Tomando por base as conclusões de Edward (2012) inferiram que há um componente que une os irmãos, um forte vínculo que tanto pode sustentar o senso de identidade de um indivíduo ao longo da vida como também impedir sua individuação e crescimento.

O trabalho desses pesquisadores resultou em um livro intitulado “*Adult Sibling Relationships*”. Nesse livro, concluíram que, em fase adulta, o relacionamento fraterno mantém o vínculo da infância, caracterizando-se como ambivalente e ambíguo. Essas características são consideradas pelos autores como intrínsecas às interações entre irmãos adultos. Por isso, pode ser entrecortado por sentimentos negativos e hostis como competitividade e ciúme, torando-se doloroso, exaustivo e incerto.

No entanto, nesta amostragem de irmãos adultos, segundo os autores, pôde ser constatado que os sentimentos de amor e lealdade entre eles permanecem mesmo que de forma velada. A falta de comunicação, sentimentos ambivalentes e mesmo um certo estranhamento entre os irmãos não impede a permanência do amor e da lealdade entre eles, só que de modo menos explícito, como já mencionado.

Concordamos com os resultados das pesquisas que recomendam mais estudos para aprofundar o vínculo fraterno em fase adulta e velhice, principalmente pesquisas sobre a dinâmica do relacionamento fraterno em fase adulta que usem métodos

qualitativos, pois esses ainda são em número limitado, como salienta Milevsy (2020). Como também pesquisas que analisem grupos de irmãos diversificados. Weaver et al. (2003) sugere incluir, em pesquisas com irmãos adultos, classe social e grupos de irmãos por número e gênero.

## **5 CAMINHO METODOLÓGICO**

Neste capítulo abordo o percurso metodológico realizado para que as indagações feitas pudessem ser respondidas a partir do objetivo central que as norteia: analisar a dinâmica e o significado do relacionamento fraterno para indivíduos adultos em faixa etária média. Escolhi optar pelo método para embasar este estudo o qualitativo, utilizando a técnica narrativa de vida.

É ilusório pensar que os fenômenos estão acessíveis ao olhar do pesquisador são as estratégias gerais da pesquisa que o definem (VALSINER, 2012); a partir da utilização de uma metodologia que direcione de modo adequado todos os procedimentos necessários para que os questionamentos propostos sejam elucidados.

Sendo assim, depreende-se que cada método de modo distinto forma a base sob a qual determinado objeto de pesquisa possa ser investigado. O método qualitativo coloca o pesquisador como seu principal instrumento de investigação; analisando os fenômenos em um nível de complexidade que não pode ser quantificado, mas aprofundado em suas inter-relações e significados (MINAYO, 2015).

É possível por meio deste método que a interação entre pesquisador e objeto extraia do fenômeno estudado um modo mais aprofundado de entendimento sobre o mundo social onde ambos estão imersos.

A interação subjetiva é o arcabouço da investigação qualitativa por isso o conhecimento é coconstruído. Sujeito e objeto se definem de modo mútuo (OLIVEIRA e CERVENY, 2005). Talvez, a característica mais importante da pesquisa qualitativa seja a de auxiliar as pessoas a entenderem o mundo, suas instituições, a sociedade (TRACY, 2013); as relações humanas em sua complexidade que se manifesta nos mais diversos contextos relacionais. É junto aos participantes da pesquisa que o pesquisador se aprofunda nos significados e encontra as motivações para analisar a realidade, interpretando-a.

O fazer científico é um fazer Humano aberto e inacabado (BOSI, 2014). Uma construção tecida e entrecortada pelo olhar do pesquisador sobre o mundo, ele mesmo, suas crenças, sobre o objeto de pesquisa. Numa tentativa de (re) valorização da pesquisa para resgatar a alegria e o encantamento com o fazer científico (BOSI, 2014).

Por isso, um modo de investigação positivista e cartesiano, sem abertura e lugar para a subjetividade humana, engessado em uma visão apenas quantitativa não pode ser hegemônico para o fazer científico em nosso tempo que tem na flexibilidade uma de

suas características singulares (FRANCELLIN, 2004). Essa flexibilidade direciona o pesquisador para a elaboração ou aperfeiçoamento de técnicas de investigação e análise que também levam em conta a significação e o sentido do fenômeno observado.

Dessa forma, o resultado de uma pesquisa revelará o modo como o pesquisador analisou e interpretou o fenômeno (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2015). Relatar a estratégia metodológica utilizada em um trabalho científico torna-se, assim, necessário para que as conclusões do estudo possam ser avaliadas com mais precisão, tornando mais transparente o entendimento sobre o fenômeno analisado (DUARTE, 2002); suas interrelações e conexões com uma realidade mais ampla que inclui em sua dinâmica o próprio pesquisador com sua experiência e visão de mundo.

A estratégia metodológica qualitativa expõe de certo modo conteúdos e significados latentes num contexto de discurso cotidiano que ultrapassam um primeiro entendimento sobre uma mensagem manifesta (MINAYO; SANCHES, 1993). Ela objetiva de um modo claro as referências utilizadas pelas pessoas ao agirem e reagirem no meio social onde se encontram.

Para coletar informações, a pesquisa qualitativa pode valer-se de diferentes métodos, entrevistas, questionários, grupos focais, introspecção, artefatos, observação participante, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, notas de campo, produções culturais e documentos (PAIVA, 2008; PASSOS e BARROS, 2009; BIGLIA e BONET-MARTÍ, 2009; NEVES, 2012;). A análise do material coletado deverá ser feita em profundidade com um grupo reduzido de participantes onde suas experiências de vida e o seu significado será manifesto.

Do ponto de vista metodológico é ir além da explicação superficial de um fenômeno, mas buscar sua possível razão de ser. Nesse sentido é importante a utilização de dispositivos metodológicos eficazes, para detectar, observar e comparar o comportamento dos indivíduos em um dado contexto social, levando-se em conta o como e o porquê da ocorrência de um dado fenômeno (ALMEIDA, 2009).

Sendo assim, este trabalho qualitativo e descritivo se ancora na narrativa de vida como seu eixo metodológico. O objetivo de uma narrativa de vida é que o indivíduo verbalize suas experiências o mais próximo possível dos fatos realmente vivenciados para que suas experiências e a interpretação que delas faz sejam conhecidas. Ocorre

quando um entrevistador solicita que o entrevistado conte sua vida ou parte dela, ou exponha seus sentimentos e impressões sobre determinado assunto.

Nesse tipo de discurso o narrador narra sua vida para se reapropriar dela, refazendo caminhos e isso é mais que reviver (BOSI, 1999). Ele deseja concatenar diferentes partes de sua história numa tentativa de formar um todo que seja coerente de modo a ser transmitido para alguém; realizando um balanço de sua existência para avaliar se ela valeu a pena ou não; justificando condutas, desabafando, deixando exemplos para outras pessoas; ou simplesmente pelo prazer de contar uma história que fale de si (MACHADO, 2015). O ato de narrar possibilita e amplia ao narrador modos novos de ser e estar no mundo, consigo e com o outro, porque incorpora experiências vividas do passado no presente com uma nova roupagem de significado.

Para Vicent de Gaulejac (1996) nas histórias de vida o contador trabalha sua vida, quando narra porque joga com o tempo de sua existência. Nesse sentido a possibilidade de contar para o outro uma experiência vivida torna a vivência finita em infinita (MUYLAERT *et. al*, 2014). O ato de narrar a própria história pode abrir novas possibilidades para que o narrador pense sobre si. Através de novas elaborações e interpretações para os eventos vividos o narrador passa a perceber sua história sob novas perspectivas.

Segundo Paiva (2008) uma narrativa não se traduz como simples enunciação de fatos narrados ou vivenciados pelo participante, mas uma reconstrução de eventos vividos, sua história biográfica que a partir de uma avaliação social e emocional será transmutada em experiência que pode ser compartilhada. Uma experiência narrada pode ser um modelo referencial para outras histórias (RABINOVICH *et al.*, 2012; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011). Seu objetivo é tornar claro os mecanismos que operam na produção de um sentido específico e retirar daí as diversas ressonâncias e implicações para a existência humana.

Na pesquisa narrativa explora-se as subjetividades individuais, o modo pessoal de cada um agir e estar no mundo, bem como o dinamismo das relações interpessoais. As descrições e o entendimento das vivências de uma pessoa a partir de uma narrativa de vida colaboram para que ela seja vista não de modo isolado, mas como membro de um grupo sociocultural.

O foco não é o indivíduo, mas a realidade sócio-histórica na qual está imerso. A interpretação e análise de informações obtidas, neste caso, deve ter um duplo movimento que vai na direção do que é homogêneo e na direção do que é singular tendo por referência um mesmo meio social, conforme explicita Minayo, Delanes e Gomes, (2015). Em certo sentido, observa-se que existe a percepção de que a vida, neste século, é controlada por um único tempo o tempo do agora. Ele é mais acelerado, possui uma face mortífera que desconfigura nossa existência.

Essa desconfiguração chama-se atropelamento (FINGERMAN, Dominique; KHEL, Maria Rita 2009). Atropela-se o discurso, as memórias o próprio sentido de ser e existir. Parar para refletir e narrar sobre a própria vida é desacelerar e ao mesmo tempo resignificar a própria vida. Por isso, a narrativa de vida além de descrever experiências, ela traz à tona as subjetividades individuais que as compõem, permitindo à pesquisadora observar as diferentes nuances do relacionamento fraterno em fase adulta.

Observa-se ainda que há uma limitação na literatura sobre o relacionamento fraterno em fase adulta com a utilização do método qualitativo. Muitos estudos ao utilizarem o método quantitativo, descrevem esse relacionamento de um modo generalizado. Há, segundo Milevsky (2020), muitas perguntas sem respostas relativas à natureza única desse relacionamento que poderiam ser esclarecidas, senão no todo, pelo menos em parte com a utilização de ferramentas qualitativas.

Dessa forma, neste estudo a utilização da narrativa de vida possibilitou um melhor entendimento sobre as dinâmicas do relacionamento fraterno em fase adulta a partir dos relatos dos depoentes.

### **5.1 Contexto da Investigação**

O presente estudo foi realizado na Região Metropolitana de Salvador com participantes residentes na capital baiana e na cidade de Camaçari. As entrevistas foram realizadas de modo não presencial, por escolha dos participantes, respeitando o distanciamento social que as autoridades sanitárias brasileiras solicitaram em decorrência da Pandemia da COVID-19.

Participaram deste estudo 18 irmãos divididos em gênero e posição na fratria a saber: três primogênitos e três primogênicas; três irmãos do meio e três irmãs do meio; três caçulas homens e três caçulas mulheres com idades variando entre 40 e 57 anos. Utilizou-se para definição etária a teoria de Levinson (1978) que estabelece a fase dos 40 aos 65 anos, como a terceira era, meia idade adulta.

Procurou-se com essa escolha situar os participantes em diversas idades em suas narrativas sobre relacionamento fraterno, o que não seria viável com participantes mais jovens. Outro aspecto a ser considerado é que nessa faixa etária as pessoas estão ativamente envolvidas com suas famílias de procriação, empreendimentos econômicos e em alguns momentos sendo suporte para pais idosos. Uma singularidade a ser considerada no relacionamento fraterno em fase adulta que pode ser observada com amostras mais diversas como pontuado por Weaver, Coleman e Ganong (2003).

Todos os participantes são da classe média, com rendimento familiar a partir de R\$ 9.897,00, segundo os critérios adotados pelos autores Kamura & Mazzon (2013) no livro Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil. Cabe esclarecer também que todos informaram possuir residência própria em apartamentos ou casas em bairros bem localizados, tanto em Salvador como em Camaçari com relativo valor comercial.

O acesso aos participantes foi por meio do círculo de amizade da pesquisadora. Para serem incluídos neste estudo cada irmão deveria possuir mais dois irmãos biológicos ou meio-irmão. A ordem de nascimento é um fator importante no relacionamento entre os irmãos como sugere Adler (1963), por isso esse critério foi adotado. Foram excluídos do estudo pessoas fora da faixa etária estabelecida, filho único e com menos de dois irmãos.

Inicialmente foi feito um contato não presencial com o participante informando-o sobre os objetivos do estudo e a instituição à qual a pesquisadora está vinculada. Foi destacado a importância de sua narrativa para um melhor entendimento sobre as dinâmicas do relacionamento entre irmãos em fase adulta, e os critérios para que fosse escolhido.

O entrevistado também foi orientado a gravar suas respostas com ou sem imagem, obedecendo critérios de privacidade, ou seja, que apenas ele participasse dessa gravação em local sem ruídos ou interferência de outras pessoas. Após esse contato inicial foi

enviado para o entrevistado via e-mail o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), com instruções para que o lesse e remetesse via correio eletrônico assinado e datado.

Os roteiros de entrevista e suas orientações foram enviados previamente por e-mail ou pelo aplicativo WhatsApp após a assinatura do (TCLE). O participante devolvia o (TCLE) assinado e o questionário socioeconômico para a pesquisadora. Depois era novamente contactado para fazer a gravação sobre seu relacionamento fraterno. Deveria destacar suas memórias da convivência com seus irmãos como também o relacionamento com eles no momento atual.

Os áudios recebidos possuíam boa qualidade ausentes de qualquer interferência de um terceiro na fala dos entrevistados ou mesmo ruídos externos que impedissem o completo entendimento. A duração das entrevistas teve uma variação média entre 40 e 55 minutos. Elas foram ouvidas e transcritas pela pesquisadora *in verbatim*.

Saliento que não houve queixas por parte dos participantes que denotassem constrangimento para que contassem sobre o relacionamento com seus irmãos no passado e no momento presente. Ao contrário, todos agradeceram a oportunidade de serem entrevistados sentindo-se confortáveis para falarem.

A proposição enviada para os entrevistados começava com a seguinte pergunta disparadora: ***Fale-me sobre seu relacionamento com seus irmãos.*** Havia também alguns tópicos complementares para ajudar o entrevistado com sua narrativa. Eles não deveriam ser respondidos de modo isolado, apenas serviam como um norte para que o depoente, a partir deles, fosse, aos poucos, lembrando-se de suas experiências. O entrevistado foi esclarecido, previamente, sobre esse aspecto.

***Em que você e seus irmãos são semelhantes e em que são diferentes?***

***Com que frequência você tem contato com eles? Por quê?***

***Há um irmão ou irmãos com quem você percebe que tem mais afinidade? Por quê?***

***Como você percebe a relação com seus irmãos no passado e nos dias de hoje?***

***Qual influência seus (s) irmãos exercem ou já exerceram em sua vida?***

***O que você considera que fortalece seu relacionamento com seus irmãos?***

***O que você considera que enfraquece seu relacionamento com seus irmãos?***

A partir da proposição disparadora auxiliados pelos tópicos complementares os entrevistados narravam de modo retrospectivo e com alusões ao tempo presente suas impressões sobre o relacionamento com os irmãos. Quando a pesquisadora percebia a necessidade de mais esclarecimento sobre os fatos narrados era solicitado ao depoente que reenviasse um novo áudio via aplicativo de WhatsApp com as informações pedidas. O formulário, a proposição disparadora, com os demais tópicos complementares foram elaborados pela pesquisadora e revisados por sua orientadora (APÊNDICE A).

Os entrevistados foram contactados e os respectivos áudios com suas falas enviados para a entrevistadora durante o segundo semestre de 2021. Os registros das narrativas foram reenviados do aparelho de celular da pesquisadora para um computador onde eram ouvidos mais de uma vez e transcritos. Não houve gravação com imagens, todos os participantes optaram apenas por gravação de voz.

Algumas impressões pessoais da pesquisadora quanto a pausas durante as respostas dos entrevistados, fuga à pergunta feita, mudança da entonação de voz, repetição de palavras, risos ou voz embargada foram também observadas. Os relatos foram submetidos a mais de uma leitura, codificados e analisados. Esclareço que não houve a intenção de generalizar os resultados deste trabalho.

As entrevistas foram dadas por encerradas quando a pesquisadora percebeu que a saturação de dados havia sido atingida. Ou seja, nenhum dado importante emergiu das falas mesmo diante da singularidade da narrativa de novos depoentes. Logo, percebeu-se que as categorias estavam bem estabelecidas e suas relações eram plausíveis, após a gravação dos áudios e suas transcrições, não havendo necessidade de novos áudios complementares feitos pelos depoentes.

## **5.2 Interpretação dos dados: o método**

Foi utilizado para a interpretação dos dados o Método de interpretação dos Sentidos de Minayo, Deslandes e Gomes (2015). Esse método consiste na tentativa de se avançar além do conteúdo expresso nas falas dos depoentes. Ele situa a análise dos dados coletados na direção do contexto dos discursos conduzindo-o para uma lógica e explicação mais abrangentes presentes na cultura que subjaz ao tema pesquisado.

Diante dessa proposta metodológica procura-se articular a compreensão e a crítica sobre os dados gerados em uma pesquisa, levando-se em conta a experiência (o que cada depoente experimenta, suas ações) e sua vivência (o que pensa sobre sua experiência e o que ela representa) (MINAYO, 2012).

Assim, os núcleos de sentidos emergentes das narrativas foram construídos a partir de fatores que facilitavam ou inibiam o relacionamento entre os entrevistados e os irmãos. Primeiro núcleo facilitador da relação: o cuidado entre os irmãos como resultado de uma obediência a um mandato parental. Segundo núcleo facilitador: a casa da mãe como local agregador para reuniões e festas em família. Terceiro núcleo a utilização de recurso tecnológico (aplicativo para mensagens e chamada de voz) como mediador para a aproximação entre os irmãos.

Dentre os fatores que inibiam o relacionamento entre os irmãos temos os seguintes núcleos de sentido. Primeiro, pensamento e opiniões divergentes entre os irmãos sobre assuntos diversos. Segundo, ausência de contato pessoal ou comunicação via recurso tecnológico. Terceiro núcleo diminuição dos encontros familiares.

### **5.1.5 Plano de Análise**

O início da análise dos dados foi com a transcrição das primeiras entrevistas. Fez-se uma decomposição das falas para que fossem identificados aspectos recorrentes e aqueles que seriam adversos, bem como a conexão que poderia ser estabelecida entre eles a fim de se interpretar o que fora narrado.

Nesse processo buscou-se inferir a partir dos dados o significado do relacionamento entre os irmãos ao longo do tempo e como se dá essa dinâmica em fase adulta mediana, tendo em vista as experiências de vida relatadas ou do que foi apenas sugerido em situações de conflito, dramas ou mesmo em momentos felizes. Enfim, o que potencialmente entre os fatores inibidores ou facilitadores no relacionamento entre os irmãos podem aproximá-los ou distanciá-los emocionalmente.

### **5.1.6 Aspectos Éticos**

O Projeto deste estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade do Salvador -UNIFACS. Sua aprovação consta pelo parecer de no. 5.060.924 (em anexo). Após a efetiva aprovação as entrevistas começaram a ser realizadas.

Os entrevistados foram esclarecidos sobre o objetivo do estudo, garantia de anonimato e sigilo de todas as informações fornecidas. Foi retificado o teor do TCLE assinado por eles com relação à possibilidade de desligarem-se da pesquisa caso sentissem necessidade. Poderiam a qualquer tempo obter informações sobre o estudo como também, caso fosse solicitado e necessário, terem acesso a um psicólogo para que qualquer desconforto emocional pudesse ser sanado.

Não foi mencionado nenhum tipo de restrição ao credo religioso, classe social, gênero, ou raça dos participantes. Não houve risco em potencial para os participantes; sendo a participação de cada um livre mediante a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido), conforme a Resolução 466/12 do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

## **6 AS ANÁLISES INTERPRETATIVAS DAS NARRATIVAS**

Neste capítulo irei esboçar a análise das narrativas das quais emergem dois núcleos de sentido: envolvimento emocional (sentimento de proximidade) e distanciamento emocional (sentimento de afastamento) entre os irmãos. Como fio condutor para análise dos dados, foram utilizados vários autores dentre eles: Zittoun, Lévinas, Cervený, Sharp, Conti dentre outros.

Tais núcleos derivaram da análise das entrevistas em que se evidenciaram dinâmicas como cuidado entre os irmãos por nós interpretados como resultado de uma obediência a um mandato parental; a casa da mãe vista como local agregador para reuniões e festas em família, e a utilização de recurso tecnológico (aplicativo para mensagens e chamada de voz) como mediador para a aproximação entre os irmãos.

Foram analisadas dezoito narrativas de adultos medianos com mais de um irmão a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa (vide Quadro 01). A faixa etária dos depoentes variou entre 40 e 57 anos. Seis são primogênitos, seis ocupam a posição de irmãos do meio e seis são irmãos caçulas. Em cada grupo, três são do gênero feminino e três são do gênero masculino. O menor grupo de irmãos era composto por três e o maior grupo era composto por vinte e dois irmãos. O nome dos participantes desta pesquisa são fictícios.

**Quadro 1** caracterização dos entrevistados, Camaçari, Bahia, 2021.

NOME	IDADE	GÊNERO	ENDEREÇO	POSIÇÃO NA PROLE	NÚMERO DE IRMÃOS	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO
Mário	56	Masculino	Salvador	<b>Primogênito</b>	03	Doutorado em Matemática	Católico
Kaique	52	Masculino	Camaçari	<b>Primogênito</b>	03	Superior (Administração de Empresas)	Católico
Edmilson	42	Masculino	Camaçari	<b>Primogênito</b>	03	Superior Completo (Adm. Empresas)	Católico
Lívia	55	Feminino	Camaçari	<b>Primogênita</b>	03	Mestrado em Educação	Católica
Helena	52	Feminino	Salvador	<b>Primogênita</b>	14	Doutorado em	Evangélica

				<b>a</b>		Psicologia	
Vilma	46	Feminino	Camaçari	<b>Primogênita</b>	06	Superior (Letras Vernáculas Português e Inglês) Ciências Contábeis (Incompleto)	Católica
Tonho	57	Masculino	Camaçari	<b>Filho do meio</b>	09	Superior (Engenheiro Agrônomo)	Católico
Tom	47	Masculino	Camaçari	<b>Filho do meio</b>	06	Mestrado em Ciência da Computação	Católico
Léo	41	Masculino	Camaçari	<b>Filho do meio</b>	06	Superior (Teologia, Filosofia) Especialização em LIBRAS	Evangélico
Tânia	47	Feminino	Camaçari	<b>Filha do meio</b>	06	Superior (Pedagogia)	Católica
Helen	45	Feminino	Camaçari	<b>Filha do meio</b>	04	Superior (Bacharel em Direito)	Católica
Nádia	40	Feminino	Camaçari	<b>Filha do meio</b>	04	Superior (Bacharel em Química)	Evangélica
Zé	49	Masculino	Camaçari	<b>Caçula</b>	07	Superior (Licenciatura em Matemática)	Nenhuma
Oswaldo	48	Masculino	Salvador	<b>Caçula</b>	03	Superior Bacharel em Odontologia, Especialista em Ortodontia	Espírita
Wilson	47	Masculino	Salvador	<b>Caçula</b>	04	Superior Licenciatura em Matemática	Católico
Leny	53	Feminino	Camaçari	<b>Caçula</b>	04	Superior História	Católica
Neide	44	Feminino	Camaçari	<b>Caçula</b>	22	Superior	Católica

						(Geografia) Cursando Pedagogia	
Thereza	41	Feminino	Salvador	Caçula	03	Doutora em Ciências Sociais	Espírita

Fonte: Santos, 2021.

A seguir, apresentaremos as análises interpretativas das narrativas de nossos participantes. A análise foi organizada em dois grandes núcleos – envolvimento e distanciamento emocional – subdivididos em tópicos. O núcleo de sentido *envolvimento emocional* será analisado por meio dos tópicos: a mãe que agrega; a casa da mãe que agrega; contatos por meio de WhatsApp. O núcleo *distanciamento emocional* será apresentado por meio dos seguintes tópicos: Afastamento, conflitos e cuidados com a mãe; ausência de comunicação frequente e reuniões familiares; a presença dos agregados.

A presença e a conjugação de fatores facilitadores, que tendem a fortalecer a relação entre os irmãos; os inibidores, que tendem a enfraquecer a relação entre os irmãos mediada pela utilização de recursos materiais e simbólicos, resultou numa dinâmica relacional entrecortada por sentimentos de distanciamento e proximidade entre os irmãos.

### 6.1 Envolvimento emocional: sentimento de proximidade

Uma família é para sempre. Segundo Sharp (2018) essa crença permeia nosso imaginário cultural. Principalmente no âmbito do núcleo familiar onde as relações intersubjetivas expressam os valores culturais de determinada sociedade na qual a família está inserida (LISBOA, FÉRES-CARNEIRO, JABLONSKI, 2007). Por isso, muita importância se dá às relações familiares e sua permanência ao longo do tempo.

É no espaço dessas relações e do convívio mútuo que se desenvolve processos que nos individualiza e socializa. No entanto, nem sempre é possível concretizar esse objetivo de família unida e inseparável. Pode ocorrer o afastamento de membros familiares por conta do divórcio, como sugerem estudos feitos por Conti (2015) ou o

distanciamento por livre escolha devido a relações familiares negativas contínuas (SHARP, 2016a). Como aquelas enfraquecidas pelo uso abuso de álcool e drogas com consequente aumento da violência doméstica.

Uma relação familiar desgastante com muita tensão, violência e pouco diálogo pode, com o passar do tempo, dificultar para seus membros a percepção do que é ser família como também o papel de cada um, tendo em vista o cuidado mútuo e a valorização da própria história familiar. Galvin (2014) argumenta que a identidade familiar é construída pelo discurso e sua manutenção se faz pela prática de uma boa comunicação entre seus membros. São as práticas discursivas que mantêm, criam ou descontinuam relacionamentos familiares imediatos ou ao longo do tempo. Elas configuram cada membro em um determinado papel, fornecendo-lhe sentimento de pertencimento e identidade.

Para Sharp (2017), existem oito aspectos que fundamentam teoricamente o estranhamento familiar entre pais e filhos adultos e que podem ser vistos, igualmente, no referente ao envolvimento em geral. A autora destaca: qualidade e quantidade da comunicação; distância física; presença ou ausência de emoção; afetos positivos ou negativos; reconciliação e desejo de ser uma família; reciprocidade de papéis e ação legal. Nesse caso específico, pode-se inferir que a ação legal pode abranger: ações na justiça que envolvam partilha de bens, pagamento de pensões ou mesmo reconhecimento de paternidade.

Esses aspectos podem ser aplicados para o relacionamento entre irmãos. A intensidade dessa percepção de estranhamento pode variar conforme os recursos utilizados pelos irmãos para diminuir ou aumentarem sua efetiva concretização por meio de um rompimento que pode levar anos ou mesmo a vida toda. Oliveira (2007) destaca que uma das principais causas que sustentam o desaparecimento de pessoas civis no Brasil são as relações familiares. Lembranças da infância sobre abusos e maus tratos são relatados por adultos que optaram pelo afastamento de suas famílias (AGLIAS, 2011).

Empiricamente, no relato dos entrevistados, foi observado que havia uma ordem dada pelos pais, um mandato, para que os irmãos se cuidassem mutuamente. Esse apelo discursivo, se mantido ao longo dos anos, teria a possibilidade de reforçar os laços dos irmãos em fase adulta. Ele reflete um desejo simbólico de transmissão de uma herança

psíquica na qual valores de cuidado e solidariedade estão profundamente imbricados. A adesão a essa ordem, ou seja, a lealdade dos irmãos implica no cumprimento irrestrito do desejo parental para que os irmãos sejam unidos ao longo de suas vidas (BOSZORMENUL-NAGY; SPARK, 1983).

Fazer o que os pais sugerem como correto faz parte da dinâmica relacional do ambiente familiar. Nesse espaço crenças, hábitos, costumes e valores são compartilhados de modo verbal e não-verbal, podendo ser assimilados de forma consciente ou inconsciente pelos membros do grupo. São os hábitos e as crenças familiares repassadas pelos pais, que já as havia recebido de seus pais, que tornam o grupo familiar único em sua singularidade e modo de ser família (BOSZORMENUL-NAGY; SPARK, 1983).

O mandato parental pela força de sua transmissão torna-se uma voz gravada internamente em cada indivíduo que reflete a cultura, os valores e a moral das outras gerações; e as diferenças individuais irão refletir o volume e as influências dessas vozes em cada membro familiar (FALCKE; WAGNER, 2005). Para Bucher (2008) e Stone (1998), um mandato transita entre as gerações tornando-se um legado. Na maioria das vezes ele se faz em nível inconsciente, por meio das histórias familiares que são combinadas e recontadas. Ele cria relações e obrigações de vínculo e solidariedade entre aquele que dá a ordem a ser cumprida e o que recebe, um padrão que irá repetir-se ao longo das futuras gerações. Quando os membros acolhem um mandato parental e o executam eles estão sendo leais ao grupo familiar e suas crenças (CERVENY, 1994).

As narrativas familiares repassam o mandato parental para as gerações futuras. As histórias familiares são permeadas de mitos, tramas que marcam a existência de cada membro antes mesmo de ter nascido. Há em cada família algo que a transcende no tempo e nos laços biológicos. Logo, por meio desse processo de transmissão, cada membro vai se apropriando aos poucos daquilo que o outro é, por meio das narrativas que vão sendo repassadas sobre os feitos das pessoas de gerações anteriores.

O mandato parental para que os irmãos se deem bem e sejam unidos parte de um princípio e de uma expectativa de que, em alguma parte da história familiar, há pessoas que se destacaram como bons irmãos, e outros nem tanto, podendo inclusive ser os próprios pais, caso tenham irmãos. Essa ordem, vinda dos pais para que os irmãos vivam de modo solidário, expressa um padrão de repetição de relacionamento na

família, um processo emocional que é repassado para as gerações. Segundo Bowen (1965), esse processo e padrão de repetição denomina-se transmissão multigeracional.

Para entender a família é necessário ampliar o olhar para a família extensa e para os ancestrais (MARTINS, Elizabeth M. de Almeida; RABINOVICH, Elaine; SILVA, Célia Nunes, 2008). Assim, é possível ao membro, por meio das narrativas familiares, identificar-se com aqueles que, em outro tempo, souberam relacionar-se bem. Identificar-se com o outro, segundo Volich (1998), é trazer para dentro de si mesmo suas partes boas e ruins, neste caso com os pais ou tios como exemplos de bons irmãos. É portar-se como um membro efetivo do grupo familiar que respeita e vive suas regras executando os mandatos que lhe forem solicitados, ficando evidente que há um vínculo de lealdade daquele que delega com seu (s) delegados.

Neste caso, a natureza dessa força motriz invisível que interliga os membros, segundo Ducommun-Nagy (2006), é a lealdade como missão a ser cumprida que é percebida mediante seus efeitos sobre o comportamento de cada membro do grupo. No caso dos irmãos, é missão de cada um manter a convivência entre eles solidária e harmônica por obediência aos pais.

Esses valores são o alicerce para a vida individual e familiar que os pais se preocupam em transmitir quer seja de maneira explícita ou implícita. A continuidade de uma família está diretamente relacionada com os processos de transmissão e com a herança familiar. Segundo Wagner (2005), são esses valores familiares transmitidos que irão resultar nos legados familiares.

A sedimentação para esses valores transmitidos aos irmãos pelos pais pode ser esclarecida pela crença no mito bíblico de Caim e Abel, mesmo que de modo inconsciente. Por se tratar de uma história sagrada, e “verdadeira arquetipicamente” essa narrativa torna-se modelo para exemplificar as atividades humanas (ELIADE; COULIANO, 1991). No que diz respeito a alteridade. O irmão torna-se a base para a construção do Outro. O que torna o mito compatível com o real porque em si traz uma formulação precisa de regras para o pensamento e ações do grupo ao qual se destina (GUSDORF, 1979).

Caim comete o primeiro fratricídio da humanidade. Por sua gravidade, esse ato deve ser evitado por meio de uma punição severa; assim Caim é excluído do convívio

social, sua condenação é vagar errante. Nesse caso, não há nenhuma chance para retratações, arrependimentos ou pedidos de desculpas.

Os pais não desejariam o mesmo desfecho para seus filhos. Para eles, existe a possibilidade de que em algum momento os irmãos possam brigar de maneira mais séria; e ignorar o apelo para que sejam unidos. A violência caminha com a natureza humana e ronda os relacionamentos; podendo desconfigurar um projeto de vida comum e compartilhado que toda família possui.

É inerente à família uma lógica relacional na qual a estruturação de vínculos de aliança e parentesco devam ser mantidas nas relações imediatas e naquelas ao longo do tempo, permitindo que seus membros vivam de modo afetivo e efetivo com os outros além de si mesmo (PIERRON, 2009). Irmãos brigados eximem-se da responsabilidade em prol do outro. Por isso, a violência deve ser evitada dentro e fora de casa. A unidade, o respeito e a solidariedade da raça humana devem ir além do laço biológico e da frieza do relacionamento de Caim e Abel segundo Lévinas (2000). De certo modo, os pais intuem essa realidade.

Por isso, a advertência parental continuamente repetida na infância continua a fazer eco em fase adulta para que um desfecho trágico entre os irmãos possa ser evitado. Crenças compartilhadas em família desempenham a dupla função de defesa e proteção (STIERLIN, 1979). Cada membro do casal as traz consigo e as repassa para os filhos (BUCHER-MALUSCHKE, 2008).

A necessidade do cumprimento de um mandato parental para cuidar e zelar pelo irmão e manter-se unido a ele pôde ser observado nas narrativas dos irmãos entrevistados quando questionados sobre aspectos que fortaleciam a união entre eles.

*“O que fortalece o relacionamento é essa questão mesmo como nós fomos educados, né pra cuidar um do outro, então até hoje nós nos comportamos dessa forma. Ainda que distante olhando um pelo outro, nós somos preocupados com o outro eu acho que isso fortalece o relacionamento”. (Helena, primogênita)*

*“Mas os ensinamentos pelos nossos pais foram passados que a gente vivesse em harmonia em união”. (Neide, irmã caçula)*

*“Afinidade de laços de família (união) que tivemos na condução de uma boa educação dada pelos nossos pais”. (Wilson, irmão caçula)*

*“Sempre muita união porque para meu pai e minha mãe essa era ... era tudo...para eles a união em família é tudo...como até hoje a gente se reúne muito a gente se encontra muito”. (Tânia, irmã do meio)*

*“Mas os ensinamentos pelos nossos pais foram passados que a gente vivesse em harmonia em união”. (Neide, irmã caçula)*

*“Afinidade de laços de família que tivemos na condução de uma boa educação dada pelos nossos pais”. (Wilson, irmão caçula)*

*“Nós somos todos muito honestos, muito corretos, e muito solidário, não é? Bem no que foi ensinado mesmo educado pelos nossos pais”. (Oswaldo, irmão caçula)*

*“Nossos pais nos ensinaram a sermos unidos.” (Tonho, irmão do meio)*

O cuidado e o zelo de um irmão pelo outro em fase adulta é descrito por Oliveira (2006). Segundo a autora, irmãos adultos são capazes de se movimentar entre os papéis de cuidador e daquele que é cuidado. Possuem, em suas relações, um vínculo de apego capaz de gerar os seguintes sentimentos e comportamentos: conforto e segurança, proteção, bem-estar, vontade de dividir, prazer e empatia pela companhia do outro.

O mandato parental resguarda o cuidado de um irmão para com o outro na infância e ao longo do tempo como uma figura de apego, um exemplo a ser seguido. O adulto possui em si estruturas cognitivas que direcionam regras de socialização internalizadas na infância e atualizadas ao longo de sua vida.

*“Bom no passado na infância eu era a cuidadora né... então como minha mãe estava sempre tendo filho um em cada ano...e quando eu me lembro com 05 e seis anos eu já estava cuidando de meus irmãos bebês então eu já cuidava deles...” (Helena, primogênita)*

*“Pelo fato de ser a irmã mais velha eu fui mais como um espelho como alguém em quem se deve olhar e observar, eu tinha esse papel, essa função e eles se espelharam em mim.” (Vilma, primogênita)*

As representações mentais e expectativas sobre o ambiente, sobre si mesmo e das figuras de apego, auxiliam na recriação (repetição) de um padrão interno de apego primário (BOWLBY, 2002). Diante de situações dramáticas e estressantes os irmãos adultos têm necessidade de contar um com o outro e caso executem o mandato parental não se sentirão sozinhos.

### **A mãe figura que agrega**

Uma das principais dinâmicas observadas nas entrevistas se refere à figura da mãe. De origem latina “mater”, “madre”, “mãe” significa progenitora, mulher carinhosa: uma nomenclatura sócio-histórica e culturalmente construída que traz em si uma significação que vai além do aspecto biológico e da capacidade de reprodução; abrangendo responsabilidades sociais como a educação dos filhos e apoio financeiro para suprir eventuais necessidades materiais (MANFROI *et al*, 2011). Em sentido

habitual é uma mulher que tem filhos legítimos, podendo ser casada, viúva, solteira ou divorciada. Segundo a valoração que a sociedade lhe dê, em termos apreciativos ou depreciativos, será em maior ou menor grau uma boa mãe (BADINTER, 1985).

Historicamente, nem sempre a mãe exerceu o papel de cuidadora devotada a seus filhos. Por volta dos séculos XV e XVI, os sentimentos de família e infância eram inexistentes. A família existia como realidade vivida, sendo raras as cenas de família que justificassem vínculos mediados pelo afeto e pelo cuidado entre mãe e filhos. Segundo Ariès (1981), crianças eram enviadas a amas-de-leite que cuidavam dessas crianças até certa idade. O comportamento das mães oscilava entre a indiferença e a rejeição (BADINTER, 1985).

Com a modernidade, a família nuclear passa a ser valorizada e, conseqüentemente, os infantes, o que abre caminho para o surgimento da mãe como cuidadora que estabelece com seu filho um vínculo que irá estender-se por toda a vida. Em termos evolutivos, a função do vínculo é proteger contra agressores (BOWLBY, 2002). A existência da relação de afeto e apego, que vícula mãe e bebê, é necessária como fator primário para o desenvolvimento humano (SPITZ, 2017).

O apego não se dá apenas no mundo externo ao sujeito, mas em sua subjetividade. Por isso, o fato de estar apegado a alguém faz com que o sujeito ao longo do tempo, tenha uma sensação de conforto e segurança. O vínculo se estabelece numa relação quando ela envolve uma conduta mais ou menos fixa de atenção, carinho e cuidado.

Deste modo, a figura com a qual se estabelece o vínculo deve ser preservada, e sua memória mantida mesmo quando não exista mais (BOWLBY, 2002). Os elos vinculares são paulatinamente alimentados e retroalimentados no mundo interno de cada sujeito. É subjetivamente que cada um interage constantemente com as figuras vinculares que traz consigo, como a mãe.

Essa dinâmica se mantém enquanto modelo nos relacionamos com o meio externo. Ela se reflete nas interações sociais, nos modos de comunicação, possibilitando o surgimento de sentimentos que podem favorecer ou dificultar o arranjo de novos vínculos (PICHON-RIVIERE, 1998).

O apego à figura materna ao longo da vida adulta reflete um modelo cognitivo internalizado desde a infância que vai se atualizando com o passar do tempo. Ou mesmo sendo ressignificado com períodos de maior ou menor necessidade de aproximação. Essas conexões e reconexões entre mãe e filho vão se fazendo tendo em vista o zelo por um sentimento de pertença que, ao longo do tempo, vai sendo tecido, entrecortado e remendado pelas diferentes interações estabelecidas. Seres humanos de todas as idades desenvolvem melhor suas habilidades quando se sentem seguros (BOWLBY, 2002).

Logo, os irmãos em fase adulta sentem a necessidade de serem aconchegados pela mãe, principalmente em momentos de estresse ou vulnerabilidade. O padrão de vinculação do adulto com sua mãe se constitui na infância, tendendo a ser acionado em situações novas e ou consideradas perigosas (CANAVARRO, DIAS & LIMA, 2006). Em contrapartida para alguns filhos adultos ser cuidadores de suas mães é um modo de retribuição pela atenção e carinho que ela os dispensou.

Pessoas com apego seguro, segundo Hinnen, Sanderman e Sprangers (2009), consideram seus pais como sensíveis e responsivos, dignos de serem amados e cuidados. As figuras maternas e paternas ocupam, internamente, uma posição distinta dentro de cada indivíduo, conduzindo seus pensamentos e suas ações, mesmo que de maneira inconsciente. No entanto, essas posições podem mover-se: ou seja, os pais podem ocupar a posição de filhos e os filhos a posição de pais. O ponto chave nessas trocas é a possibilidade de internalizar, de um modo mais efetivo, a perspectiva do outro, suas demandas e expectativas (ZITTOUN, 2015).

Nesse contexto, se realmente há a percepção das reais necessidades do outro, as relações familiares vão sendo mediadas pelo afeto, proporcionando aos irmãos sensação de segurança e os despertando para a prática do cuidado com seus pais e entre seus pares. Por esta ótica, pode-se inferir que o mandato parental para que os irmãos sejam unidos está centralizado na figura da mãe. Ela simboliza aquela que unifica, fornece suporte e proximidade emocional.

Os irmãos estão a ela vinculados. Sua presença os aproxima e os faz sentirem-se pertencentes como membros de uma mesma família. O sentimento de pertencimento é uma condição ímpar para o reconhecimento de si e do outro. Ele gera enraizamento, quando é justificado pelo sujeito e pelos outros vinculados (SEMINOTTI *et al.*, 2007).

Quando a mãe necessita de cuidados, muitas desavenças entre os irmãos são esquecidas ou quase neutralizadas pela urgência do cuidado que possa requerer. Responder à urgência de um cuidado em detrimento à satisfação de necessidades pessoais, é uma questão de adaptação, uma escolha que cada um pode fazer como resposta a uma demanda familiar e à própria satisfação pessoal de um desejo de pertencer. Essa escolha reverbera também no modo como o relacionamento entre os irmãos vai sendo estabelecido ao longo do tempo e, segundo Volkom *et al.* (2017), de modo geral a qualidade do relacionamento entre os irmãos tende a melhorar com o passar dos anos.

Essa responsividade positiva para o cuidado com a mãe tende a minimizar eventuais conflitos e tensão entre os irmãos. Ou produzir o efeito contrário dada a dinâmica multifacetada do relacionamento fraterno. A opção para “baixar a guarda” e focar apenas nas necessidades da mãe é uma escolha que cada irmão faz como uma resposta efetiva ao mandato parental de serem unidos inclusive quando for preciso cuidar de um dos pais.

Segundo Michael (1982), um bom relacionamento entre os irmãos caracteriza-se por uma comunicação frequente, capacidade para dispor-se a compromissos e sacrifícios. Essas características são muito necessárias quando um dos pais se encontra doente precisando do apoio dos filhos. Em contrapartida, estudos feitos por Stocker, Lanthier e Furman (1997), deixam claro que a rivalidade e o conflito entre os irmãos afetam a qualidade do relacionamento entre eles. Fato esse que tem um impacto significativo para a família como um todo porque tende a provocar distanciamento emocional entre os irmãos, desses com seus pais e demais membros da família extensa.

A mãe como presença que agrega os irmãos pôde ser observada nos relatos dos entrevistados.

*“O que fortalece meu relacionamento com meus irmãos é a presença da minha mãe...ela é o elo de fortalecimento de ligação com os meus irmãos...é o vínculo pelo qual a gente tem essa relação de uns com os outros...então o que fortalece é ela”. (Edimilson, primogênito)*

*... “É uma coisa que marca muito é o sentimento de cuidado com a nossa mãe isso aí converge muito é uma marca que é muito convergente certo”? (Mário, primogênito)*

*“A única coisa que me fortalece com vínculo com as três irmãs é a presença de minha mãe...é o único praticamente é a única coisa que é o acesso que eu tenho que quando eu vou visitar minha mãe elas sempre aparecem lá em*

*casa porque sinceramente se a minha mãe não tivesse no meio de nós talvez não tinha vínculo nenhum com as três”. (kaíque, primogênito)*

*“Quando minha mãe não quis mais realizar aniversários dos netos e outras comemorações isso aí enfraqueceu a gente né”. (Helena, primogênita)*

*“A preocupação com minha mãe acaba unindo a gente...e aí a gente se preocupa com ela muito e fica mais unido”. (Zé, caçula)*

*“A união entre nós eu digo que é uma virtude de minha mãe, ela soube conduzir a gente”. (Helen, filha do meio).*

Em família, a pessoa é acolhida em sua totalidade, segundo Petrini (2009), e de modo recíproco também se torna acolhedora. O vínculo e o apego entre os membros familiares podem ser descritos como a estrutura que sustenta a dinâmica familiar e, conseqüentemente, o amálgama da dinâmica do relacionamento entre os irmãos. Ele robustece o sentimento de pertencimento familiar que cada irmão carrega consigo. E, ajuda-o a suportar a fluidez, o descarte, a desvalorização das relações interpessoais, conforme Bauman (2003) explicita ocorrer na sociedade contemporânea.

Segundo Donley (1993), o apego seguro está embutido numa rede dinâmica de relações. Ele tanto pode expressar necessidade de atenção como prontidão para servir o outro. Manter-se atado a alguém exige certa dose de sensibilidade para acolher e ser acolhido. Cuidar de si e do outro implica num exercício constante que deveria perdurar ao longo de nossa existência.

Quando as relações familiares são norteadas pela afetividade a qualidade de vinculação entre seus membros o sentimento de pertencimento movimenta-se nas conexões, desconexões e reconexões feitas entre os membros ao longo do tempo. A memória seleciona e organiza imagens, sensações e experiências subjetivas que aconteceram no ambiente familiar de modo a priorizar aquelas que nos façam sentir pertencentes ao grupo. Memória e esquecimento andam juntos e priorizam eventos dos quais se deva lembrar numa correlação direta com a carga emocional e o sentido que fazem para cada membro familiar ou para o grupo como um todo (DONLEY, 1993).

Assim, as lembranças gradativamente vão aflorando um sentimento de identidade e pertença. E nada mais adequado para o despertar dessas memórias e suas percepções do que a casa da mãe, onde geralmente, as reuniões de família são realizadas. Nesse ambiente, há objetos representativos da identidade dos sujeitos, suas trajetórias e do grupo próprio familiar.

Visitar a casa da mãe é atualizar o passado por meio dos objetos que lá se encontram. Eles são como um sinal que faz cada um despertar para uma realidade que os abrange e abraça: o pertencimento ao grupo familiar. Os irmãos em fase adulta podem valer-se das lembranças sobre o passado compartilhando e esclarecendo eventos e lugares visitados a partir de uma perspectiva mais amadurecida, conforme sinaliza Cicirelli (1995).

### **A casa da mãe ambiente que agrega**

A casa, segundo Bachelard (1993), abriga o homem, reconforta-o e o faz reviver suas lembranças de proteção. A casa interliga o tempo por meio do devaneio num dinamismo diferenciado que se traduz numa experiência de temporalidade. Segundo Agostinho (2017), essa temporalidade se traduz na articulação do passado, presente e futuro, através do modo como o tempo se desenrola na experiência individual de cada um a partir do ambiente e momento histórico onde o indivíduo se insere.

A casa é o local que sanciona e possibilita ao homem através do sonho e do pensamento registrar em si valores que o marcarão em profundidade por toda vida. É onde o homem se constitui porque é seu primeiro lugar de aconchego ao nascer no mundo. Sem a casa o homem, seria um ser disperso.

Ela é um espaço de chegada, de partida e de encontro com outros sujeitos: um lugar de pertencimento. Seu significado afetivo está diretamente relacionado às relações e vínculos que nela foram ou ainda são estabelecidos. Por isso, as lembranças desse espaço e das experiências que tivemos estão bem guardadas em nós. Basta um cheiro, um objeto ou mesmo um olhar para que possam ser despertadas e ressignificadas.

Segundo Heidegger (2011), a existência do ser só ocorre a partir de um lugar determinante. Por isso, o bem-estar doméstico é uma necessidade humana fundamental que precisa ser satisfeita (RYBCZYNSKI, 1996). É no espaço que o ser reflete sobre si, sua existência, percebendo o sentido de si e do que precisa para continuar a existir. O espaço é um elemento de referência que está diretamente relacionado com a casa, a moradia (BOLLNOW, 2008).

Ela abriga pessoas, mas também objetos que fizeram ou ainda fazem parte da vida das pessoas. Carrega em si lembranças que despertam em seus habitantes uma sensação de continuidade entre passado e presente; integrando vivências e reminiscências de um outro tempo que insiste e deseja integrar-se por meio da ressignificação a um tempo novo: o tempo do agora, o presente.

O tempo define a forma de ser de cada pessoa. A percepção de sua passagem ancorada nas lembranças vai descortinando a visão de cada um sobre sua continuidade como ser ao longo do tempo. A casa da mãe, com os objetos que abriga, torna-se desse modo, um local intermediário que suscita em cada filho (a), por meio das memórias que evoca, uma área subjetiva onde o ser pode se vê de maneira contínua.

O livro *Objetos de família: vozes e memórias* escrito pelo grupo FABEP traz os objetos de família herdados ou mesmo aqueles conservados em família, muitos na casa materna, como memórias vivas que são atualizadas pela narrativa de cada membro do grupo. O passado se desloca para o presente com o rememorar das histórias de família por meio dos objetos herdados num movimento onde os membros se veem, num jeito novo de olhar para si e seus antepassados.

Ser guardião ou guardiã de um objeto de família é ser cuidador de uma história familiar que se perpetua através do tempo. Desta forma, os objetos guardados neste lugar (casa da mãe) lembram aos membros a pertença ao grupo, e sua conservação torna-se responsabilidade de cada um para manter sempre viva a própria história.

Assim, quando a família se reúne na casa dos pais, o tempo do estar junto toma um novo contorno por meio das histórias de vida compartilhadas e da contemplação dos objetos que ali estão guardados. Há uma sobreposição temporal onde passado e presente quase que se fundem numa vã esperança de que aqueles momentos tão significativos não se percam com o passar dos anos. E que lembranças belas ou amargas possam ser ressignificadas. Experiências compartilhadas geram sentimentos de semelhança que podem ser convertidos em práticas de reciprocidade (ALBER, Erdmute; COE, Cati; THELEN, Tatjana, 2013).

Logo, a casa da mãe é mais que um espaço físico, é um lugar simbólico permeado por referências socioculturais que continuam a modelar a vida de seus membros mesmo após suas partidas. Um local de origem e proteção que nos remete ao

útero materno à terra, à caverna, à montanha (RABINOVICH, 1997). A casa da mãe é um objeto espacializado que traz em si uma sacralidade única cuja reverência deve ser mantida mesmo quando a mãe não estiver mais habitando nele de modo físico. A casa da mãe conduz cada membro de modo imaginário para que sejam capazes de enxergar a si e o outro, mesmo que sintam que estão a tatear na escura imensidão da memória.

Esse lugar simbólico abriga diversas celebrações familiares, dentre elas as festas de Natal e Ano Novo. Essas reuniões podem ser consideradas como um rito familiar porque auxilia cada pessoa a ter uma experiência de cura, mudança, crença e celebração (IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine; WHIRITIN, Richard, 2003). Para Durkheim (1968), as festas têm aspectos de cerimônia religiosa. Elas absorvem o indivíduo pela força do coletivo que, neste caso, é a família com suas regras e seu modo particular de ser e celebrar. Elas reavivam os laços sociais que correm o risco de se romperem, superando as distâncias entre os indivíduos.

Nesses eventos sociais repetitivos com frequência anual, valores e atitudes da família são transmitidos, revisitados e ressignificados. As festas de fim de ano em família ao exercerem a função de rito familiar promovem senso de estabilidade, proximidade emocional, identidade e socialização para seus membros.

Elas oportunizam o fortalecimento de um espaço de relações mediadas pelo afeto, pela confiança; transmitindo a memória familiar. Segundo França (2009) as festas familiares reestruturam cada membro em torno de laços materiais, afetivos e simbólicos; uniformizam e reordenam práticas de solidariedades, fortalecem e ordenam os vínculos em mais de uma geração, configuram-se como patrimônio familiar.

Santos (2006) esclarece que o espaço (território) é um lugar de apropriação e criação do sujeito no qual ele constrói histórias de vida e se inscreve nele. Nessas histórias, o sujeito se reconhece e ao mesmo tempo preserva sua inteireza existencial a partir do reconhecimento de si como membro da família, mantendo essa realidade subjetiva de modo estável. Logo, reverenciar a casa da mãe é reverenciar a si mesmo e perceber que ela modela nossa identidade como membros de um núcleo familiar.

Quanto mais o homem percebe hostilidade e perigo, mais deseja abrigar-se em um lugar de proteção. A casa materna é prioritariamente um local de proteção do que há de mais íntimo e sagrado para os irmãos. Nela estão as lembranças que os faz

reconhecer como realmente são individualmente e como grupo. A casa é um símbolo de proteção, construído na história pessoal e familiar de cada membro. A mãe também é um lugar simbólico, um ponto fixo de valência, em geral, positiva e ela permanece como tal na memória (RABINOVICH, 2022).

*“Gostamos de estar nas festas tradicionais sempre juntos na casa de minha mãe, procuramos sempre nos encontrar nos aniversários finais de ano, Natal Ano Novo, apesar da distância procuramos manter essa ligação”. (Vilma, primogênita)*

*“A gente tenta se encontrar toda semana...na casa da minha mãe onde a gente se reúne”. (Léo, filho do meio)*

*“Normalmente onde a gente se vê mais (irmãos) é na casa de minha mãe. A gente faz reuniões sempre”. (Zé, irmão caçula)*

*“Reunia todos os irmãos, toda a família sobrinhos...esposa dos filhos esposo das filhas toda a família, todo mundo se reunia no Natal na casa de minha mãe” ... (Helena, primogênita)*

Segundo Winnicott (1983), o tempo que uma família passa junto é um marcador de proximidade emocional entre seus membros. Maior tempo em família, mais histórias e experiências compartilhadas. Os encontros festivos realizados na casa da mãe representam um momento em família diferenciado, cuja percepção temporal torna-se dilatada pela evocação de histórias comuns da família que são verbalizadas. Elas promovem a rememoração do passado e a ressignificação do tempo presente.

A lembrança de eventos positivos ou não vivenciados entre os irmãos e a verbalização de sentimentos e emoções fortalece o vínculo entre os irmãos por meio do compartilhamento. Em muitas famílias, as emoções de um membro podem ser vivenciadas pelo grupo. A quantidade e a qualidade dessas emoções são fatores importantes para determinar o vínculo entre seus membros (WINNICOTT, 1983)

*“É bem legal assim um momento descontraído de muita risada de muitas histórias sempre muita conversa às vezes reflexões às vezes gera choro, mas não um choro por que brigou sabe? Mas porque despertou sentimentos assim de emoção mesmo e às vezes a gente até se comove...por estar junto ali...porque a gente valoriza muito o momento de estar junto...todas as festas assim tipo Natal, Páscoa, Ano Novo, a gente faz questão de estar juntos...de celebrar de bem”. (Nádia, irmã do meio).*

Reuniões de famílias são regadas por histórias sobre a família. Essas narrativas retificam a identidade do grupo como também a identidade de cada sujeito como membro familiar. Trata-se de um compartilhamento de sentimentos e experiências familiares e pessoais vivenciadas ao longo dos anos que tende a fortalecer o vínculo entre os irmãos.

Caso experiências desagradáveis sejam mencionadas e emoções negativas sejam ativadas pelos irmãos, quando eles se reúnem em festas na casa da mãe, há a possibilidade de uma reconciliação. Encontros familiares mesmo que despertem lembranças desagradáveis podem ser favoráveis e positivos para se reatar um vínculo esmorecido quando há esse desejo entre os irmãos.

Há um dinamismo no relacionamento fraterno ao longo do tempo que o faz modificar-se, moldando-o a diferentes circunstâncias da trajetória de vida de cada irmão. De certo modo, essa dinâmica pode facilitar uma maior abertura ao diálogo e ao perdão. Existe ternura quando rememoramos a fase da infância, suas brincadeiras com a presença dos irmãos. Esse exercício de retorno traz emoções adormecidas de um tempo de ludicidade e companheirismo que pode confrontar-se com dissabores relacionais entre os irmãos em fase adulta e, de certa maneira, ser um incentivo para a reconciliação.

Para Zittoun (2009, 2012), se existe vida, há mudança. O desenvolvimento não é linear. Trata-se de um fenômeno complexo que envolve diferentes fatores psicológicos e biológicos como também processos sociais e interpessoais. Pode ser observado nas mudanças de percepção que cada um tem de si (nível intrapessoal), ou nas relações com os outros (nível interpessoal) como também podem influenciar no modo como cada um se relaciona com quem está mais próximo (nível interpessoal). E as trajetórias de vida de cada ser humano não são previsíveis. Elas dependem das escolhas de cada um, são influenciadas pelo meio social e forças que a sustentam como também de eventos adversos a nossa vontade, além de serem únicas.

*“Então a relação com meus irmãos era mais próxima quando era jovem, quando criança, mas depois ela vai se afastando eles também vão se desenvolvendo crescendo...construindo suas próprias famílias a gente se afasta mais”. (Helena, primogênita)*

*“Tivemos interesses muito distintos então a gente não tem aquela relação tão próxima” (Oswaldo, caçula)*

*“Durante a infância existiam muitas divergências com o passar do tempo vem a maturidade” (Wilson, caçula)*

Desenvolver-se é sujeitar-se a rupturas que solicitam uma resposta que demanda um novo ajuste comportamental. É abrir-se a mudanças que são inerentes à vida humana. Quando os ajustes são efetivados, eles são chamados de transições que levam a uma nova forma de comportamento seguidas por um período de reestruturação. O

resultado das rupturas e transições na trajetória de vida da pessoa é uma mudança para um novo equilíbrio entre ela e seu meio ambiente (ZITTOUN, 2009, 2012).

Estar aberto à reconciliação, em reuniões familiares, pode ser um diferencial significativo para a proximidade entre os irmãos e consequente fortalecimento de seus vínculos. A depender de seu dinamismo essas reuniões irão fornecer essa percepção de proximidade emocional.

Elas, de certo modo, propiciam um momento oportuno para um novo ajuste de comportamento e sentimento entre os irmãos, provocando no relacionamento de irmãos ofendidos uma mudança. Por isso, para que os encontros familiares sejam experiências satisfatórias eles deverão promover sentimentos de união e pertencimento familiar, alegria, compartilhamento de experiências, troca emocional de sentimentos positivos e baixo conflito (RABELO; NERI, 2014).

No entanto, se por algum motivo as reuniões familiares não puderem acontecer presencialmente, como está sendo observado por conta das restrições devido a pandemia da COVID-19, há a possibilidade de encontros familiares ou troca de mensagens mediadas pela tecnologia.

### **Contato entre os irmãos mediado pelo aplicativo de mensagem WhatsApp**

Com a popularização do acesso à Internet no Brasil, principalmente via smartphone, as práticas de interação entre parentes e amigos passaram a ser estabelecidas também em ambiente virtual via aplicativos de mensagens, sites de redes sociais e plataformas para videochamadas. A família como comunidade presencial passou a existir também como comunidade on-line (NISBET, 2017; WILSON; PETERSON, 2002).

Assim, grupos familiares ou só de irmãos, mediados por aplicativos de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, foram sendo aos poucos criados. Eles facilitam a comunicação diminuindo a percepção de afastamento entre os membros. Aumentam o sentimento de empatia, solidariedade e pertencimento familiar,

principalmente quando há um distanciamento geográfico que impeça contatos familiares com mais frequência.

Nesses grupos é possível enviar mensagens, fotos, fazer uma chamada em grupo em tempo real a fim de reunir a família ou apenas os irmãos para diferentes propósitos. As reuniões familiares presenciais, com seus bate-papos que por algum motivo possam ser impedidas de acontecer, podem ser substituídas por meio da mediação tecnológica. A intimidade e o vínculo entre os irmãos são favorecidos por esse processo de comunicação que se faz à distância, em meio digital. Um ambiente propício para a comunicação pode ser em qualquer parte, a qualquer momento e em qualquer lugar (DIAS, 2015).

Segundo Stafford, Merolla e Castle (2006), a distância ajuda parceiros de namoro a se concentrarem nas qualidades pessoais positivas, desconsiderando traços irritantes ou incômodos. Um estudo feito por Herrick (2008), seguindo as premissas de Stafford, Merolla e Castle (2006), revelou que irmãos adultos se tornaram mais próximos quando se afastaram um do outro. É típico da dinâmica de irmãos em fase adulta manterem uma desconexão de proximidade física (MILEVSKY, 2020).

A distância geográfica, neste caso, lapida diversos sentimentos e percepções que o contato diário tende a confundir ou ofuscar. É como se os irmãos, ou parceiros de namoro, à distância se enxergassem melhor. Neles há um olhar mais subjetivo, dilatado que aproxima e aconchega, fazendo com que sejam mais empáticos e solidários com o outro.

*“É o que fortalece mais é mais ou menos isso o relacionamento por incrível que pareça pela distância física, fica mais ávido pelo contato virtual”.*  
(Oswaldo, caçula)

Segundo Horst e Miller (2012), a materialidade da família como grupo permanece no ciberespaço; o espaço digital não é virtual, mas real. Logo, esse espaço é um ambiente onde se vive verdadeiramente com emoções e sentimentos às vezes reprimidos em outros locais; a tecnologia não mudou a autenticidade das relações humanas apenas tornou a mediação mais evidente (HORST; MILLER, 2012).

Por isso, relações sociais mediadas por dispositivos digitais poderão revelar tensões ou bem-estar com veracidade similar à do padrão face a face. Elas indicam a abertura de cada um para acolher o outro e suas especificidades; haja vista o modo

como cada pessoa irá estabelecer sua comunicação em meio digital. A comunicação interpessoal entre os irmãos é essencial para fortalecer o relacionamento entre eles (HERRICK, 2008).

Utilizar a linguagem de modo acolhedor fortalece o relacionamento entre irmãos porque consolida a proposta de Lévinas (1990): a aproximação com o outro: um outro que não se distingue apenas em sua individualidade, mas a ultrapassa porque é parte de um todo (o grupo familiar). Relacionar-se em grupos de família ou só de irmãos é relacionar-se com cada membro e, ao mesmo tempo, com o grupo. Por isso, não faz muito sentido negar a palavra (bloquear) em meio digital aqueles que são nossos familiares.

A formação de grupos familiares e a comunicação digital via aplicativo de mensagem com uso de celular foi relatado pelos entrevistados.

*“Tem a que mora em São Paulo (irmã) mas em compensação a gente conversa todos os dias...no grupo do WhatsApp a gente tem uma relação assim bem harmoniosa...né? Algumas gracinhas e piadas, mas nada que venha ofender ou atrapalhar o relacionamento”. (Helena, primogênita)*

*“Nossa frequência de contato é mais virtualmente que presencialmente...por conta de morarmos distantes. Cada irmão mora em uma cidade do interior da Bahia”. (Vilma, primogênita)*

*“A gente tem um grupo de WhatsApp da família que quase todo dia a gente se fala né? Comenta alguma coisa...e quando alguém fala alguma coisa relevante sempre os outros expressam suas opiniões é um grupo de nós seis meu pai minha mãe e nós quatro”. (Nádia, irmã do meio)*

*“Temos um grupo da família num aplicativo de mensagens onde parte da família posta mensagens”. (Tonho, irmão do meio)*

*“Tenho contato com eles quase que diariamente, uma irmã minha mora na mesma cidade que eu e meu irmão mudou recentemente a uns quatro meses pra morar no Rio de Janeiro por questão de trabalho e uma irmã minha mora na Alemanha”. (Helen, irmã do meio)*

*“A gente se fala quase todos os dias eu minha mãe e meu irmão que mora no interior...a gente se fala pelo celular”. (Wilson, caçula)*

*“Olha... por WhatsApp a gente se fala com muita frequência que tem um grupo da família...e às vezes a gente solta uma mensagem e acaba que um interage com o outro”. (Zé, caçula)*

Mesmo que não tenha sido mencionado pelos entrevistados, sabe-se que a interação on-line possui aspectos positivos e negativos. Se, por um lado, é possível a

aproximação com aqueles que estão geograficamente distantes, por outro, ela pode escancarar defeitos pessoais até então desconhecidos nas interações face a face. No universo on-line, qualidades e defeitos inimagináveis das pessoas podem ser descobertos.

Para algumas pessoas, o mundo digital é o local adequado para se tornarem reais, expressando suas paixões sem maiores restrições. Os seres humanos procuram um gerenciamento de conduta nas interações tanto em meio físico como em meio digital a fim de projetar o máximo possível uma imagem genuína de si. Para Jenkins (2009), as fronteiras entre o ambiente físico e o digital são imprecisas e osmóticas.

Embora não tenha sido objeto deste trabalho pesquisar sobre a qualidade dos contatos on-line estabelecidos entre os irmãos é necessário pontuarmos que existe a possibilidade de afastamento emocional ao invés de uma maior aproximação. Para este grupo de irmãos, conforme os relatos acima, o recurso tecnológico via aplicativo de mensagens funcionou para aproximá-los e garantir maior intimidade entre eles. Segundo Mikelson (2006), dois fatores influenciam as relações interpessoais entre os irmãos: a proximidade emocional e a intimidade.

A formação de grupos de família ou só de irmãos em meio digital também revela a presença de uma identidade estendida (familiar ou de irmãos) que vai além da individual. Nossa sociedade é fortemente relacional, interdependente enraizada nos componentes afrodescendentes e indígenas (RABINOVICH, 2003); em nossa subjetividade repousa a ideia de self familiar como pontua Chaudhary (2009), o que justificaria a formação e interação de grupos familiares em meio digital.

Logo, a percepção sobre família como uma comunidade que nos acolhe no ambiente físico migra para o meio digital. Como também seu dinamismo e sua complexidade que exigirá de seus membros capacidade para se adaptarem às diferentes demandas e limitações que surgirão com o passar do tempo. Irmãos adultos podem fornecer suporte emocional através dos meios eletrônicos como substituto do suporte físico e da proximidade (MILEVSKY, 2020).

## **6.2 Distanciamento emocional: sentimento de afastamento**

### **Afastamento, conflitos e cuidados com a mãe**

A decisão de afastar-se de um irmão, de modo gradual ou definitivo em fase adulta, pode ser provocada por diferentes fatores que desencadeiam emoções reprimidas por causa de situações mal resolvidas. Uma situação de conflito demonstra que há um desejo intrínseco aos seres humanos que é a dominação do outro.

O distanciamento familiar ou estranhamento familiar é um fenômeno que se caracteriza por um afastamento entre membros de uma mesma família que já tiveram maior convivência e intimidade, podendo ser breve ou duradouro. Pode manifestar-se de modo concreto por meio do distanciamento geográfico ou de modo simbólico quando o indivíduo passa a olhar sua família dentro e fora de si percebendo-se distante dos demais. Como tema de pesquisa é pouco explorado em nosso meio, apesar de sua relevância para estudos que focalizam a dinâmica das relações familiares.

Segundo Reis, Sá e Souza (2020), o distanciamento familiar efetiva-se pela decisão de um membro familiar em afastar-se do grupo. Essa decisão pode ser acarretada por diferentes modos de se pensar o relacionamento e tem impacto nas relações familiares ao longo do tempo. As autoras pontuam ainda que, no caso de irmãos adultos, quando há um afastamento entre eles, há também entre os sobrinhos e primos entre si. Esse afastamento pode não ter sido diretamente construído, mas herdado de outras gerações; manifestando-se como comportamento herdado que procura honrar de modo inconsciente um padrão de relacionamento familiar.

De certo modo, o que há em situações de afastamento familiar é a ausência de reconciliação e entendimento para que ações cometidas por nossos antepassados possam, de algum modo, ser perdoadas e esquecidas ou algum dano reparado. O perdão dado e o desejo de recompor laços familiares rompidos podem restabelecer o desejo das pessoas envolvidas em novamente ser uma família. A reconciliação é um processo subjetivo e perceptivo do self que desencadeia ações a fim de diminuir o distanciamento geográfico ou relacional entre membros de uma mesma família que desejem romper com a segregação a fim de restabelecerem a paz e o equilíbrio emocional (REIS; SÁ; SOUZA, 2020).

Os irmãos podem entrar em conflito por diferentes razões e, a partir dele, optarem por afastarem-se um do outro. Porém, há alguns conteúdos específicos que são mais propícios para desencadear brigas: diferença de poder e de tratamento parental, posicionamento dos pais face a resolução de conflitos (DUARTE, 2005).

*“...O mais velho... o irmão mais velho é um pouco mais ausente...separado”.  
(Helena, primogênita)*

*Há uma competição eu sinto que há uma competição das minhas irmãs comigo com a questão econômica...porque eu sou a primeira da família a fazer universidade. Eu procuro não ligar muito pra não me atingir... claro eu procuro não me estressar muito com essa situação não. ...porque eu sou a primeira da família a fazer universidade...á os outros seguiram porque eu também incentivo muito que eles estudem... e mais eu acho que sempre há uma competição quando eu me mudei pra meu apartamento eu senti que minhas irmãs ficaram um pouco... pareciam que estavam chateadas comigo e não estavam muito felizes assim né era uma coisa pra elas ficarem felizes por mim elas não ficaram felizes por mim né ficaram infelizes. Até hoje é assim se eu conquisto alguma coisa elas não se mostram muito felizes não e elas vão buscar para conquistarem e depois me contam... ah eu tenho isso eu tenho aquilo eu tenho aquilo outro...como se fosse uma competição né? Como se quisesse dizer eu tenho mais que você, eu tenho o que você teve, enfim eu acho que existe muito isso”. (Helena, primogênita)*

*“O que enfraquece meu relacionamento com meus irmãos seria justamente esse ciúme que a gente tem uns dos outros somente isso mesmo”. (Helen, irmã do meio)*

No entanto, mesmo que os conflitos provoquem certa dose de desarmonia, a ausência de abertura para a confrontação de ideias e opiniões nas famílias impede o enriquecimento pessoal de cada membro. Argumentar e discutir, opondo ideias e opiniões, é extremamente saudável.

Para Conti (2015), o distanciamento entre membros familiares caracteriza-se por alguns aspectos específicos: interrupção completa da comunicação; comunicação mantida apenas com uma pessoa da família; mesmo separados, os parentes sabem como entrar em contato; pelo menos um dos parentes envolvidos sabe explicar justificar a interrupção da comunicação com uma ação que a outra pessoa fez, faz ou deixou de fazer. No âmbito do núcleo familiar, a decisão de afastar-se de um parente acarreta um acentuado mal-estar, influenciando a qualidade dos vínculos familiares. E ausência de uma convivência familiar harmoniosa compromete a saúde emocional de cada um.

São os laços de parentesco que nos ligam a um grupo específico de pessoas através das gerações. Ele sinaliza nosso pertencimento e nos enraíza através do tempo. Mesmo que de modo silencioso, inconsciente existe uma tentativa latente em cada membro familiar em manter esses laços.

Por essa razão, o processo de afastar-se de um irmão tornando-o um estranho é traumático (DATTILIO; NICHOLS, 2011). Mesmo que não haja um afastamento definitivo, as divergências entre os irmãos podem levar a um rompimento mais sério, casos alguns conflitos não sejam devidamente resolvidos entre eles. Assuntos mal resolvidos entre as pessoas favorecem o distanciamento e colocam o outro, meu interlocutor, meu familiar, como um adversário, favorecendo um possível afastamento (DIAS, 2015).

Os entrevistados sinalizaram a presença de conflitos entre eles como um aspecto que torna o relacionamento mais fraco. Um desses pontos foi a divergência como a mãe deva ser cuidada. Paradoxalmente, a mãe agrega e, ao mesmo tempo, também separa os irmãos. Existe, nesse contexto, uma dinâmica relacional onde a autoafirmação do indivíduo na sua posição de membro da família impõe-se como regra.

Observa-se, assim, uma “queda de braço”, dentro do núcleo familiar entre os irmãos sobre o melhor modo da mãe ser cuidada. Permanece nos irmãos em fase adulta de modo discreto a rivalidade pela atenção parental. E uma tendência dominadora para sobrepor-se ao outro como o melhor. Apesar de ter início na infância, esse embate perdura até a fase adulta (ADLER, 1984; CICIRELLI, 1982), mesmo que seja de modo menos intenso.

*“O que enfraquece o relacionamento com os meus irmãos por incrível que parece são as situações referentes a ela. A discordância... dos irmãos entre si enfraquece nossa relação...com relação ao que se pensa aos cuidados a maneira de tratar a maneira de se “aproveitar” da mãe...” (Edmilson, primogênito)*

*“...Eu não tenho muita afinidade com as três porque elas têm uns pensamentos e às vezes eu discordo e costuma gerar um atrito entre nós até no modo de cuidar de mãe...aí nessa questão às vezes eu procuro me tornar digamos neutro”. (Kaíque, Primogênito)*

Há uma estrutura psíquica que é compartilhada entre os membros familiares que tem por função articular as relações que serão estabelecidas dentro e fora do ambiente familiar (KAËS, 2005). Para os irmãos cuidar da mãe, mesmo com divergências e, ao mesmo tempo, não se envolver em maiores conflitos, é dar cumprimento ao mandato parental que funciona como um articulador mestre dessa estrutura psíquica. A família é um local onde sentimentos positivos e negativos convergem num emaranhado de laços relacionais (RELVAS, 1997).

Ressoa desde a infância a narrativa que os irmãos devem ser unidos, cuidadores uns dos outros e dos próprios pais. Esse enredo está estabelecido, faz parte da história familiar, funciona como um apoio importante sob o qual cada irmão se espelhará para relacionar-se; e desfechos diferentes devem ser evitados.

Tolkacheva, Van Groenou e Van Tilburg (2014) concluíram que o cuidado dos filhos para com os pais deve ser estudado do ponto de vista da família; características afetivas e a disponibilidade de irmãos são importantes para o compartilhamento e a intensidade do cuidado. Para Milevsky (2020), existe um aspecto único no dinamismo da relação dos irmãos em fase adulta que é a parceria para cuidarem de pais idosos. Na cultura brasileira o cuidado dos filhos para com os pais idosos caracteriza-se como norma social, refletindo sentimentos como carinho, gratidão, amor reciprocidade e respeito aos pais, como indicam Aires *et al.* (2019). Por isso, possíveis rupturas e afastamentos entre os irmãos deve ser o quanto possível evitado. Tal atitude poderia comprometer a assistência aos pais. E ainda porque existe um interesse entre os irmãos em manter o relacionamento ao longo da vida, tendo em vista os laços genéticos e o apelo parental (MYERS; ODENWELLER, 2015).

No grupo de irmãos entrevistados observou-se também a presença de outros fatores que contribuem para gerar possíveis afastamentos além das divergências sobre o cuidado com a mãe. Discorreremos sobre cada um nos tópicos seguintes.

### **Ausência de comunicação frequente e de reuniões familiares**

O ato de comunicar-se frequentemente com outra pessoa pressupõe intimidade, afetividade e empatia. Trata-se de um fenômeno que envolve aspectos cognitivos, emocionais e sociais e não a mera transmissão de uma informação. Ou seja: uma relação recíproca onde se entra em relação com o outro, um processo interpessoal que envolve trocas verbais e não-verbais no qual é preciso colocar-se no lugar do outro, abrir-se para entender sua necessidade, seu ponto de vista e assim comunicar-se melhor. Por isso, aproximar-se do outro pelo diálogo requer uma dose de hospitalidade como explicita Lévinas (1995).

Quando os irmãos, por situações as mais diversas, deixam de se comunicar e de se reunir, eles estão negligenciando uma ordem parental dada na infância e que reverbera ao longo de suas vidas que é cuidarem uns dos outros. Eles deixam de colocar em comum opiniões, sentimentos, atitudes, experiências, anseios, paixões, por meio de várias relações mais ou menos complexas que o ato comunicativo envolve (DIAS, 2015).

A ausência de comunicação pressupõe um fechamento para os acontecimentos da vida do outro, suas necessidades e seus problemas o que enfraquece o relacionamento da família como um todo; podendo causar divisões. Um padrão generalizado de falta de comunicação entre os irmãos pode manifestar-se de modo destrutivo quando os irmãos precisam tomar algum tipo de decisão juntos (MILEVSKY, 2020).

Familiares divididos e magoados tornam-se pessoas emocionalmente enfraquecidas para enfrentarem as mazelas cotidianas a que todos somos expostos. O mito do Andrógino de Platão ilustra esse fato (PLATÃO, Banquete, 190d). O enfraquecimento da espécie humana veio com a divisão. Uma alegoria que indica um afastar-se de almas.

Pode-se supor que a preferência em estar com alguém, fazer parte de sua vida e deixar que tome parte também da minha é um encontro que vai além de qualquer atributo. Ele supera, no caso dos irmãos, posição de nascimento, gênero, condição social e quaisquer tipos de diferença que venha se impor entre os irmãos. É uma escolha porque a companhia do outro agrada, favorecendo a proximidade e amizade (MYERS, 2015).

Não saber sobre as dificuldades da vida uns dos outros exime cada irmão de comprometer-se em ajudar. O rompimento de um laço familiar, e seu apoio, não necessariamente será substituído por um vizinho ou amigo. Um laço familiar sólido e dinâmico significa segurança, permanência e confiança (PORTUGAL, 2013).

A diminuição do contato e da comunicação entre os irmãos como também a ausência em reuniões familiares, principalmente aquelas feitas em datas comemorativas como aniversários, casamentos e festas de final de ano, foi citado pelos depoentes como um aspecto que contribui para o enfraquecimento da relação entre eles.

*“...O que enfraquece meu relacionamento com meus irmãos é muitas vezes o fato da gente ficar um tempo ou algum tempo sem se falar”. (Mário, primogênito)*

*“O que enfraqueceu o relacionamento é a distância mesmo por exemplo também a falta de comemorações que minha mãe realizava como por exemplo Natal que reunia todos os irmãos, toda a família sobrinhos...esposa dos filhos esposo das filhas”. (Helena, primogênita)*

Quando a comunicação entre os membros familiares não prioriza o respeito que é ouvir o outro e o que tem a dizer, há mais atritos e ruídos nesse processo do que eficiência (DIAS, 2015). Uma comunicação familiar ruidosa, ou ausente (em família, o silêncio abre espaço para que más interpretações surjam) causa desconforto e consequente infelicidade para os membros.

*“Somos diferentes no modo de agir e de pensar por pensarmos diferentes sobre diversos assuntos o que nos leva a algumas discussões; no momento de vida agora aí prefiro ficar mais no meu canto”. (Leny, caçula)*

*“O que enfraquece meu relacionamento com meus irmãos é que infelizmente tivemos interesses muito distintos então a gente não tem aquela relação tão próxima mesmo quando a gente se encontra”. (Osvaldo, caçula)*

*“O que mais enfraquece é alguma falta de perdão, alguma situação mal resolvida e às vezes fica aquela situação meio constrangedora”. (Léo, irmão do meio)*

*“No passado eu acho que nós éramos mais unidos de uns tempos pra cá por divergência de opiniões fomos nos afastando, nos afastando mais umas das outras”. (Leny, caçula)*

Segundo Sousa (2015), a comunicação é um caminho para a felicidade. Quando os irmãos nutrem em si sentimento de hostilidade, eles se evitam e ficam cada qual em “seu canto”, infelizes. Ao contrário, irmãos com sentimentos agradáveis para com seus pares, utilizam canais diversos de comunicação sentindo-se mais felizes, de acordo com Myers e Odenweller (2015). Existe um desejo entre os irmãos em fase adulta jovem a fim de reduzir as incertezas causadas pela falta de comunicação de acordo com os achados de Meyers (2011). Esse comportamento pode ser aplicado para adultos em idade mediana também.

Há maior desconforto entre os irmãos com a ausência da comunicação entre eles a partir do momento em que começam a ter uma interação mais amadurecida e menos conflituosa ao estabelecer uma relação de amizade mais sólida. A fase adulta jovem é o início desse processo. No entanto, a prática de uma boa comunicação entre os irmãos deve se iniciar na infância, com os pais mediando e auxiliando para que em fase adulta os irmãos já estejam mais habituados e abertos para dialogarem entre si e com seus pais.

*“Em relação ao nosso relacionamento no passado e atualmente a mesma coisa tudo igual a diferença é que somos mais maduros”. (Helen, irmã do meio).*

*“A qualidade do nosso contato hoje é com mais maturidade”. (Mário, primogênito).*

*“A nossa relação hoje fazendo uma comparação a gente amadureceu bastante”. (Léo, irmão o meio)*

*“Hoje a gente tá muito mais maduro hoje a gente vive em sintonia”. (Zé, caçula)*

Por outro lado, viver em família pressupõe, além de uma comunicação eficiente entre os membros consanguíneos, uma abertura para acolher e comunicar-se bem com aqueles que chegam, os agregados (cunhados, cunhadas). Eles passam a fazer parte da família e, caso a comunicação com eles e os demais não seja efetiva, poderá surgir um sentimento de estranhamento.

### **A presença dos agregados**

Acolher o outro quando há os laços sanguíneos que me ligam a ele é, às vezes, menos penoso do que familiarizar-se com aquele que chega e torna-se parente pela circunstância. Tornar o estranho familiar e nutrir por ele sentimentos de apreço e estima como se consanguíneo fosse demanda boa vontade e empatia.

Segundo Vygotsky (1987), o outro é o fundador do eu por meio das relações sociais mediadas pela utilização de signos linguísticos. A palavra é carregada de uma conotação de sentido coletiva e privada; a partir de seus significados trazem vozes de uma história coletiva humana e da história individual. Assim, cada indivíduo se autodefine perante o outro, utilizando signos linguísticos e seus significados culturalmente estabelecidos.

Mas para o eu fechar uma definição cristalizada sobre o outro a partir de si e suas experiências é mais complexo. O outro, que está no centro das vinculações humanas, sempre nos escapa à ideia que fazemos dele, se recusa a dobrar-se ao pensamento totalitário do eu, segundo Lévinas (2015).

O outro, e tão somente ele, coloca-nos diante da complexidade das relações humanas, ou seja: o eu não se relaciona apenas consigo ou com um outro, mas com diversos outros numa convivência e relacionamento plural. Por isso não é possível abarcar toda a grandeza de um parente mesmo após anos de convivência, quer seja ele consanguíneo ou não. Com a família não é diferente.

Existem, nos emaranhados de suas relações, crenças e valores que a sustentam e a tornam única para seus membros; ficando difícil abarcar sua totalidade. Em família, o acolhimento mútuo é uma regra básica. Ela predispõe cada eu a conviver com os diferentes outros ajudando-os a assumir seus lugares de pertença ao grupo.

Logo, fica evidente que em cada família há um sistema de regras e condutas que perpassa as gerações e que sinaliza o modo de ser e agir daquele grupo, conferindo-lhe uma identidade e, aos seus membros, sentidos de pertença. A família tem sua identidade própria, lembranças, sentimentos, aspectos positivos e negativos (SAMPAIO; SAMPAIO; VILELA, 2019). E cada indivíduo carrega consigo um modelo interno do que é família (OLIVEIRA, 2009).

O discurso narrativo das histórias de família destacando os valores familiares que devem ser seguidos, retifica esse modelo interno de família e o sentimento de pertença dos membros. Ao construir e compartilhar narrativas familiares os membros trazem à memória pessoas, objetos e acontecimentos vivenciados pelo grupo que estão ancorados nas crenças familiares.

*“A gente preza muito a gente é muito saudosista fica lembrando da infância de todo mundo lá do passado como era todo mundo unido sempre tinha as duplas de irmãos”. (Zé, irmão caçula).*

O ser e estar em família é apropriado por todos os membros pelo discurso que no cotidiano das relações vai sendo atualizado. Pessoas que não vivenciaram os mesmos enredos familiares, como os agregados, vão se apropriando também daquela história gradativamente numa tentativa de identificar-se com ela e com o passar do tempo ser-lhe parte integrante.

Quando um agregado, um cunhado ou cunhada, chega para fazer parte da família existe uma expectativa de que irá adaptar-se àquele modo de ser família sem maiores problemas. Imagina-se que o agregado irá confrontar o modelo internalizado de família que carrega consigo no todo ou em parte com o modelo que está sendo proposto para

melhor adaptar-se à nova família que o recebe. Parentes adaptados e sem maiores conflitos vivem bem, sem ressentimentos ou tristezas, conforme sinaliza Gow (1997).

*“Minha irmã ela é casada hoje o marido dela não interfere em nada não existe assim dele nenhuma manifestação de ciúme Bruno também que já é meu companheiro já há vinte e um anos ele também não interfere a gente se reúne na minha casa ou na casa de minha irmã”. (Zé, irmão caçula)*

Faz parte do desenvolvimento da família como grupo atravessar crises e transições que contribuem para seu crescimento e amadurecimento. As mudanças na família originam um novo padrão de funcionamento e a reestruturam. A partir da superação das crises e transições familiares é que um novo arranjo é feito.

E a chegada de agregados na família é um momento de mudança, onde acolher bem o “estranho” que chega faz a diferença. Como também assumir novas posições de parentesco no contexto familiar. A família se move ao longo do tempo e incorpora durante seu percurso novos membros pelo nascimento, a adoção ou casamento (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

Os irmãos casados passam a relacionar-se com os esposos (as) dos demais, além de irmão agora passam a ser também o cunhado a cunhada. Porém, relacionar-se com o outro impondo-lhe um jeito novo de ser e agir em família é imaginá-lo à nossa imagem e semelhança, desconfigurado de sua identidade. A família com seu dinamismo pode produzir relações de vínculos afetivos entre seus integrantes, segundo Sampaio et al. (2019).

Por isso, há possibilidade de que os cunhados possam estabelecer com os demais membros da família além de seus cônjuges uma relação de amizade e respeito. Caso contrário os agregados suscitarão nos irmãos um sentimento de estranhamento e não reconhecimento de membro que pertença ao grupo familiar. Segundo Scharp (2017) a percepção de que um relacionamento é voluntário, como é o caso dos irmãos e seus cunhados, pode variar ao longo do tempo.

Isso sugere que pode haver picos com maior ou menor interação entre os irmãos e respectivos cunhados conforme o dinamismo da família. De certo modo, a capacidade de cada membro familiar em solucionar conflitos e estar aberto ao diálogo pode indicar a intensidade desses picos.

Os entrevistados citaram a chegada dos cunhados (a) s na família como um fator que enfraquece o relacionamento entre os irmãos.

*“Nosso relacionamento se tornou um pouco enfraquecido assim entre nós porque minhas irmãs têm pensamentos completamente diferentes do meu... quando digamos casaram e constituíram famílias o pensamento ficou completamente o contrário do meu é por isso que há essa discordância entre nós”. (Kaíque, primogênito)*

*“Eu me casei nova com 19 anos meu irmão ainda ficou com 14 anos aí a gente se afastou mais, né...” (Lívia, primogênita)*

*“... Atualmente a gente vive assim meio um pouco afastado, por questão familiar cada um tem sua família”. (Ton, irmão do meio)*

*“Bem enfraquece um pouco meu relacionamento com meus irmãos...é bom a entrada de pessoas estranhas no convívio familiar...meus cunhados e minhas cunhadas...” (Tonho, irmão do meio)*

*“O que enfraquece meu relacionamento com meus irmãos...na minha opinião é que é assim bom depois que todo mundo cresceu que casou constitui família aí vem os cunhados e as cunhadas um ou outro cunhado ou cunhada vamos dizer assim não ...não tem assim aquele hábito de tá unido na família não que brigue mas aquela relação assim de amizade aquela relação de educação e tal e aí o irmão ou a irmã pra acompanhar seu marido ou esposa acaba ficando distante um pouquinho e aí acho que isso enfraquece”.(Zé, irmão caçula)*

Certa mudança no modo de pensar e agir dos irmãos casados pode receber influência da convivência com o cônjuge. A dinâmica do casamento coloca os esposos em contato com um jeito de ser e estar em família diverso daquele no qual cada um foi criado. Renunciar a certos valores pode causar conflitos e até afastamentos entre os esposos e deles com suas famílias de origem. As normas familiares que mantêm os indivíduos conectados devem ser mantidas. Cada família possui suas próprias leis que vão sendo repassadas ao longo das gerações, conforme sinaliza Groisman (1996).

Cada cônjuge traz consigo para seu relacionamento conjugal um modo de ser e estar em família. Com o passar do tempo, é possível haver um diálogo entre esses modos. O ideal é que esse diálogo gere um compartilhamento dos valores e histórias familiares que cada um traz e sua ressignificação. Assim, um novo modo de ser e estar em família poderá tomar forma e possíveis afastamentos e conflitos sejam evitados. Milevsky (2020), em um trabalho sobre a dinâmica de irmãos em fase adulta, identificou que houve problemas com os esposos de irmãos casados, gerando, entre o grupo de irmãos, conflitos.

Em contrapartida, para alguns irmãos não acolher bem um cunhado (a) e considerá-lo estranho, mesmo após anos de convívio, retifica o mandato parental que

permeia o relacionamento dos irmãos. Os pais dos entrevistados preocuparam-se em incentivar para que, ao longo da vida, os irmãos fossem unidos, independente das circunstâncias da vida de cada um; sem mencionar a possibilidade de que também convivessem de modo familiar com um estranho. Quando a família se abre para acolher um estranho, coloca-se diante de um desafio que pode afetar profundamente seu funcionamento (BORGHETTI, 2001). Talvez seja essa a razão da atitude desses pais mesmo que de modo não intencional.

Mesmo casados, muitos irmãos mantêm o vínculo com seus pares, mas não necessariamente estabelecem com seus cunhados ou cunhadas uma relação com maior intimidade. Em famílias onde os laços entre os membros são muito fortes há menos confiança em pessoas de fora, são famílias voltadas para dentro (ALESINA; GIULIANO, 2010).

No entanto, as relações de parentesco vão além da consanguinidade e dependem de uma aceitação do outro como familiar, mesmo ele sendo um estranho destituído dos mesmos laços biológicos. Por isso, é preciso uma abertura interior de cada familiar para permitir que o outro adentre na história da família e passe a fazer parte dela. Cunhados e cunhadas quando são aceitos e passam a integrar de um modo mais ativo a família que os agrega podem fornecer apoio emocional e social para membros que necessitem conforme salienta Hasday (2012).

O outro, para Lévinas, é indiscernível, sua totalidade impenetrável e seu rosto um convite para a comunicação, podendo a qualquer momento nos surpreender com ações agradáveis ou não. A riqueza das relações familiares reside nesse constante surpreender-se com o outro. Tanto os irmãos podem surpreenderem-se uns aos outros como também serem surpreendidos pelos cunhados.

Cada pessoa age de modo singular produzindo significados distintos e, em seu contexto relacional, está em sintonia e interconexão com as ações de vários outros conforme defende Adler. Segundo esse mesmo autor, a interconexão humana é essencial para a convivência em sociedade e para o desenvolvimento individual de cada um. Por isso, a partir das relações estabelecidas em família, cada indivíduo procura encontrar seu lugar e identidade na coletividade humana. O ambiente familiar é o *start* para treinarmos as mais finas e diversas competências para ao convívio social.

A grande questão é o que cada um faz com as afetações que o outro lhe provoca a partir das interconexões estabelecidas. A liberdade para aceitar ou não a amizade de um agregado, passar a olhá-lo como família, é uma escolha individual que cada irmão faz. Ele pode transferir para o cunhado as mesmas afeições que tem por um irmão ou o contrário. As relações dos irmãos são um parâmetro para outras relações e, se nelas há amizade, companheirismo, ciúme e disputas, nas outras também haverá.

O melhor modo de relacionar-se com os irmãos adultos, agregados e demais familiares é aquele que cede espaço para a solidariedade. Romper com o individualismo crescente de nosso tempo que nos afasta de nós mesmos e dos outros é um desafio cotidiano que deverá ser vencido paulatinamente. Mudar atitudes, repensar valores e abrir-se para o outro, seja ele quem for, é um exercício constante de alteridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o relacionamento de irmãos adultos médios não foi uma tarefa fácil de ser executada. O relacionamento fraterno é um relacionamento complexo que engloba e sofre influência de outras relações familiares, podendo também influenciá-las. Ele é estabelecido na continuidade do tempo. As lembranças partilhadas entre os irmãos adultos, a respeito de seu relacionamento e da própria história familiar, exercem relativa influência para manter ou não o vínculo entre os irmãos. Em sua dinâmica, há fatores que o fortalecem e aqueles que o enfraquecem. Esses fatores são sedimentados a partir da utilização de recursos materiais e simbólicos. A utilização de recursos específicos no relacionamento fraterno permite aos irmãos que o intensifiquem de modo positivo ou negativo diante dos comportamentos que vão adotando uns perante os outros a fim de se manterem ou não unidos.

O relacionamento de irmãos se dá sob a influência da idade e gênero de cada um, sua ordem de nascimento, diferença de idade, número de irmãos e relacionamento com os pais. Seu desenvolvimento é num contexto relacional<sup>6</sup>. A família em sua trajetória mediante suas diferentes relações vai auxiliando os irmãos a tecerem o dinamismo relacional entre eles.

Para a pesquisadora, esse trabalho, além de confrontar seu ponto de vista sobre relacionamento entre irmãos a partir das narrativas dos participantes, permitiu-lhe também refletir sobre o simbolismo que sustenta esse relacionamento: o mandato parental. Ele é um recurso simbólico que os pais utilizam para manter a união e o companheirismo entre os irmãos ao longo do tempo. Funciona como uma linha mestra que vai interligando o relacionamento entre os irmãos ao longo do tempo. Esse discurso atravessa gerações, passa a fazer parte do jeito de ser da família, construindo sua identidade como grupo unido.

O mandato parental reforça o ser família como ambiente de cuidado e o estar em família como ambiente de acolhimento. Desse modo, a família como grupo socializador

<sup>6</sup> Embora não tenha sido o foco principal dessa pesquisa estabelecer correlações de idade, gênero, ordem de nascimento, tamanho da fratria e relacionamento com os pais entre os irmãos em fase adulta; reconhece-se a partir de outros trabalhos, alguns inclusive aqui mencionados, a influência exercida por esses fatores no relacionamento entre os irmãos.

oferece condições para que o outro seja acolhido e possa também ser acolhedor. No relacionamento fraterno, os irmãos adquirem aptidões para conviverem com o outro e suas diferentes nuances. Com o tempo e o amadurecimento de cada irmão, essas aptidões tendem a ser mais bem lapidadas, contribuindo para que os irmãos permaneçam unidos e solidários.

A partir do mandato parental, outras práticas simbólicas ou materiais serão derivadas a fim de manter o bom convívio entre os irmãos. Ou seja: os grupos de WhatsApp, as festas e reuniões familiares, concordância nos cuidados com a mãe. O mandato parental como regra simbólica a ser seguida pelos irmãos é o eixo organizador dos recursos citados acima e que auxiliam os irmãos a terem sempre uma boa convivência.

Ele expressa um padrão de relacionamento que constitui um pilar da estrutura do discurso cristão, presente também em outras religiosidades, sobre a alteridade que é o respeito e amor ao próximo. Esse padrão relacional deve se fazer justamente com os mais próximos, nossos irmãos e demais familiares.

Adotar o outro como medida relacional é empatizar-se com ele e distanciar-se de ações mais violentas como aquela relatada no mito bíblico de Caim e Abel. É colocar-se com os mesmos sentimentos do outro: ou seja ver, ouvir e sentir a partir dele. Deixar um pouco de lado o olhar em si e direcionar um olhar para e com o outro, para atingir o propósito de alcançar a máxima compreensão possível sobre suas emoções, sentimentos e visão de mundo.

Neste estudo, as narrativas expuseram além da fidelidade ao mandato parental, outros fatores que fortalecem o relacionamento entre os irmãos, gerando sentimento de proximidade: a casa da mãe como ambiente que agrega, a mãe como figura que agrega e os grupos de mensagens por aplicativos.

Observou-se que esses fatores validam e reforçam o discurso parental para que os irmãos sejam unidos. O cuidado com a mãe e as reuniões e festas familiares em sua casa funcionam como a retificação desse mandato e, ao mesmo tempo, seu cumprimento. A casa da mãe abriga as memórias dos irmãos com suas alegrias e tristezas por meio dos objetos que possui. Ela é a guardiã da identidade familiar e do sentimento de pertença.

A mãe é, para os irmãos depoentes, um elo que os une e os faz se comprometer com uma convivência mais harmoniosa. Ficou evidente que alguns irmãos ainda se veem por causa da mãe. Um aspecto que merece mais estudo é como os irmãos adultos se comportam após o falecimento da mãe e se o mandato parental exerce a mesma influência sobre eles, ajudando-os a permanecerem unidos. Vale investigar também se a casa da mãe após seu falecimento permanece como local de encontro da família e qual a percepção dos familiares sobre as reuniões realizadas sem a presença dela, algum filho (a) toma esse lugar de figura agregadora?

Os grupos de irmãos mediados por aplicativo de mensagem WhatsApp funcionam como um recurso material para que os irmãos possam se comunicar e permanecerem unidos. Esse recurso tecnológico diminui as distâncias geográficas entre os irmãos, auxiliando-os a permanecerem emocionalmente próximos, unidos, participantes da vida uns dos outros por meio de mensagens de texto ou áudio enviadas. De certo modo esses grupos mantêm o sentimento de pertencimento familiar, robustecendo entre os irmãos a amizade e o cuidado.

Ressalta-se que, nesta pesquisa, todos os depoentes relataram participar de grupos familiares ou só de irmãos para se comunicar principalmente com irmãos ou parentes geograficamente distantes e aqueles com quem se tem mais afinidade. Vale lembrar que há indivíduos que serão resistentes ao manuseio de novas tecnologias para se comunicar. Há recursos materiais que essas pessoas poderiam utilizar para substituí-las? Cabe investigar melhor.

Em contrapartida, as narrativas expuseram também aspectos negativos do relacionamento entre os irmãos. Eles tendem a provocar um sentimento de distanciamento emocional entre eles. Como primeiro fator negativo citamos a mãe. Ela como figura que agrega e acolhe torna-se causa de contenda e divisão entre os irmãos.

Segundo alguns depoimentos, as divergências são por causa dos cuidados que ela precisa, quer por conta de doenças ou simplesmente por serem viúvas. Fica evidente que o relacionamento entre irmãos em fase adulta mediana mantêm traços daquele estabelecido na infância com a presença de ciúme e rivalidades. Essas disputas em certo grau revelam a necessidade dos irmãos em delimitar um espaço relacional apenas entre eles e a mãe; e o desejo de se superarem para ser considerado o melhor aos olhos dela.

Outro aspecto negativo no relacionamento entre os irmãos, citado nas entrevistas, foi a ausência de comunicação entre eles. Essa falta de comunicação também inclui a diminuição ou suspensão completa de encontros, reuniões e festas na casa da mãe. Para os irmãos em fase adulta mediana, não é apenas o laço consanguíneo que os mantém unidos, mas as relações. E essas são robustecidas e ressignificadas a partir da comunicação estabelecida entre eles e com o restante da família como um todo.

As reuniões e festas em família podem evocar fatos ocorridos com a família num tempo anterior ao nascimento de cada irmão. Elas fortalecem o sentido de pertença e identidade familiar. As lembranças familiares são intensificadas, aquecidas por esses encontros familiares e pela comunicação frequente entre os irmãos. Uma comunicação eficiente entre os irmãos, pessoalmente ou em meio digital ajuda a manter sentimentos positivos que os façam sentirem-se irmanados, solidários e pertencentes a uma história familiar comum que lhes confere sentido como membro de um grupo familiar.

Quando a comunicação entre os irmãos é interrompida, por algum motivo, há em parte da história familiar que até então era compartilhada uma certa interrupção. A família conserva sua identidade através de suas narrativas. Quando seus membros diminuem a comunicação entre si, novas histórias deixam de ser contadas e outras tantas recontadas; conseqüentemente, a identidade familiar pode, aos poucos, ir se diluindo.

As narrativas revelaram também, como outro aspecto negativo que, para irmãos unidos e bem relacionados, aceitar e conviver com cunhados é uma questão delicada. Eles o consideram como um estranho que entrou na família e, de certo modo, afasta os irmãos do convívio.

Os irmãos passam pela experiência de acolher o outro desde a infância e, assim, começam a partilhar a vida em família. A própria horizontalidade da relação entre os irmãos facilita a aceitação do cunhado e cunhada que, mesmo difícil no começo, aos poucos vai cedendo lugar a sentimentos de empatia e união. O agregado não teve lembranças ou eventos partilhados com os irmãos antes de entrarem na família. Eles são o estranho que aos poucos vai tornando-se familiar.

Nesse caso, ter um bom relacionamento com cunhados, mesmo considerando-os estranhos, é possível e, ao mesmo tempo, necessário para a boa harmonia familiar. Por outro lado, quando os irmãos consideram seus cunhados pessoas estranhas, podem estar

retificando a ordem parental, mesmo tendo a percepção de que é possível conviver e ser amigo de um cunhado. Estar afinado com um mandato parental é simbolicamente carregar consigo um modo de ser e estar em família que não deve ser mudado. Pessoas estranhas sempre representam um certo perigo para as famílias porque podem abalar suas convicções.

Um dado importante revelado por este trabalho diz respeito à percepção da pesquisadora sobre relatos dos irmãos acerca do distanciamento entre eles. Mesmo diante de dificuldades relacionais, esses irmãos, em certa medida, demonstraram interesse em reatar com seus pares por meio de suas vozes embargadas nas entrevistas. Ficou subentendido haver uma expectativa e um anseio por um relacionamento mais amistoso com comunicações mais frequentes.

Observa-se que o desconforto em relatar distanciamento de um irmão também revela um descumprimento do mandato parental. Esse não cumprimento tem relativo impacto sobre a subjetividade desses irmãos. Há, mesmo que velado, um sentimento de impotência. O outro irmão distanciado pode escolher estar ou não em sintonia com os demais ou com um de modo específico.

O livre arbítrio de cada irmão os levará a acolher o mandato parental ou desprezá-lo. Por outro lado, o relacionamento entre irmãos pode ir acontecendo sob a pressão de uma ordem parental e, com o tempo, ir tomando corpo como uma amizade sincera, um bem-querer mútuo que o tempo só fará crescer.

Pode se afirmar que a complexidade do relacionamento fraterno em fase adulta média requer dos irmãos a utilização de recursos materiais e simbólicos que os ajudem a se manterem unidos e cuidadores uns dos outros. Cada família com a sua dinâmica relacional irá oferecer aos irmãos regras e valores que os levem à valorização e respeito ao outro. O mandato parental sobre a convivência harmoniosa entre os irmãos é uma dessas regras que traz em si a solidariedade e a união como valores a serem seguidos pelos irmãos ao longo do tempo.

Os resultados desta pesquisa sugerem a necessidade de novos trabalhos sobre grupos de irmãos em fase adulta. As relações fraternas, apesar de algumas características universais, podem ter algumas variações por conta do ambiente social onde a família está inserida e da configuração do grupo de irmãos. Nesse sentido, os

recursos materiais e simbólicos utilizados pelos irmãos também podem variar conforme o ambiente social da família e a configuração do grupo de irmãos.

A aceitação dos cunhados como familiar pode também sofrer variações segundo o ambiente social onde a família se encontra, o arranjo do grupo de irmãos e sua história familiar. Uma família cujos antepassados foram mais receptivos com os cunhados irá repassar essa conduta para as gerações futuras.

Temos ciência de que este estudo não esgota as possibilidades do objeto investigado. Ele pode abrir caminho para que outros trabalhos possam ser realizados, inclusive com cruzamento de dados entre ordem de nascimento dos irmãos, posição na fratria, gênero, classe social, espiritualidade e escolha profissional.

Outro aspecto que poderá ser abordado é estudar o relacionamento de irmãos em fase adulta que tenham netos, sejam separados, viúvos, solteiros ou cuidadores de pais idosos, a partir de um olhar atento sobre as regras familiares e as regras sociais do ambiente onde os irmãos foram criados e onde se encontram atualmente, principalmente os casados. Não menos importante é investigar se os irmãos que tenham filhos ou netos repassam para eles a mesma ordem parental recebida na infância.

Ou se a ressignificam de algum modo priorizando mais a escolha individual dos filhos ou netos para serem mais ou menos próximos de seus irmãos. Enfim, irmãos são para a vida inteira e a proximidade ou o distanciamento emocional entre eles pode ser intensificado por meio de recursos materiais e simbólicos.

No entanto, é o livre arbítrio de cada um que irá direcionar o aceite e a vontade para a convivência com o irmão. Mesmo que o distanciamento provoque feridas emocionais, e a proximidade cause algumas tensões, estar em sintonia com os irmãos faz bem, mas é livre escolha.

A relação fraterna provê aos irmãos uma trajetória de vida compartilhada, cujas histórias e experiências se mesclam para fortalecer ou não o comprometimento de cada irmão mutuamente. Somos seres livres que, por liberdade e vontade próprias, aderimos ou não aos apelos do outro. Mesmo que tenhamos uma vida partilhada com ele.

## REFERÊNCIAS

ABOIM, S. **Conjugalidades em mudança: percursos e dinâmica da vida a dois**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

ADAMS, Bert N. **Kinship in an urban setting**. Chicago: Markham Publishing Company, 1968.

ADLER, Alfred *et al.* **El carácter neurótico**. Buenos Aires: Paidós, 1959.

\_\_\_\_\_, A. **The Problem Child: The Lifestyle of the Difficult Child as Analyzed in Specific Cases**, New York: Capricorn, 1963.

\_\_\_\_\_, Alfred. **A ciência da natureza humana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

\_\_\_\_\_, Alfred. **The Science of Living (Psychology Revivals)**. Abingdon: Routledge, 2013.

AGLLIAS, Kylie. **No longer on speaking terms: The losses associated with family estrangement at the end of life**. *Families in society*, v. 92, n. 1, 2011. 107-113 p.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. **Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria consciência**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, n. 110, 2000. 125-142 p.

AINSWORTH, Mary S. **Attachments beyond infancy**. *American psychologist*, 1989. v. 44, n. 4, 709 p.

\_\_\_\_\_, M. D. S., & BOWLBY J. **An ethological approach to personality development**. *American Psychologist*, 1991. n 46, 331-341 p.

AIRES, Marines *et al.* **Responsabilidade filial no cuidado aos pais idosos: estudo misto**. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 32, 2019. 691-699 p.

ALBER, Erdmute; COE, Cati; THELEN, Tatjana. **The Anthropology of Sibling Relations: shared parentage, experience, and exchange**. Estados Unidos: Springer, 2013.

ALDOUS, Joan. **New views on the family life of the elderly and the near elderly**. *Journal of Marriage and the Family*, 1987. 227-234 p.

ALESINA, Alberto; GIULIANO, Paola. **The power of the family**. *Journal of Economic growth*, v. 15, n. 2, 2010. 93-125 p.

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. **Narrativas de uma ciência da inteireza. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org). Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

ALMEIDA, A. N. **Para uma sociologia da infância: jogos de olhares, pistas para a investigação**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

ALMEIDA, Thiago de; RODRIGUES, Kátia R. Beal; SILVA, Ailton Amélio da. **O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos**. *Natal: Estudos de psicologia*. v. 13, n. 1, 2008. 83-90 p.

ALMOND, Brenda. Human bonds. **Journal of applied philosophy**, v. 5, n. 1, 1988. 3-16 p.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate.** Psicologia Clínica, v. 17, n. 2, 2005. 41-52 p.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** Tradução Mauro W. Barbosa. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_, Gaston. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BADDELEY, Jenna; SINGER, Jefferson A. **A loss in the family: Silence, memory, and narrative identity after bereavement.** Memory, v. 18, n. 2, 2010. 198-207 p.

BANK, Stephen P.; KAHN, Michael D. **The sibling bonds.** New York. Basic Books, 1997.

BAKHTIN, M. **Esthétique de la creation verbale.** Trad. Do russo por Alfreda Aucouturier. Brasil: Círculo do Livro, 1984.

\_\_\_\_\_, **Marxismos e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 2006.

\_\_\_\_\_, **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARCELLOS, Gustavo. **O irmão: psicologia do arquétipo fraterno.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BARNI, Daniela *et al.* **Value transmission in the family: do adolescents accept the values their parents want to transmit?** Journal of Moral Education, v. 40, n. 1, 2011. 105-121p.

BARROSO, Margarida. **Fratrías e gênero: contributos para uma análise sociológica das relações fraternais.** In: VI congresso português de Sociologia, Lisboa, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMEISTER, Roy F.; LEARY, Mark R. **The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation.** Psychological bulletin, v. 117, n. 3, 1995. 497 p.

BASTOS, Ana Cecília. **O outro em mim: uma realidade dialógica.** In: SÁ, P.M. Sumaia; SOUZA, S.B. Cinthia; DA SILVA, V. Maria Angélica. *Irmãos o outro em mim uma autoetnografia colaborativa.* Curitiba: CRV, 2019. 21-30 p.

BEDFORD, V. H. **Sibling research in historical perspective: The discovery of a forgotten relationship.** American Behavioral Scientist, V 33, 1989. 6-18 p.

BEER, Jeremy M.; HORN, Joseph M. **The influence of rearing order on personality development within two adoption cohorts.** Journal of personality, v. 68, n. 4, 2000. 789-819, p.

BERGO, Bettina. **Emmanuel Lévinas.** 2006. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/levinas/>.

BIGLIA, Bárbara; BONET-MARTÍ, Jordi. **La construcción de narrativas como método de investigación psicossocial. Prácticas de escritura compartida.** In: Forum: Qualitative Social Research, 2009.1-25, p.  
Disponível em: <http://www.qualitativeresearch.net/index.php/fqs/article/view/1225/2666>. Acesso em: 12/2020.

BIROLI, Flávia. **Família: novos conceitos.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

BIRMAN, Joel. **Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos. Função fraterna.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 171-208, p.

BLAKE, Lucy; BLAND, Becca; IMRIE, Susan. **The Counselling Experiences of Individuals who are Estranged from a Family Member.** Interdisciplinary of Journal Applied Family Science: Family Relations, 2018.

BOFF, Leonardo. **O cuidado essencial: princípio de um novo ethos.** Inclusão social, v. 1, n. 1, 2005.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço.** Curitiba: UFPR, 2008.

BORGHETTI, Rosicler; LECH, Marilise Brockstedt; MARTINS, Paulo Cesar Ribeiro. **Casamento e família de origem: lealdade invisível.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 18, 2001. 5-11, p.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães. **Desafios atuais para a pesquisa qualitativa: Considerações no cenário da saúde coletiva brasileira.** In: Forum Sociológico. Série II. CESNOVA, 2014. 19-26, p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, J. L. **Lealdades invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1983.

BOWEN, Murray. **Family psychotherapy with schizophrenia in the hospital and in private practice**. In I. BoszormenyiNagy & J. L. Framo, Intensive family therapy: Theoretical and practical aspects. New York: Harper & Row, p. 213-243, 1965.

\_\_\_\_\_, ANDOLFI, Maurizio; DE NICHILLO, Marcella. **De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. Barcelona: Paidós, 1991.

BOWLBY, John. **The role of attachment in personality development and psychopathology**. 1989.

\_\_\_\_\_, John. **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_, John. **The making and breaking of affectional bonds**. Abingdon: Routledge, 2012.

BRADLEY, Richard W.; MIMS, Grace Ann. **Using family systems and birth order dynamics as the basis for a college career decision-making course**. Journal of Counseling and Development, v. 70, n. 3, 1992. 445, p.

BRANCO, Angela Uchoa. **Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais**. Pro-posições, v. 17, n. 2, p. 139-155, 2006.

BRITTO, Nise. **Rivalidade fraterna: o ódio e o ciúme entre irmãos**. Editora Ágora, 2002.

BRODY, Gene H. **Sibling relationship quality: Its causes and consequences**. Annual review of psychology, v. 49, n. 1, 1998. 1-24, p.

\_\_\_\_\_. et al. **Longitudinal direct and indirect pathways linking older sibling competence to the development of younger sibling competence**. Developmental psychology, v. 39, n. 3, 2003. 618, p.

BRODY, Elaine M. **Women in the middle: Their parent-care years**. Springer Publishing Company, 2003.

BRUBAKER T. H. **Families in later life: A burgeoning research area**. Journal of Marriage and the Family, 52, 1990. 959-981, p.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. **Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. A transmissão geracional em diferentes contextos**. Da pesquisa à intervenção, 2008. 76-96, p.

BUCHER, Júlia Sursis Nobre Ferro. **Mitos Segredos e Ritos na Família**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 1, n. 2, 2012. 110-117, p.

BYINGTON, Carlos Amadeu. **A Família como Sistema Estruturante do Self**. Um estudo da psicologia Simbólica Junghiana. *In: Seminários de Formação de Analistas da SBPA*, março de 2011.

CAILLÉ, Philippe. Fratries sans fraternité. **Cahiers critiques de thérapie familiale et de pratiques de réseaux**, n. 1, 2004. 11-22, p.

CAMARANO, Ana Amélia. **Novo Regime Demográfico uma nova relação entre população e desenvolvimento**. *In: Novo regime demográfico uma nova relação entre população e desenvolvimento*. 2014. 654-654, p.

CAMPOS, Claudinei José Gomes et al. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. *Revista brasileira de enfermagem*, 2004.

CANAVARRO, M. Cristina; DIAS, Pedro; LIMA, Vânia. A avaliação da vinculação do adulto: **Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa**. *Psicologia*, v. 20, n. 1, 2006. 156-186, p.

CONGER, Katherine Jewsbury; LITTLE, Wendy M. **Sibling relationships during the transition to adulthood**. *Child development perspectives*, v. 4, n. 2, 2010. 87-94, p.

CONTI, Richard P. **Family estrangement: Establishing a prevalence rate**. *Journal of Psychology and Behavioral Science*, v. 3, n. 2, 2015. 28-35, p.

CASTANHO, Gisela. **Violência entre irmãos: abuso físico, moral e sexual**. Paper apresentado no 17.º Congresso Brasileiro de Psicodrama. São Paulo, 2010.

CARSTEN, Janet. **A matéria do Parentesco**. *Rau-revista de Antropologia da UFSCAR*, v. 6, n. 2, 2014. 147-159, p.

CARTER, Betty et al. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 1995.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo**. *Desconstruindo a patologia*. São Paulo: Editorial Psy II, 1994.

CLARK, Margaret & ANDERSON, Barbara Gallatin. **Culture and aging: An anthropological study of older Americans**. CC Thomas, 1967.

CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Em busca da natureza do vínculo – Uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais**. *In: PETRINI, João Carlos & CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.

CARVALHO, Ana et al. **Bonds and social networks in family and institutional contexts: A conceptual reflection**. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 3, p. 589-598, 2006.

CARVALHO, A. Maria Ana; BUSSAB, R. S. Vera; RABINOVICH, P. Elaine. **Família e cuidado parental no ser humano um olhar biopsicossocial**. *In: DE ALCÂNTARA R. A. Miriã; RABINOVICH P. Elaine; PETRINI, Giancarlo (org.). Família Natureza e Cultura*. Salvador: EUFBA, 2013. 77-125, p.

CASTRO, Gilliano José Mazzetto de; COSTA, Marcio Luis. **A Invenção do Sujeito**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 2, 2018. 391-402, p.

CHAUDHARY, Nandita. **Peripheral lives, central meaning: Women and their place in Indian society**. *Cultural dynamics of women's lives*, 2009. 7-30, p.

CHODOROW, Nancy. **The reproduction of mothering**. Beverly, The University of California Press, 1978.

CICIRELLI, Victor G. **Social services for elderly in relation to the kin network**. Department of Psychological Sciences, Purdue University, 1979.

\_\_\_\_\_, Victor G. **Sibling relationships in adulthood: A life span perspective**. 1980.

\_\_\_\_\_, Victor G. **Helping elderly parents**. Auburn House, 1981.

\_\_\_\_\_, Victor G. **Adult children's attachment and helping behavior to elderly parentes: A path model**. *Journal of Marriage and the Family*, n 45, 1983. 815-822, p.

\_\_\_\_\_, Victor G. **The role of siblings as family caregivers**. In W. J. Sauer & R. T. Coward (Eds.), *Social support networks and the care of the elderly*. New York: Springer, 1985. 93-107, p.

\_\_\_\_\_, V. G. **Sibling relationships in middle and old age**. In G. H. Brody (Ed.), *Sibling relationships: Their causes and consequence*. Norwood: Ablex, 1996.47-73, p.

\_\_\_\_\_, V. G. **Sibling relationships in adulthood**. *Marriage and Family Review*, v 16, 1991 a. 291-310, p.

\_\_\_\_\_, Victor. **Sibling relationships across the life span**. Springer Science & Business Media, 2013.

CONNIDIS, Ingrid Arnet. **Siblings as friends in later life**. *American Behavioral Scientist*, v. 33, n. 1, 1989. 81-93, p.

\_\_\_\_\_, Ingrid Arnet. **Life transitions and the adult sibling tie: A qualitative study**. *Journal of Marriage and the Family*, 1992 p. 972-982, p.

CORREA, Olga B. Ruiz. **Colóquio em homenagem a Nicolás Abraham e Maria Torok**. In: *Os avatares da transmissão psíquica geracional* São Paulo: Escuta, 2000. 9-16, p.

CORREIA, Mônica FB. **A constituição social da mente:(re) descobrindo Jerome Bruner e construção de significados**. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 8, n. 3, 2003. 505-513 p.

COVA, Anne; RAMOS, Natália; JOAQUIM, Teresa (Ed.). **Desafios da comparação: família, mulheres e género em Portugal e no Brasil**. Capítulo II A família nos cuidados à criança e na socialização precoce em Portugal e no Brasil. São Paulo: Celta, 2004. 149-185 p.

CUNHA. **O lugar dos filhos: Ideais, práticas e significados**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007. 201 – 392 p.

- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara KOOGAN, 1991.
- DATTILIO, Frank M.; NICHOLS, Michael P. **Reuniting estranged family members: A cognitive-behavioral-systemic perspective**. *The American Journal of Family Therapy*, v. 39, n. 2, 2011. 88-99 p.
- DE ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes et al. **Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice**. *Mneme-revista de humanidades*, v. 6, n. 13, 2005.
- DE MENEZES, Xavier E. José. **Usos Foucaultianos da categoria Família**. In: *Família em Mudança*. JACQUETE, Christine & COSTA, F. Livia (Org.) Ed. Companhia Ilimitada, 2004. 291-310 p.
- DE MOURA, Jonata Ferreira; NACARATO, Adair Mendes. **A ENTREVISTA NARRATIVA: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 24, n. 1, 2017. 15-30 p.
- DE OLIVEIRA MAGALHÃES, Mauro. **Relação entre ordem de nascimento e estilos interpessoais**. *Interação em Psicologia*, v. 13, n. 1, 2009.
- DE OLIVEIRA, Marília de Fátima Vieira; CARRARO, Telma Elisa. **Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64, n. 2, 2011. 376-380 p.
- DE PINA CABRAL, João. **O homem na família: cinco ensaios de antropologia**. 2003.
- DE SÁ, R. Felipe José. **O Arquétipo Fraternal: Considerações de Gustavo Barcellos sobre a psicologia da fratria**. In: SÁ, P. M. Sumaia, et al. (org.). *Irmãos o outro em mim uma autoetnografia colaborativa*. Coleção (auto)etnografia e poética vol. I. Curitiba: CRV, 2019. 53-56 p.
- DEW, A., LLEWELLYN, G., & BALANDIN, S. Post-parental care: **A new generation of sibling-carers**. *Journal of Intellectual and Developmental Disability*, v 29, 2004. 176-179 p.
- DIAS, C. M. S. B.; FONSECA, CMSMS. **Gêmeos: O que dizem os pais, irmãos e eles próprios**. Curitiba: CRV, 2013.
- DIAS, Maria Olívia. **A comunicação como processo de interação e de integração no sistema familiar—os valores**. *Gestão e Desenvolvimento*, n. 23, 2015. 85-105, p.
- DONATI, P. **Família no século XXI: abordagem relacional**. Tradução: Geancarlo Petrini. 2ª ed. São Paulo: Paulinas. (Original publicado em 2006), 2011.
- \_\_\_\_\_, P. **The dream of transcending the human through the digital matrix: A relational critique**, 2019. <https://www.researchgate.net/publication/336099019> The dream of transcending the human through the digital matrix A relational critique.
- DOWNING, C. **Irmãs e irmãos**. In: **Espelhos do self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida**. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUARTE, L. F. D. **Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família**. In: RIBEIRO, I. (Org.). *Família e sociedade brasileira: desafios nos processos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Fundação João XXIII, 1994. 23-41, p.

DUARTE, Cidália. **Percepções de conflito e violência conjugal**. Orientadora: Maria Emília Costa. 2005. 465 f. Tese (Doutorado em Psicologia e Ciência da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2005.

DUNN, Judy. **Sibling relationships in early childhood**. *Child development*, 1983. 787-811, p.

\_\_\_\_\_, J. Commentary: **Sibling in their families**. *Journal of Family Psychology*. V 19 n 4, 2005. 654-657 p.

EDWARD, Joyce. **The sibling relationship: A force for growth and conflict**. Jason Aronson, 2012.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. **Mito e realidade**. 5ª ed. São Paulo:Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_, Shelley; GERSTEL, Naomi. **A labor of love or labor itself: Care work among adult brothers and sisters**. *Journal of Family Issues*, v. 23, n. 7, 2002. 836-856 p.

ERIKSEN, Shelley; JENSEN, Vickie. **A push or a punch: Distinguishing the severity of sibling violence**. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 24, n. 1, 2009. 183-208 p.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 11, n. 2, 1998. 379-394 p.

FERRY, L. **Famílias: amo-vos**. Lisboa: Editora Temas e Debates, 2008.

FERNANDES, Otília Maria Monteiro. **Fratria e personalidade: semelhanças e diferenças entre os irmãos**. Orientadora: Madalena Alarcão. 2000. 353 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Universidade de Trás -dos- montes e Alto Douro, Portugal, 2000.

\_\_\_\_\_, O. Maria. **Semelhanças e diferenças entre irmãos**. Lisboa: CLIMEPSI, 2002.

\_\_\_\_\_, Otília Maria Monteiro; ALARCÃO, Madalena; RAPOSO, José Vasconcelos. **Posição na fratria e personalidade**. *Estudos de Psicologia*, v. 24, n. 3, 2007. 297-304 p.

FINGERMANN, D.; KHEL, M. R. **O sujeito, o inconsciente e o tempo: entrevista com Colette Soler**. *A Peste*, v. 1, n. 1, p. 185-194, 2009.

FINGERMAN, Karen L.; HAY, Elizabeth L. **Searching under the streetlight? Age biases in the personal and family relationships literature.** *Personal Relationships*, v. 9, n. 4, 2002. 415-433, p.

FOLWELL, A.L.; CHUNG, L.C.; NUSSBAUM, J.F.; BETHEA, L.S., & GRANT, J. **Differential accounts of closeness in older adult sibling relationships.** *Journal of social and Personal Relationships*, 14, 1997. 843-849 p.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.** Porto Alegre, Editora da UFRGS. 2004.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. **Memórias Familiares em festa: Estudo antropológico dos processos de reconstrução das redes de parentesco e trajetórias familiares.** Orientadora: Cornélia Eckert. 2009. 348 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. **Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos.** *Ciência da Informação*, v. 33, n. 3, 2004.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo.** *In: Análise de conteúdo.* 2008.

FREIRE, Jonis. **Família, parentesco espiritual e estabilidade familiar entre cativos pertencentes a grandes posses de Minas Gerais século XIX.** *Afro-Ásia*, n. 46, 2012. 9-59 p.

FREITAS, Wesley RS; JABBOUR, Charbel JC. **Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões.** *Revista Estudo & Debate*, v. 18, n. 2, 2011.

FREUD, S. **Totem e tabu.** *In: S. Freud.* Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Vol.13, 1972.11-191p. Originalmente publicado em 1913.

\_\_\_\_\_, S. **Três ensaios sobre a teoria sexual.** *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* 1969.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Círculo do Livros, 1986.

FURMAN, Wyndol; RAHE, Donald F.; HARTUP, Willard W. **Rehabilitation of socially withdrawn preschool children through mixed-age and same-age socialization.** *Child Development*, 1979. 915-922, p.

GALVIN, K. M. **Blood, law, and discourse: Constructing and managing family identity.** *Remaking Family communicatively*, 2014. 17-32 p.

GARAVAZO, Juliana. **RELAÇÕES FAMILIARES E estabilidade DA FAMÍLIA ESCRAVA: Batatais (1850-88).** *Anais*, 2016. 1-22 p.

GARCIA, A. **Friendship in childhood and adolescence: a study in Brazil.** *Personal relationships: international studies*, p. 128-141, 2006.

GAULEJAC, Vincent. **Histórias de Vida e escolhas teóricas**. Les Cahiers du Laboratoire de Changement Social, v. 1, 1996. 32-45 p.

GERALDES, Raquel; SOARES, Isabel; MARTINS, Carla. **Vinculação no contexto familiar: relações entre cônjuges, entre pais e filhos adolescentes e entre irmãos**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 26, n. 4, 2013.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Unesp, 1993.

GIES, Frances; GIES, Joseph. **Marriage and the Family in the Middle Ages**. New York: Harper & Row, 1987.

GLAT, Rosana. **O papel da família na integração do portador de deficiência**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 2, n. 4, 1996. 111-118 p.

GOETTING, Ann. **Journal of Marriage and the Family**, 1986. 703-714, p.

GOI, Silvia Bassani Schuch. **O complexo fraterno: reflexões acerca do ciúme e da inveja entre irmãos**. Rev. Bras. Psicoterapia *online*, v. 16, n. 2, 2014. 49-61 p.

GOLDSMID, Rebeca; CARNEIRO, Terezinha Feres. **A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão**. Psicologia em Revista, v. 13, n. 2, 2007. 293 p.

GOLDANI, Ana Maria et al. **As Famílias No Brasil Contemporâneo E O Mito Da Desestruturação**. Cadernos Pagu, 2005.

GOW, Peter. **O parentesco como consciência humana: o caso dos Piro**. Mana, v. 3, 1997. 39-65 p.

GREIF, Geoffrey L.; WOOLLEY, Michael E. **Adult sibling relationships**. Columbia: Columbia University Press, 2015

GROISMAN, Moisés. **Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

GUERRA, Francismara Fernandes; WAJNMAN, Simone; TURRA, Cássio M. **Availability of siblings in Brazil: a methodological study on kinship relationships**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 33, n. 1, 2016. 9-29, p.

GUSDORF, eorges. **Mito e metafísica**. In: Mito e metafísica. São Paulo: Convívio, 1979. 287-287 p.

HADFIELD, James Arthur. **Childhood and adolescence**. Harmondsworth: Pelican, 1962.

HASDAY, Jill Elaine. **Siblings in law**. Vand. L. Rev., v. 65, 2012. 897 p.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HEALEY, Matthew D.; ELLIS, Bruce J. **Birth order, conscientiousness, and openness to experience: Tests of the family-niche model of personality using a within-family methodology.** *Evolution and Human Behavior*, v. 28, n. 1, 2007. 55-59, p.

HEILBORN, M.L. **Articulando gênero, sexo e sexualidade: diferenças na saúde.** In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R.M.G.; MARA, H.A.G. (Orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde.* Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. 197-208 p.

HERMANS, H. J. M., KEMPEM, H.J.G. & VAN LOON, R. J. P. **The dialogical self: beyond individualism and rationalism.** American Psychological Association, 1992.

HERRICK, Paige. **Turning points of closeness in the sibling relationship.** Orientador: Mark T. Morman. 40 f. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia do desenvolvimento) – Baylor University. Waco, Texas, Estados Unidos, 2008.

\_\_\_\_\_, HERMANS-KONOPKA, A. **Dialogical self theory: positioning and counter-Positioning in a globalizing society.** Cambridge: University Press, 2010.

HINNEN, Chris; SANDERMAN, Robbert; SPRANGERS, Mirjam AG. **Adult attachment as mediator between recollections of childhood and satisfaction with life.** *Clinical Psychology & Psychotherapy: An International Journal of Theory & Practice*, v. 16, n. 1, 2009. 10-21 p.

HODKIN et al. Concepts of family memberships. *In: CUSINATO, M. (Org.), Research on family resources and needs across the world.* Milão: LED Edizioni Universitarie, 1996.45-54 p.

IMBER-BLACK, Evan; ROBERTS, Janine; WHITING, Richard Alva (Ed.). **Rituals in families & family therapy.** Nova York: Norton & Company, 2003.

JAMES, W. **The principles of psychology.** *In* F. Burkhardt; F. Bowers; & I. K. Skrupskelis (Eds.), *The works of William James.* Cambridge: Harvard University, 1981. (Trabalho original publicado em 1890)

JENKINS, Richard. **The 21st-century interaction order.** *In: The contemporary Goffman.* Abingdon: Routledge, 2010. 271-288 p.

JENSEN, Alexander C.; WHITEMAN, Shawn D.; FINGERMAN, Karen L. **“Can’t live with or without them:” Transitions and young adults’ perceptions of sibling relationships.** *Journal of Family Psychology*, v. 32, n. 3, 2018. 385, p.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. **Entrevista narrativa.** *In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático.* Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011. 90-113 p.

JÚNIOR, Sebastião Elyseu. **Complexo fraternal: a fonte do ciúme e da inveja.** *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, v. 5, n. 2, 2003.

JUNIOR, João Paulo Roberti. SAHLINS, Marshall. **What Kinship is (parts one and two).** *Ilha Revista de Antropologia*, v. 18, n. 2, 2016. 209-219 p.

KAËS, René. **Espacos Psíquicos Comuns E Partilhados.** Casa do Psicólogo, 2005.

KAMAKURA, Wagner Antonio; MAZZON, José Afonso. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. Blucher, 2013.

KANG, H. **The nature of adult sibling relationship—literature review**. Children and Family Research Center, School of social work, University of Illinois, Urbana, Illinois, 2002.

KEHL, Maria Rita. **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, v. 200, 2000.

\_\_\_\_\_, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. Ed 2 v 1 São Paulo: Boitempo, 2009.

KIANG, Lisa; FURMAN, Wyndol. **Representations of attachment to parents in adolescent sibling pairs: Concordant or discordant?** Attachment in Adolescence: Reflections and New Angles: New Directions for Child and Adolescent Development, Number 117, v. 87, 2007. 73 p.

KILLOREN, Sarah E.; ALFARO, Edna C.; KLINE, Gabrielle. **Mexican American emerging adults' relationships with siblings and dimensions of familism values**. Personal Relationships, v. 23, n. 2, 2016. 234-248 p.

KIM, S. Sibling relationships, birth status, and personality: **A qualitative study of Asian American and European American college students**. Advisor: Donna K. Nagata. 2012. 68 f. Thesis (Bachelor of Science With Honors in Psychology). University of Michigan, Michigan, 2012.

KNAFO, Ariel; SCHWARTZ, Shalom H. **Value socialization in families of Israeli-born and Soviet-born adolescents in Israel**. Journal of Cross-Cultural Psychology, v. 32, n. 2, 2001. 213-228 p.

\_\_\_\_\_. A. M. **As Famílias de Vidro: Discursos Inacabados**. Revista da Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar. Mosaico, v. 46, 2010. 20-25 p.

KOSONEN, Marjut. **Siblings as providers of support and care during middle childhood: Children's perceptions**. Children & Society, v. 10, n. 4, 1996. 267-279, p.

KOPYTOFF, Igor. **Slavery in Africa: Historical and Anthropological Perspectives**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1977. 3-81p.

KRAMER, Laurie; NOORMAN, Sonia; BROCKMAN, Renee. **Representations of sibling relationships in young children's literature**. Early childhood research quarterly, v. 14, n. 4, 1999. 555-574 p.

\_\_\_\_\_; BANK, Lew. **Sibling relationship contributions to individual and family well-being: introduction to the special issue**. Journal of Family Psychology, v. 19, n. 4, 2005. 483 p.

KLUGER, Jeffrey. **The sibling effect: What the bonds among brothers and sisters reveal about us**. Penguin, 2012.

KUBA, Sue A. **The role of sisters in women's development**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

LACAN, J. **A família**. Tradução: Brigitte C. e Cunha; Ana Paula dos Santos; Graça Lamas Graça Lapa. Lisboa: Sociedade Editorial e Distribuidora Ltda, 1987.

LARROSA, J. B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução: J. W. Geraldi. Revista Brasileira de Educação, v 19, 2002. 20-28.

LECLERCQ, Jacques. **A família**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**, 2012.

LÉVINAS, Emmanuel. **Difficult Freedom: Essays on Judaism**. Translated by Sean Hand. Baltimore. Maryland: Athlone Press, 1990.

\_\_\_\_\_, Emmanuel; PIVATTO, Pergentino Stefano. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_, Emmanuel. **Totalidade. Infinito: ensaio sobre a exterioridade**. Tradução: José Pinto Ribeiro. 3ª. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_, Emmanuel. **O humanismo do outro homem**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_, Emmanuel. **Ética e infinito**. Madri: Antonio Machado Libros, 2015.

LIMA, Maria Juliana Viera; FREIRE, José Célio. O lugar do outro nas relações amorosas contemporâneas: uma literatura ética levinasiana. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 2, 2017. 85-99 p.

LIOTTA, Marco; MENTO, Carmela; SETTINERI, Salvatore. **The fraternal complex between psychoanalysis and myth** A literary example: Strange Shores. Mediterranean Journal of Clinical Psychology, v. 2, n. 2, 2014.

LISBOA, Aline Vilhena; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. **Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira**. Psicologia em Estudo, v. 12, n. 1, 2007. 51-59 p.

LITO, Ana Maria Franco Marques. **Família (s), fratria (s) e droga (s): a perspectiva do próprio e do seu irmão (ã): estudo comparativo de trajetórias de vida**. Orientador Luís Miguel Neto. 2012. 408 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

LINARES, L. Oriana. **An understudied form of intra-family violence: Sibling-to-sibling aggression among foster children**. Aggression and violent behavior, v. 11, n. 1, 2006. 95-109 p.

MACHADO, Raíssa Ducatti Lino. **Relacionamento fraterno feminino e vida profissional: um estudo de caso**. Orientadora: Rosane Matilla de Souza. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MACHADO, Ida Lucia. **A narrativa de vida como materialidade discursiva**. Revista da ABRALIN, v. 14, n. 2, 2015.

MACKINNON, Carol E. **An observational investigation of sibling interactions in married and divorced families**. *Developmental Psychology*, v. 25, n. 1, 1989. 36, p.

MCHALE, Susan M.; UPDEGRAFF, Kimberly A.; WHITEMAN, Shawn D. **Sibling relationships and influences in childhood and adolescence**. *Journal of Marriage and Family*, v. 74, n. 5, 2012. 913-930 p.

MADUREIRA, A. F. A., & BRANCO, A. M. C. U. A. **Construindo com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano**. Em: M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior (Orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano – tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005. 90-109 p.

MANFROI, Edi Cristina; MACARINI, Samira Mafioletti; VIEIRA, Mauro Luis. **Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil**. *Journal of Human Growth and Development*, v. 21, n. 1, 2011. 59-69, p.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **A comunicação como ética da alteridade: pensando o conceito com Lévinas**<sup>1</sup>. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 42, 2019. 21-40 p.

MARTINS, Elizabeth Medeiros de Almeida; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. **Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso**. *Psicologia USP*, v. 19, 2008. 181-197 p.

MÄRTSIN, Mariann. **Time in and for development: Mind on the move between multiple and interdependent temporal experiences**. *Integrating experiences: Body and mind moving between contexts*. Niels Bohr Professorship Lecture in Cultural Psychology, v. 2, 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy, 1995.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1888?show=full>. Acessado em 02/2020.

MCGOLDRICK, Monica; GERSON, Randy; PETRY, Sueli. **Genogramas-: Avaliação e Intervenção Familiar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

\_\_\_\_\_, Monica & WATSON, M. **Siblings and the life cycle**. In: MCGOLDRICK, M. & CARTER, B. *The expanded family life cycle: individual, family, and social perspectives*. 4.ed. Boston: Pearson Education, 2011. 149–162 p.

\_\_\_\_\_, M.; GERSON, Randy; PETRY, Sueli. **Genogramas: Avaliação e Intervenção Familiar**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MEAD, George Herbert. **Mind, self and society**. University of Chicago Press.: Chicago, 1934.

MENDELSON, Morton J. **Becoming a brother: A child learns about life, family, and self**. In: *Parts of the study were presented at the International Conference on Infant*

Studies, Washington, DC; at the Quebec Developmental Psychologists Consortium, Montreal, Quebec, Canada; and at the International Conference on Infant Studies, Montreal, Quebec, Canada. The MIT Press, 1990.

MERIZIO, Lorena Queiroz; ROSSETTI, Claudia Broetto. **Brincadeira e amizade: um estudo com alemães, brasileiros e libaneses**. *Psicologia Argumento*, v. 26, n. 55, 2008. 329-339 p.

MEYNCKENS-FOUREZ, Muriel. A fratria, o ponto de vista eco-sistêmico. **Os recursos da fratria**, 2000. 19-53, p.

MICHAEL, D. K. **Intense sibling loyalties**. In M. E. Lamb & S. Brian (Eds.) *In: Sibling relationships: Their nature and significance across the lifespan*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1982. 252-266 p.

MIKKELSON, Alan C. **Differential solicitude of social support in different types of adult sibling relationships**. Arizona State University, 2006.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. **The digital and the human: A prospectus for digital anthropology**. In: *Digital anthropology*. Routledge, 2020. 3-35 p.

MILEVSKY, Avidan *et al.* **Familial and contextual variables and the nature of sibling relationships in emerging adulthood**. *Marriage & Family Review*, v. 37, n. 4, 2005. 123-141 p.

\_\_\_\_\_, Avidan; HEERWAGEN, Megan. **A phenomenological examination of sibling relationships in emerging adulthood**. *Marriage & Family Review*, v. 49, n. 3, 2013. 251-263 p.

\_\_\_\_\_, Avidan. **Sibling dynamics in adulthood: a qualitative analysis**. *Marriage & Family Review*, v. 56, n. 2, 2020. 91-108 p.

MIN, Joohong; SILVERSTEIN, Merril; LENDON, Jessica P. **Intergenerational transmission of values over the family life course**. *Advances in Life Course Research*, v. 17, n. 3, 2012. 112-120 p.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?** *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 1993. 239-248 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & saúde coletiva*, v. 17, 2012. 621-626 p.

\_\_\_\_\_; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petropolis, RJ: Ed. Vozes, 2015.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes médicas, 1982.

MINUCHIN, Patricia. **Families and individual development: Provocations from the field of family therapy**. *Child development*, 1985. 289-302 p.

MOLON, K. S., SMEHA, L. N. **Grupo com irmãos de pessoas com necessidades especiais**. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, n. 28, 2006. 297-306 p.

MORIN, Edgar; LISBOA, Eliane. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOSMANN, C. P., ZORDAN, E. P.; WAGNER, A. **A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar**. In: WAGNER, A. (org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. 58-71, p.

MOTTA, Alda Britto da. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, 2010. 225-250 p.

MUNIZ, Aline Amaral Mussumeci; CARNEIRO, Terezinha Féres. **Função fraterna: reflexões a partir do filme Príncipe das Marés**. *Psicologia em revista*, v. 18, n. 1 2012. 41-56 p.

MEYNCKENS-FOUREZ, Muriel. **A fratria, o ponto de vista eco-sistêmico**. Os recursos da fratria, 2000. 19-53 p.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. **Olhares de crianças baianas sobre família**. *Ribeirão Preto: Paidéia* v. 19, 2009. 77-85 p.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 2, 2014. 184-189 p.

MYERS, Scott A. " **I Have to Love Her, Even if Sometimes I May Not Like Her**": **The Reasons Why Adults Maintain their Sibling Relationships**. *North American Journal of Psychology*, v. 13, n. 1, 2011.

\_\_\_\_\_, Scott A.; ODENWELLER, Kelly G. **The use of relational maintenance behaviors and relational characteristics among sibling types**. *Communication Studies*, v. 66, n. 2, 2015. 238-255 p.

NEVES, Sofia. **Investigação Feminista Qualitativa e Histórias de Vida: A libertação das vozes pelas narrativas biográficas**. Lima Cruz, Angélica (ed.), Nunes, Rosa (ed.), 2012.

NISBET, Robert A. **The sociological tradition**. Abingdon: Routledge, 2017.

NORRIS-SHORTLE, Carole *et al.* **Sibling therapy with children under three**. *Child and Adolescent Social Work Journal*, v. 12, n. 4, 1995. 251-261, p.

NUCCI, Larry; SAXE, Geoffrey B.; TURIEL, Elliot. **The central role of culture in cognitive evolution: A reflection on the myth of the "isolated mind"**. In: *Culture, thought, and development*. Psychology Press, 2000. 29-44 p.

NUNES, C. C.; SILVA, N. C. B.; AIELLO, A. L. R. **As contribuições do papel do pai e do irmão do indivíduo com necessidades especiais na visão sistêmica da família**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 37-44, Mar. 2008.

OLIVEIRA, A. L. de. **Irmãos, meio-irmãos, coirmãos: a dinâmica das relações fraternas no recasamento**. Orientadora: Ceneide Maria de Oliveira Cervený. 2005. 333 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_, A. L. **Família e irmãos**. In: Cervený C. M. O. (Org.), *Família e narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

OLIVEIRA, Dijaci David de **Desaparecidos civis: conflitos familiares, institucionais e segurança pública**. *Sociedade e Estado online*. 2007, v. 22, n. 3, 2021. 783-784 p. Acessado em dezembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000300013>.

OLIVEIRA, Débora Silva de; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. **Implicações emocionais da chegada de um irmão para o primogênito: uma revisão da literatura**. *Psicologia em estudo*, v. 15, n. 1, 2010. 97-106 p.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. Cultura Acadêmica, 2009.

OSÓRIO, L. C. **O que é família afinal?** In: OSÓRIO, L. C. *Casais e famílias: Uma visão contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OZELLA, Sergio; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. **Desmistificando a concepção de adolescência**. *Cadernos de pesquisa*, v. 38, n. 133, 2008. 97-125 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **A pesquisa narrativa: uma introdução**. *Revista brasileira de linguística aplicada*, v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS Regina Benevides de. **Por uma política da narratividade**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 150-171 p.

PEREIRA, M. C.; LIRA, P. P. B.; PEDROSA, M. I. **Observando brincadeiras e conversando com crianças sobre família**. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. (Orgs.) *Família e parentalidade*. Curitiba: Ed. Juruá 2011. 41-62 p.

PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. **Rivalidade fraterna: uma proposta de definição conceitual**. *Estudos de psicologia (Natal)*. Vol. 18, n. 2, 2013. 277-283 p.

PESSOA, Camila Turati; COSTA, Lúcia Helena Ferreira Mendonça. **Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 3, 2014. 501-509 p.

PETRINI, João Carlos. **Notas para uma antropologia da família**. *Pós-Modernidade e Família: um itinerário de compreensão*. Bauru: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_, Giancarlo. **Significado social da família**. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v. 16, n. 18 e 19, 2009. 111-121 p.

\_\_\_\_\_, G. **Poética da família.** In: RABINOVICH, E. P.; BASTOS, A. C. S (organizadoras). Poética da família e da comunidade, São Paulo: Annablume, 2012. 15-25, p.

\_\_\_\_\_, Giancarlo; ALCÂNTARA, M.A.R.D. **Vida familiar: A busca da satisfação em meio a ambiguidades.** In: BASTOS, de Sousa Ana Cecília *et. al* (Orgs.) Família no Brasil Recurso para a pessoa e Sociedade. Curitiba: Juruá, 2015. 213-242 p.

PERRET-CLERMONT, A.N.& ZITTOUN, T. **Esquisse d'une psychologie de la transition.** Revue Suisse por La Formation Continuée, Nechatel, n. 1, 2001. 12-21 p. Disponível em: [http://74.125.155.132/scholar?q=cache:Kzawv6KYHWgJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://74.125.155.132/scholar?q=cache:Kzawv6KYHWgJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5). Acesso em: abril/2020.

PIERRON, J-P. Le climat familial. **Une poétique de la famille.** Paris: Eds du Cerf. Tradução: Elaine Pedreira Rabinovich, 2009.

PORTUGAL, Sílvia. **A alquimia do parentesco: para uma discussão da relação entre dádiva e família.** Realis: Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pos Coloniais, v. 3, n. 1, 2013. 153-174, p.

RABELO, Dóris Firmino; NERI, Anita Liberalesso. **A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos.** Pensando famílias, v. 18, n. 1, 2014. 138-153, p.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. **O Carmo: aspectos psico-sócio-históricos do desenvolvimento de crianças brasileiras afrodescendentes.** Rev. bras. crescimento desenvolv. V 1, 2003. 79-93 p.

\_\_\_\_\_, Elaine Pedreira *et al.* **Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 12, n. 1, 2012. 260-273 p.

\_\_\_\_\_, E.P. *et al.* **Álbum de família: relatos de um passado compartilhado.** In: RABINOVICH, E. P.; BASTOS, A. C. S.(orgs.). Poética da família e da comunidade, São Paulo: Annablume, 2012. 69-81 p.

\_\_\_\_\_, Elaine Pedreira. **Sobre o cuidar e sua rede.** Diálogos Possíveis, v. 11, n. 2, 2014.

RAMOS, Natália. **A família nos cuidados à criança e na socialização precoce em Portugal e no Brasil: Uma abordagem intercultural comparativa.** Desafios da comparação: família, mulheres e gênero em Portugal e no Brasil, 2004. 149-190 p.

REIS, Wanderlene; SÁ, P.M. Sumaia; SOUZA, M. C. Mariza. **Distanciamento familiar: uma abordagem analítica.** In: RABINOVICH, P. Elaine; BASTOS, S. de C. Ana; CARDOSO, N. M. Lorena. Raízes da Família Extensa no Brasil: (re)conexões colaborativas, Curitiba: CRV, 2020. 197-215 p.

RELVA, Inês Carvalho; FERNANDES, Otilia Monteiro; ALARCÃO, Madalena. **Violência entre irmãos: Uma realidade desconhecida.** Interamerican Journal of Psychology, v. 46, n. 3, 2012. 375-383 p.

RELVAS, Ana Paula. **O ciclo vital da família**. Revista Portuguesa de Filosofia, v. 53, n. 1, 1997.

RAPP, R. **Family and class in contemporary America: notes toward an understanding of ideology**. In: THORN, B; YALOM, M. (Org.). Rethinking the family: some feminist questions. Boston: Northeastern University, 1992. 49-70 p.

ROBINSON, L. A. **Disclosure after a sibling's death from AIDS**. Family and Community Health, n 25, 2002. 22-31 p.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional; Brasília: Editora da Universidade de Brasília. (Brasiliana, 9; Coleção temas brasileiros, 40), 1982.

ROKEACH, M. **The nature of human values**. New York: Free Press, 1973.

ROSS, H. G., & MILGRAM. **Important variable in adult sibling relationships: A qualitative study**. In M. E. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.), **Sibling relationships: Their nature and significance across the lifespan**, J. I. Hillside, NJ: Erlbaum, 1982. 225-349 p.

ROSSATO, Luciano Alves; LÉPORE, Paulo Eduardo; CUNHA, Rogério Sanches. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Comentado artigo por, 2014

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROSENBERG, George S.; ANSPACH, Donald F. **Sibling solidarity in the working class**. Journal of Marriage and the Family, 1973. 108-113 p.

RUSTIN, Margaret. **Taking account of siblings—a view from child psychotherapy**. Journal of Child Psychotherapy, v. 33, n. 1, 2007. 21-35 p.

RYBCZYNSKI, Witold; VON STAA, Betina. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SÁ, Sumaia Midlej Pimentel et al. **A presença da pessoa com deficiência na família: com a palavra, o irmão**. Orientadora: Elaine Pedreira Rabinovich. 2015. 187 f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, Bahia, 2015.

\_\_\_\_\_, M. et al. (org.). **Irmãos o outro em mim uma autoetnografia colaborativa**. Coleção (auto)etnografia e poética vol. I. Curitiba: Ed. CRV, 2019. 217 p.

SAHLINS, Marshall. **What kinship is (part two)**. Journal of the Royal Anthropological Institute, 2011. 227-242 p.

SALLES, Ana Claudia Oliveira. **Relação fraterna na fase adulta: significados atribuídos ao longo do tempo - um estudo de caso**. Orientadora: Rosane Mantilla de Souza. 2014. 87 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2014.

SALGADO, João; GONÇALVES, Miguel. **The dialogical self: Social, personal, and (un) conscious.** In: *The Cambridge handbook of sociocultural psychology*, 2007. 608-624 p.

SAMEK, Diana R.; RUETER, Martha A. **Considerations of elder sibling closeness in predicting younger sibling substance use: Social learning versus social bonding explanations.** *Journal of Family Psychology*, v. 25, n. 6, 2011. 931 p.

SAMPAIO, Izabela Tissot Antunes; VIEIRA, Mauro Luís. **A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, n. 2, 2010. 198-207 p.

SAMPAIO, Talita Santos Oliveira; SAMPAIO, Lucas Silveira; VILELA, Alba Benemérita Alves. **Conteúdos e estrutura representacional sobre família para idosos em coresidência.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, 2019. 1309-1316 p.

SANTOS, Luciano. **O Sujeito Encarnado: a sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Lévinas.** Ijuí: Unijuí, 2009.

SANTOS, M. **O retorno do território.** In: Santos, M.; Souza, M. A.; Silveira, M. L. *Território: globalização e fragmentação.* São Paulo: Hucitec, 2006. 15-20 p.

SANI, F., Herrera et al. **Comparing social contact and group identification as predictors of mental health.** *Br. J. Soc. Psychol.*, 2012. 781–790 p.

SARTI, Cynthia Andersen. **Família e jovens: no horizonte das ações.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, 1999. 99-109 p.

\_\_\_\_\_, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo.** São Paulo: Cortez, 2003a.

\_\_\_\_\_, Cynthia A. **Famílias enredadas. Família: redes, laços e políticas públicas,** v. 3, 2003b. 21-36 p.

\_\_\_\_\_, **A família como ordem simbólica.** *Psicologia USP*, v. 15, n. 3, 2004. 11-28 p.

SCHARP, Kristina M. **Family estrangement.** *Encyclopedia of family studies*, 2016. 1-4 p.

\_\_\_\_\_, Kristina M.; MCLAREN, Rachel M. Uncertainty issues and management in adult children's stories of their estrangement with their parents. **Journal of social and Personal Relationships**, v. 35, n. 6, 2018. 811-830 p.

SCHWARTZ, S. H. **Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries.** In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* New York: Academic Press, Vol. 25, 1992. 1-65 p.

SCHÖNPFLUG, Ute. **Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts.** *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 32, 2001. 174-185 p.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

SEMINOTTI, Nedio; CARDOSO, Cassandra. **As configurações vinculares no pequeno grupo potencializando e/ou limitando seu processo.** Vínculo-Revista do NESME, v. 4, n. 4, 2007.

SHANAS, Ethel. **Family-kin networks and aging in cross-cultural perspective.** Journal of Marriage and the Family, 1973. 505-511 p.

SHANAS, Ethel; TOWNSEN, P.; WEDDERBURN, D.; FRIIS, H.; MILHOJ, D.; STEHOUWER, J. **Old people in three industrial societies.** Abingdon: Routledge, 2017.

SILVEIRA, L. M. DE O. B. **O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família.** In WAGNER, A. (Coord). Família em cena: Tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002. 93-112 p.

SILVEIRA, SC da; FALCKE, D.; WAGNER, A. **A representação gráfica de meninos institucionalizados.** In: Anais do II Congresso da Sociedade Brasileira de Rorschach e outros métodos projetivos, 2000. 232-240 p.

SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms: Selected writings.** Chicago: University of Chicago, 1971.

SINGLY, F. **O eu, o casal e a família.** Lisboa: Dom Quixote, 2000.

SODRÉ, Fernanda; FORTIM, Ivelise. **A União de João e Maria: Uma Análise sobre a Relação fraterna positiva.** Hermes, n 20, 2015. 25-31 p.

SOUZA, R. M.; MACIEL JUNIOR, P. A.; LIMA, M. T. A. **A fratria na vida adulta.** In: GARCIA, A.; WILSON, J. E.; PEREIRA, F, (Orgs.). In: Relacionamento interpessoal - Temas contemporâneos. Vitória: UFES, 2013.

SOUZA, Cinthia Barreto Santos. **A poética da resiliência em família: vozes de dor que narram a beleza da superação.** Orientadora: Elaine Pedreira Rabinovich. 2015. 174 f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, Bahia, 2015.

SPITZ, René A. **Hospitalism. In: Successful Group Care.** Routledge, 2017. 133-155 p.

SPITZE, Glenna; TRENT, Katherine. Journal of Marriage and Family, v. 68, n. 4, p. 977-992, 2006.

STAFFORD, Laura; MEROLLA, Andy J.; CASTLE, Janessa D. **When long-distance dating partners become geographically close.** Journal of social and personal relationships, v. 23, n. 6, 2006. 901-919 p.

STAKE, Robert E. **The case study method in social inquiry.** Educational Researcher, v. 7, n. 2, 1978. 5-8 p.

STEIN, E. Estructura de la persona humana. In: E. Stein, **Obras Completas. Escritos antropológicos y pedagógicos.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2002. 555-749 p.

STIERLIN, Helm. **Psicanálise e terapia familiar.** Barcelona: Icaria, 1979.

STOCKER, Clare M.; LANTHIER, Richard P.; FURMAN, Wyndol. **Sibling relationships in early adulthood.** *Journal of Family Psychology*, v. 11, n. 2 1997. 210 p.

STRAUS, Murray Murray Arnold; GELLES, Richard J.; STEINMETZ, Suzanne K. **Behind closed doors: Violence in the American family.** Nova Jersey: Transaction Publishers, 1988.

SUITOR, J. Jill et al. **The role of perceived maternal favoritism in sibling relations in midlife.** *Journal of Marriage and Family*, v. 71, n. 4 2009. 1026-1038 p.

SULLOWAY, Frank J. **Birth order, sibling competition, and human behavior.** *In: Conceptual challenges in evolutionary psychology.* Dordrecht: Springer, 2001. 39-83 p.

SUTTON, Jane; AUSTIN, Zubin. **Qualitative research: data collection, analysis, and management.** *The Canadian journal of hospital pharmacy*, v. 68, n. 3, 2015. 226 p.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana.** *Psico-USF*, v. 7, n. 2, 2002. 195-200 p.

TEIXEIRA, R.B.D.; VALLE, T.G.M.; OLIVEIRA, A. L. **O olhar dos irmãos gêmeos sobre as relações familiares.** *In: MOREIRA, L.V.C. (Org). Relações Familiares.* Curitiba: CRV, 2016. 343-359 p.

TILLICH, Paul. **A concepção de homem na filosofia existencial.** *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, v. 16, n. 2, 2010. 229-234 p.

TOLKACHEVA, Natalia; VAN GROENOU, Marjolein Broese; VAN TILBURG, Theo. **Sibling similarities and sharing the care of older parents.** *Journal of Family Issues*, v. 35, n. 3, 2014. 312-330 p.

TOMAN, Walter. **Family constellation: Its effects on personality and social behavior.** Estados Unidos: Springer Publishing Company, 1993.

TOMASELLO, Michael. **The cultural origins of human cognition.** Cambridge: Harvard University press, 2009.

TRACY, Sarah J. **Qualitative research methods: Collecting evidence, crafting analysis, communicating impact.** Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2012.

TROLL, Lillian E. **Early and Middle Adulthood: The best is yet to be-maybe.** Ohio: Wadsworth Pub Co, 1985.

VALSINER, Jaan. **Culture and the development of children's action: A theory of human development.** Nova Jersey: John Wiley & Sons, 1997.

\_\_\_\_\_. DANTAS, C. **Socialization as co-construction: Parental belief orientations and heterogeneity of reflection.** Parenting and children's internalization of values, 1997. 283-306 p.

\_\_\_\_\_. **Culture and human development.** New Delhi :Sage, 2000.

- \_\_\_\_\_. **Culture in Minds and Societies**. New Delhi: Sage, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- \_\_\_\_\_. BRANCO, Angela Uchoa. **Cultural psychology of human values**. Paraná: IAP, 2012.
- VEIGA, F. H. et al. **Envolvimento dos alunos na escola e variáveis familiares: Uma revisão da literatura**. Estudos de Psicologia, v. 33, n. 2, 2016. 187-197 p.
- VICENTE, Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofati *et al.* **Representação de amizade e irmandade para filhos únicos: estudo exploratório utilizando o método clínico piagetiano**. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, 2013. 192-204 p.
- VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 2019.
- VOLKOM, Michele Van. **Sibling relationships in middle and older adulthood: A review of the literature**. Marriage & Family Review, v. 40, n. 2-3, 2006. 151-170 p.
- \_\_\_\_\_, Michele; GUERGUIS, Andrew J.; KRAMER, Allison. **Sibling relationships, birth order, and personality among emerging adults**. Journal of Psychology, v. 5, n. 2, 2017. 21-28 p.
- VOORPOSTEL, Marieke; VAN DER LIPPE, Tanja. **Support between siblings and between friends: Two worlds apart?** Journal of Marriage and Family, v. 69, n. 5, 2007. 1271-1282 p.
- VYGOTSKY, L. **História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores**. Cidade de Havana: Técnico Científico. v. 1, 1987.
- WAGNER, Adriana. **Passando a história a limpo: O impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 60-80 p.
- WEAVER, Shannon E.; COLEMAN, Marilyn; GANONG, Lawrence H. **The sibling relationship in young adulthood: Sibling functions and relationship perceptions as influenced by sibling pair composition**. Journal of Family Issues, v. 24, n. 2, 2003. 245-263 p.
- WEISNER, Thomas S. **Cultural and universal aspects of social support for children: Evidence from the Abaluyia of Kenya**. Children's social networks and social supports, 1989b.70-90 p.
- WHITE, L. **Sibling relationships over the life course: A panel analysis**. Journal of Marriage and the Family, n 63, 2001. 555-568 p.
- WHITEMAN, Shawn D.; MCHALE, Susan M.; SOLI, Anna. **Theoretical perspectives on sibling relationships**. Journal of family theory & review, v. 3, n. 2, 2011. 124-139 p.
- WIGGERS, Raquel. **Casa, família e pertencimento: a construção da pessoa em uma localidade no sul do Brasil**. Temáticas, v. 1, n. 42, 2016.

WILSON, Samuel M.; PETERSON, Leighton C. **The anthropology of online communities**. Annual review of anthropology, v. 31, n. 1, 2002. 449-467 p.

WINNICOTT, Donald Woods. **A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências**. In: Os bebês e suas mães, 1968. 79-92 p.

\_\_\_\_\_, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 1983. 268-268 p.

\_\_\_\_\_, D.W. **A experiência mãe-bebê de mutualidade**. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis. Explorações Psicanalíticas Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 195-202 p.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e Métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAJONC, Robert B.; MARKUS, Gregory B. **Birth order and intellectual development**. Psychological review, v. 82, n. 1, 1975. 74 p.

ZITTOUN, T. **Engendrements symboliques**. Devenir parent: Le choix du prénom. Cahiers de Psychologie et Education, Neuchatel, Suíça, n. 37, 2002. 512 p.

\_\_\_\_\_, Tania et al. **The use of symbolic resources in developmental transitions**. Culture & Psychology, v. 9, n. 4, 2003. 415-448 p.

\_\_\_\_\_, T. **Transitions Developpementales et Ressources Symboliques.:** Cahiers de Psychologie et Education, Neuchatel, Suíça, n. 40, 2004.17-26 p.

\_\_\_\_\_, T. **Transitions: symbolic resources in development**. Connecticut: Information Age Publishing, 2006.

\_\_\_\_\_, T. **L'usage de ressources symboliques**. Cahiers de Psychologie et Education, Nechatel, Suíça, n. 45, 2009.

\_\_\_\_\_, Tania. **A sociocultural psychology of the life-course**. Social Psychological Review, v. 18, n. 1, 2016. 6-17 p.

## APÊNDICES

### Apêndice A



### UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Mestrado/Doutorado em Família na Sociedade  
Contemporânea

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sou estudante do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Estou realizando uma pesquisa, com indivíduos residentes na Região Metropolitana de Salvador-Bahia, intitulada “Relacionamento fraterno em fase adulta: dinâmica e significado”, sob a

supervisão da professora Dra. Elaine Pedreira Rabinovich e Dra. Ana Cecília Souza B. Bastos, cujo objetivo é investigar a dinâmica e o significado do relacionamento fraterno para adultos ao longo do tempo a partir da utilização de recursos materiais e simbólicos. Esclareço que a relevância dessa pesquisa, justifica-se por ampliar o conhecimento sobre a importância do relacionamento fraterno em fase adulta e ao longo do tempo, podendo contribuir para que seja mais pesquisado e esclarecido entre pessoas adultas. Sua participação envolve em ser entrevistado por aproximadamente uma hora, com base em roteiro que contém perguntas disparadoras relacionadas ao tema. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo como também retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo.
- As entrevistas serão realizadas em local escolhido por você desde que esses ambientes sejam seguros com relação à privacidade. As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que a identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- As informações obtidas serão utilizadas apenas para os objetivos do estudo, salvaguardadas de confidencialidade e privacidade.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa decorrente de tal participação haverá ressarcimento por parte do pesquisador.
- O estudo oferece como benefícios: a reflexão sobre o convívio com os irmãos ao longo do tempo e em fase adulta. Além disso, os dados obtidos poderão fornecer subsídios para que esse tema seja mais investigado em nosso meio.
- Há o risco de você sentir-se constrangido pelo fato de serem abordados conteúdos íntimos da família. Caso isto ocorra haverá uma psicóloga, residente na cidade de Salvador Bahia, vinculada ao grupo de pesquisa FABEP Família (auto) Biografia e Poética do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UCSAL, Doutora e Mestre em Família a Sra Wanderlene Cardozo Ferreira Reis, **CRP 03/9934** que lhe fornecerá apoio de forma gratuita.
- Você receberá uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido. Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação entrar em contato com a responsável pela pesquisa Joana D'Arc Silva Santos tel. **(71) 992767438**. **E-mail: [joanasil2306@gmail.com](mailto:joanasil2306@gmail.com)**, com a Orientadora Elaine Pedreira Rabinovich ou com a Co-orientadora Ana Cecília Souza B. Bastos pelo tel. **(71) 3203-8967 / 8969**. **E-mail: [mfamilia@ucsal.br](mailto:mfamilia@ucsal.br)** ou endereço: Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador- BA, CEP: 40231-902.

Assinatura da

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via deste documento.

\_\_\_\_\_ BA, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ 2021.

Assinatura do participante ou responsável legal

\_\_\_\_\_



## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas

## Formulário coleta de dados Sóciodemográfico e familiares

Entrevistado no. \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Gênero: Masculino ( ) Feminino ( ) Outro ( )

Bairro de moradia \_\_\_\_\_

Número de irmãos \_\_\_\_\_ Homens \_\_\_\_\_ Mulheres \_\_\_\_\_

Posição na prole: Primogênito ( ) Caçula ( ) irmão do meio

Diferença de idade entre você e seu irmão mais velho: \_\_\_\_\_

Diferença de idade entre você e seu irmão mais jovem: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ensino fundamental completo ( ) incompleto ( ) ensino médio ( )  
completo ( ) incompleto ( ) ensino superior ( ) completo ( ) incompleto ( )  
\_\_\_\_\_

Ocupação atual: \_\_\_\_\_

Estado civil do entrevistado: Solteiro ( ) Casado com filhos ( ) sem filhos ( )

Com quem mora \_\_\_\_\_

Estado civil dos pais: solteiros ( ) Casados ( ) divorciados ( ) viúvo ( ) \_\_\_\_\_

Religião \_\_\_\_\_ Religião dos pais \_\_\_\_\_

Sua religião é a mesma de seus irmãos? \_\_\_\_\_

Renda familiar: 1 a 3 salários-mínimos ( ) 4 a 7 salários-mínimos ( )

8 a 10 salários-mínimos ( ) Maior que 10 salários-mínimos ( )

## APÊNDICE C

Tópico norteador para a narração

Fale-me sobre seu relacionamento com seus irmãos

Data: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

## Perguntas complementares

- Em que você e seus irmãos são semelhantes e em que são diferentes?
- Com frequência você tem contato com eles? Por quê? Conte-me mais....
- Há um irmão ou irmãos com quem você percebe que tem mais afinidade? Por quê?
- Como você percebe a relação com seus irmãos no passado e nos dias de hoje?
- Qual influência seus (s) irmãos exercem ou já exerceram em sua vida?
- O que você considera que fortalece seu relacionamento com seus irmãos?
- O que você considera que enfraquece seu relacionamento com seus irmãos?

ANEXOS

Anexo 1 PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** RELACIONAMENTO FRATERNAL EM FASE ADULTA: DINÂMICA E SIGNIFICADO

**Pesquisador:** Joana D'Arc silva santos

#### Área Temática:

**Versão:** 3

**CAAE:** 36581120.3.0000.5033

**Instituição Proponente:** Universidade Católica do Salvador

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.060.924

**Endereço:** Av. Luís Viana Filho 3146, 4º. andar -Torre Norte - Campus Paralela

**Bairro:** Paralela

**CEP:** 41.720-200

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3271-2740

**Fax:** (71)3271-2740

**E-mail:** [cep@unifacs.br](mailto:cep@unifacs.br)

### **Apresentação do Projeto:**

O dinamismo do relacionamento fraterno ao longo do tempo pode sofrer alterações que incidem na proximidade ou distanciamento entre os irmãos em fase adulta. Para muitos adultos e idosos o irmão é o único parente com o qual se tem uma história de vida comum e com quem se pode partilhar as memórias familiares. Os apelos parentais ou o apego de cada irmão com seu par pode ou não sustentar essa relação. Cabe, neste caso, um olhar investigativo sobre quais recursos materiais e simbólicos os irmãos podem se valer em fase adulta para que o relacionamento perdure mesmo diante de possíveis conflitos. Trata-se de um estudo que tem por objetivo investigar o relacionamento fraterno em irmãos. Terá uma abordagem qualitativa de caráter descritivo utilizando a estratégia investigativa (estudo de casos múltiplos com enfoque holístico, narrativas e memórias dos entrevistados). A coleta de dados será através de questionário estruturado.

### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo geral: Investigar a dinâmica e o significado do relacionamento fraterno para adultos ao longo do tempo a partir da utilização de recursos materiais e simbólicos.

Objetivos específicos:

- Investigar como adultos concebem o relacionamento fraterno e vivenciam sua dinâmica ao longo do tempo.
- Identificar os recursos materiais e simbólicos utilizados por indivíduos adultos no relacionamento

**Endereço:** Av. Luís Viana Filho 3146, 4º. andar -Torre Norte - Campus Paralela

**Bairro:** Paralela

**CEP:** 41.720-200

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3271-2740

**Fax:** (71)3271-2740

**E-mail:** [cep@unifacs.br](mailto:cep@unifacs.br)

UNIVERSIDADE SALVADOR -  
UNIFACS/BA

Continuação do Parecer: 5.060.924

fraterno ao longo do tempo.

-Discutir sobre o modo e as estratégias para a utilização desses recursos e o impacto que exercem na dinâmica fraterna ao longo do tempo.

-Analisar a disponibilidade diferenciada de recursos simbólicos e materiais, nos diferentes contextos de fratria e a maneira como são utilizados na prática do relacionamento fraterno.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Como risco, você pode se sentir constrangido pelo fato de serem abordados conteúdos íntimos de família. Como benefício: a reflexão sobre o convívio com os irmãos ao longo do tempo e em fase adulta. Além disso, os dados obtidos poderão fornecer subsídios para que esse tema seja mais investigado em nosso meio.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto foi modificado de acordo com o item 1.1 da carta circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS. Os dados serão coletados através de dois instrumentos: um questionário sócio demográfico e Entrevista Narrativa (uma questão disparadora).

Cronograma atualizado.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Adequado.

**Recomendações:**

De acordo com a resolução 466/2012, é responsabilidade do pesquisador elaborar e apresentar ao CEP via Plataforma Brasil, os relatórios parciais (semestralmente) e final da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Endereço:** Av. Luís Viana Filho 3146, 4º. andar -Torre Norte - Campus Paralela

**Bairro:** Paralela

**CEP:** 41.720-200

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3271-2740

**Fax:** (71)3271-2740

**E-mail:** [cep@unifacs.br](mailto:cep@unifacs.br)

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Mantido o parecer do relator.

De acordo com a resolução 466/2012, é responsabilidade do pesquisador elaborar e apresentar ao CEP via Plataforma Brasil, os relatórios parciais (semestralmente) e final da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Aut or	Situaç ão
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO _P	26/09/202 1		Aceit o

**Endereço:** Av. Luís Viana Filho 3146, 4º. andar -Torre Norte - Campus Paralela

**Bairro:** Paralela

**CEP:** 41.720-200

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3271-2740

**Fax:** (71)3271-2740

**E-mail:** [cep@unifacs.br](mailto:cep@unifacs.br)

Continuação do Parecer: 5.060.924

Básicas do Projeto	ETO_1531259.pdf	17:32:48		Aceit o
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Imagem2.pdf	26/09/2021 17:30:40	Joana D'Arc silva santos	Aceit o
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Imagem.pdf	26/09/2021 17:27:45	Joana D'Arc silva santos	Aceit o
Cronograma	cronograma2.pdf	26/09/2021 17:27:19	Joana D'Arc silva santos	Aceit o
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado2.pdf	26/09/2021 17:27:00	Joana D'Arc silva santos	Aceit o
Outros	termojoana2.pdf	13/06/2021 15:20:37	Joana D'Arc silva santos	Aceit o
Folha de Rosto	folhaassinada.pdf	22/06/2020 10:00:43	Joana D'Arc silva santos	Aceit o

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 25 de Outubro de  
2021

7

7

**Assinado por:**

**CLAUDIA REGINA DE OLIVEIRA  
VAZ TORRES**

**(Coordenador**